

CDU anuncia processo contra Krus Abecasis

A CDU anunciou hoje que vai apresentar uma queixa-crime contra o presidente da Câmara de Lisboa face à sua decisão de mandar retirar a propaganda eleitoral afixada nas ruas da capital. Pág. 9

VENDA DE AUTOMÓVEIS SUBIU UM TERÇO DE JANEIRO A ABRIL

Pág. 11

Diário de Lisboa

ANO 67

N.º 22 388

Terça-feira, 16 de Junho de 1987

Preço 40\$00

Nova cimeira com Gorbatchev provavelmente já no Outono

REAGAN ACEITOU RETIRAR MÍSSEIS

O presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, deu ordens aos delegados norte-americanos em Genebra para que negociem um plano para eliminar, à escala mundial, todos os mísseis de curto alcance dos Estados Unidos e da União Soviética, baseados em terra. Numa comunicação televisiva transmitida ontem à noite, Reagan declarou o seu apoio à chamada «dupla opção zero», ao abrigo da qual tanto os mísseis de médio com os de curto alcance serão banidos da Europa. A decisão do presidente norte-americano era esperada a partir do momento em a NATO deu o seu acordo à «dupla opção zero». O anúncio de Reagan abre agora as portas a uma nova cimeira entre os líderes das superpotências que, segundo se crê, terá lugar no próximo Outono, nos Estados Unidos. Págs. 12 e 13



Reagan discursando aos americanos: luz verde à retirada dos mísseis



SATA agrava diferendo entre Mota Amaral e Rocha Vieira

"VULCÃO" MANTÉM-SE EM ACTIVIDADE

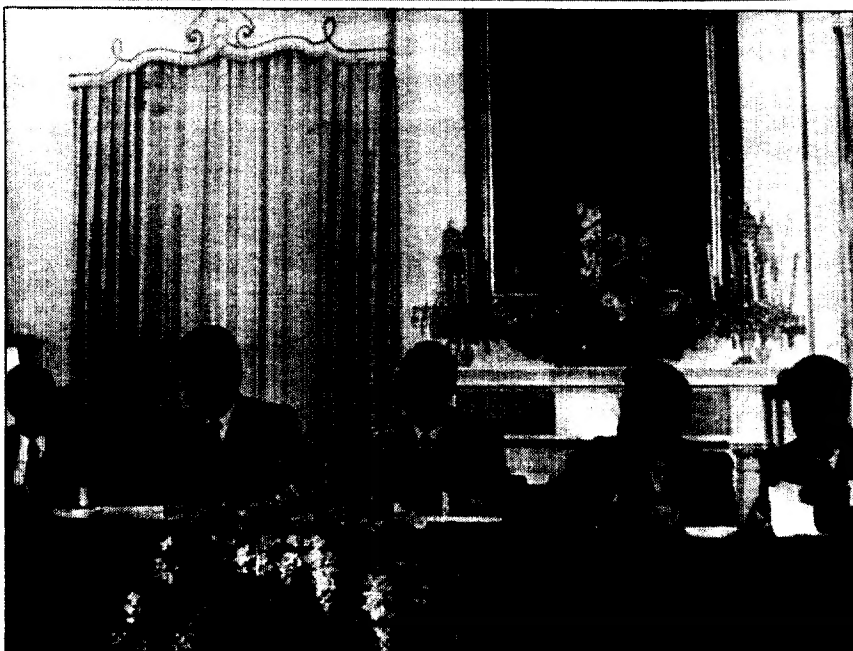
Mota Amaral não convidou Rocha Vieira para festa de aniversário da SATA

O diferendo entre Mota Amaral e Rocha Vieira entrou ontem numa nova fase, porque o presidente do Governo Regional não convidou o ministro da República para a festa comemorativa dos 40 anos do voo inaugural da SATA, que aliás tem estado no centro das últimas divergências. Pág. 4

Nova página nas relações com Portugal mas...

Ministros dos PALOP partem com desejos de acções concretas

Os ministros dos Negócios Estrangeiros dos «cinco» regressam hoje aos seus países esperançados num melhor relacionamento com Portugal e, sobretudo, em «acções concretas» por parte do Governo de Lisboa relativamente às actividades da Renamo e da Unita em território nacional. Pires Miranda considerou a visita dos «cinco» uma prova de «melhoria considerável» nas relações luso-africanas e Cavaco Silva garantiu que o seu Governo «tem feito tudo o que está ao seu alcance» para impedir acções em Portugal dos grupos anti-angolano e anti-moçambicano. Pascoal Mocumbi, porta-voz dos «cinco» falou da necessidade de acções que «traduzam os resultados da visita» e advertiu os empresários portugueses do perigo de «perderem o comboio» do investimento em África. Pág. 5



Júlio Semedo (Guiné-Bissau), Posser da Costa (S. Tomé e Príncipe), Pascoal Mocumbi (Moçambique), Silvino da Luz (Cabo Verde) e Afonso Dunen (Angola): quem parte de Portugal com promessas espera acções concretas

ELEIÇÕES EM ITÁLIA

Comunistas perderam tanto como os socialistas aumentaram

Os resultados das eleições em Itália acabaram por se saldar em algumas surpresas como foi a entrada dos «Verdes» no Parlamento. Assinala-se que o PCI, contra todas as expectativas acabou por registar uma descida de 21 lugares, exactamente o mesmo número de mandatos conquistados pelos socialistas. Págs. 12 e 13

IMPrensa UNE GOLFO

Copyright South Syndication Service C&C

Quando a companhia de Pesquisas e Estudos de Mercado da Arábia Saudita foi interrogada quanto à sua situação, um porta-voz declarou: «Estamos gratos a Deus pelo que temos». De facto, os irmãos Hisham e Mohammed Ali Hafiz têm a maior companhia editorial do Golfo, a qual é, sem dúvida, responsável pela sua enorme fortuna. Publicam três jornais e três revistas.

O campeão de vendas é **Asharq al Awsat** (Médio Oriente) com uma tiragem de 138 759 exemplares. **Arab News** (41 470 exemplares) é o jornal em língua inglesa mais divulgado no Golfo. **Al Muslimoon** (92 448 exemplares) é o diário internacional para os muçulmanos do Golfo, enquanto que o **Al-Majallah** é a revista semanal de notícias árabes internacionais.

Ali e Othman Hafiz fundaram **Al Madinah** em 1937; contudo, a família perdeu o controlo em 1964 devido a uma nova lei, a qual acabou com a propriedade privada e deu ao governo o controlo da Imprensa. Apesar do ocorrido, a família é ainda accionista da companhia.

Os filhos Hisham e Mohammed fundaram o jornal **Arab News** em 1976 e, dois anos mais tarde, criaram o **Asharq al Awsat**. Um dos principais accionistas é o Príncipe Salman bin Abdulaziz, irmão do rei Faisal.

Asharq al Awsat está sediado em Londres, contando igualmente com delegações em Paris, Marrocos e Nova Iorque, pensando-se já numa possível ramificação em Francfort.

Para o seu pessoal, este diário é o equivalente árabe do **International Herald Tribune** americano, pois oferece notícias internacionais e aponta para um mercado mais vasto do que os outros jornais sauditas. Certas pessoas acusam-no de pactuar ainda mais com o governo do que os jornais controlados pelo Estado.

Entre os seus rivais, contam-se o **Al Jazirah** (119 915 exemplares) e o **Ar-Riyadh** (130 000 exemplares), ambos sediados na Arábia Saudita.

Al Jarizah, um diário ligeiro, foi fundado em 1964 — sob as novas leis de Imprensa — por um grupo de jornalistas, académicos, financeiros e oficiais do governo. Cobre essen-

cialmente assuntos nacionais e tem um congénere vespertino para os leitores árabes.

A editora Corporação Al Jazirah de Publicações tem como presidente Abdullah Assudeiry, o embaixador da Arábia Saudita no Koweit. O presidente dos caminhos-de-ferro nacionais, Faisal al Shuban, é também director.

Considerado como um diário de qualidade, o **Ar-Riyadh** também foca essencialmente os assuntos nacionais. Surgiu como semanário em 1964, mas nos anos setenta converteu-se em diário. A sua editora, Al Yamamah Press Establishment publica igualmente um jornal diário, o **Al Yamamah**.

Nos Emiratos Árabes Unidos, gerou-se uma luta entre os jornais do Golfo. **Al Khaleej** (58 000 exemplares), o maior diário independente, está a encetar uma batalha de circulação com o seu rival árabe **Al Ittihad** (70 000 exemplares), um diário governamental.

O **Al Khaleef** lutou para se afirmar. Fundado em 1970, antes da independência, começou a trabalhar sob licença do Emirato de Sharjah.

Como não havia qualquer gráfica no local, era necessário imprimir o jornal no Koweit, e depois transportá-lo por via marítima até ao seu país. A constante pressão política obrigou-o a fechar um ano mais tarde, mas o **Al Khaleef** voltaria à vida em 1980.

Património da família Taryam, o jornal ganhou uma reputação de radical devido à sua cobertura crítica e visão pan-árabica dos assuntos e negócios estrangeiros. Os seus donos afirmam que o diário exerce «uma influência moral e política» para além de ter grangeado um indubitável «prestígio nos círculos governamentais».

O jornal defende e promove as ideias federais e não os pontos de vista regionais.

Al Khaleef é vendido em várias capitais europeias, sendo amplamente divulgado noutros estados do Golfo, afirmando também, ser o jornal árabe com maior tiragem diária no Bahrein.

Os seus donos exercem uma influência política e económica: Rashid Omran Taryn foi directo do Departamento de Negócios Estrangeiros e o seu irmão Abdullah foi ministro da Educação e director de várias companhias sediadas em Sharjah. Embora não revele o seu poder económico, a editora tem alcançado êxitos consideráveis, os quais têm revertido a favor dos jornais, no intuito de catapultar o número de vendas.

Outro rival nesta luta de publicações em língua árabe é o diário governamental **Al Bayan** (20 000 exemplares). Existem também dois pequenos jornais independentes, o **Al Fajr** (5000 exemplares) e o **Al-wahds** (5000 exemplares).

No que diz respeito à língua inglesa, outro título importante é o **Khaleef Times** (44 000 exemplares). Fundado em 1978, tem sede em Dubai e é publicado nos Emiratos Unidos, no Bahrein, Oman, Qatar e Arábia Saudita.

A publicação privada de jornais no Koweit começou em 1961, quando o país se tornou independente da Inglaterra. Desde então, vários jornais surgiram e têm lutado por manter uma tiragem satisfatória.

Contudo, têm de funcionar sob uma severa censura; os agentes do governo são os próprios a definir os assuntos publicados pelos jornais.

O campeão de vendas é o **As-Seyassa** (80 000 exemplares). O seu dono, Dar al-Sayassa, é o maior editor do Koweit, publicando igualmente o **Arab Times**, **Al Hadaf** e o semanário **Mirat al Umma**.

Logo atrás do **As-Seyassa** vem o diário **Al Qabas** (75 626), uma publicação internacional fundada em 1972 pelo poderoso Ghassem as-Sakr. Tem crescido rapidamente nos últimos dezoito meses, contando já com delegações em muitas capitais europeias.



Rosário Saraiva
19 anos
estudante (11.º — Humanísticas)

"Estou satisfeita com a vida"

Satisfeita com os estudos?

— Não muito. Há graves lacunas no ensino. As coisas não podem correr bem quando muitos dos professores só estão a dar aulas porque não conseguiram arranjar mais nada e não gostam do que fazem. Isto diminui a qualidade do ensino, claro.

Mas não é problema exclusivo, pois não?

— Há outros. A questão das instalações também está complicada. Ando no Liceu Pedro Nunes e há salas em que temos de abrir os guarda-chuvas para não levarmos com bocados do tecto em cima. Uma vez até foi lá a Televisão para filmar aquilo e o presidente do Conselho Directivo pôs-se toda a tarde no portão para os impedir de entrar. Ele não faz nada para melhorar as coisas na escola. Até o corrimão das escadas, que é de ferro, dá choque quando chove, é incrível.

O Conselho Directivo não faz nada do que devia. Por exemplo: o Ministério dá uma determinada soma às escolas secundárias para as despesas das listas que se candidatam às Associações de Estudantes, mas no Pedro Nunes não lhes entregam nada.

Mais coisas que estão mal, no ensino...

— O 12.º ano. É desnecessário, e agora ainda por cima querem acrescentar mais duas disciplinas. Procura-se limitar ao máximo os acessos à Universidade, para que Portugal não seja um país de doutores.

Bom, e satisfeita com a vida estás?

— Sentimentalmente sim, apesar de ninguém conseguir ser completamente feliz. Mas sim, estou satisfeita, encontrei uma pessoa que me ama.

É importante, o amor?

— É fundamental, mas qualquer sentimento só pode prevalecer se primeiro existir verdadeira amizade, com incentivos mútuos. É o que acontece connosco: para além do amor, ele deu-me amizade.

Quando os filhos começam a namorar mais seriamente os pais não ficarão com um certo temor?

— Ficam, claro. A minha mãe teve medo que eu chumbasse, mas não houve problema. Os pais têm sempre tendência a superprotegerem os filhos, sobretudo quando são únicos como eu. Vêem que o filho cresceu e isso é-lhes difícil de encarar, de modo que não aceitam bem a entrada de outra pessoa na vida dele.

É uma nova fase da minha vida. Sou muito romântica, já gostei doutras pessoas, mas nunca tinha havido esta reciprocidade. É como um «puzzle» com duas peças que se encaixam. Estou satisfeita, sim senhor.

E com o mundo, como vão as tuas relações?

— Com o mundo não estou satisfeita. A maioria das pessoas é egoísta, por exemplo. E não aceito que seja um grupo de homens à volta de uma mesa que decida por milhões, gastando dinheiro em armamentos quando tanta gente morre de fome. Gostaria de mudar a sociedade, mas não sei se posso.

SE OS JOVENS PUDESSEM...

Notas de pré-campanha

①

A percentagem das abstenções nas últimas eleições para a Assembleia da República foi elevada. Ultrapassou os 27 por cento. Quanto ao significado político de um tão elevado número de abstencionistas entre os eleitores inscritos, as interpretações não coincidem. Na expectativa do próximo acto eleitoral sucedem-se os apelos e exortações, à «direita» e à «esquerda», mas nenhum até hoje mais veemente que o de D. Manuel da Silva Martins, bispo de Setúbal.

Num artigo intitulado «Eleições - Breve Reflexão», e que foi publicado num órgão diocesano, o bispo de Setúbal escreveu: «Quem não vota não tem direito a exigir seja o que for da sociedade, como igualmente não pode queixar-se de nada...» Considerando D. Manuel da Silva Martins que, por essa recusa em participar numa consulta eleitoral, o cidadão «preenche o retrato do perfeito egoísta» e revela a pretensão de que «todos tratem de si e dos seus problemas», mas «recusando prestar, por sua parte, o contributo que mais lhe estava à mão», não deixa o bispo de Setúbal de acentuar que «o voto, acto responsável e importante, exige séria reflexão pois nem todos os projectos de sociedade apresentados pelos partidos são aceitáveis. À partida e sempre, não devemos esquecer que os partidos que ignoram ou recusam qualquer referência a Deus, perdem a legitimidade de falar de dignidade e de liberdade do homem».

Se a condenação da abstenção, que leva o bispo de Setúbal a lembrar «que um voto... pode valer um deputado e um deputado pode manter ou derrubar um Governo», é de aplaudir, não se afigura feliz a clerical exigência de os partidos se referirem a Deus para, com essa referência, ganharem «a legitimidade de falar de dignidade e de liberdade do homem». Crentes e incrédulos portadores da mesma dignidade cívica e são titulares dos mesmos direitos. O serviço do Homem — e de Deus — recomenda que, sem distinções, sem discriminações, se aceite o clamor de «que os nossos pobres não podem esperar mais». A dignidade e a liberdade do homem, dos homens, impõe que se pense nos pobres: «Os pobres são os sem trabalho, os sem casa, os sem salário, os sem acesso à

escola e à saúde digna e tantos que vão desesperando de encontrar quem ouça a sua voz... ou quem lhe dê voz».

Mas o pensar nos pobres e o apelo à participação eleitoral não devem ser condicionantes e condicionados. Votar, mas em liberdade. A liberdade do eleitor é um valor democrático. Todas as pressões, profanas e sacras, laicas ou clericais, são negativas. Todo o «marketing» eleitoral tende a influenciar o voto livre.

Será que existe o voto plenamente livre, rigorosa expressão da vontade do cidadão autónomo?

②

A declaração de «Coragem» teve, pelo menos, o mérito de despertar alguns — partidos, militantes de partidos, cidadãos — para a realidade de que não surgirá uma «maioria de esquerda» com projecção efectiva na vida política nacional e consequências governativas da campanha eleitoral conduzida em âspersos termos concorrenciais e envenenada por um polemismo intenso (e ingénuo). A concepção de uma «virgindade política» — partidos puros e partidos impuros — é um mito sorridente e ineficaz, não tem mordente nas vastas camadas da opinião pública. Exaltações e indignações serão adormecidas pelos factos ou terão que reconhecer limites. Embora, em muitos casos, tardiamente.

Condenar o «voto útil» é democrático. Mas é imprudente. Não podemos ignorar que nas condições concretas em que estamos a construir a Democracia é possível considerar um «voto preferencial» como instrumento de uma «estratégia política de Esquerda».

Livre será a Esquerda — a dos pequenos e a dos grandes partidos — de não ter como estratégia, de ser, na verdade do seu comportamento, contrária a uma «maioria de Esquerda». Mas é necessário que tenha a coragem política de confessar que não se interessa por racionalizar e garantir uma maioria de Esquerda, que se contenta com uma competição sem futuro.

O futuro da Democracia de Abril não pode ser abandonado ao exercício legítimo de acentuar diferenças, exige que se procurem, e consolidem, as convergências. Se é duvidoso que o PSD alcance a maioria parlamentar que lhe permita governar, não é duvidoso, porque é evidente, que só por si, isolados e

insolidários, nem o PS, nem o PRD, nem a CDU terão força parlamentar para constituírem Governo de alternativa democrática.

As cartas estão na mesa. É agora mais claro que é necessário não só concertar uma estratégia para o acto eleitoral de 19 de Julho, como é necessário que a concertação imponha uma vontade política de convergência no dia 20 de Julho.

③

A coragem afirmativa dos «críticos» — dirigentes partidários, analistas dos jornais, videntes, profetas —, essa sim, é invejável. Na divisão da humanidade em bons e maus, em navegadores de todos os mares e «náufragos», os rótulos são atribuídos, decifradas as intenções, o preto bem impresso sobre branco. E eles escrevem, eles percebem, eles sabem! É profunda a sua análise, longo o alcance das suas previsões. São um espanto!

Não nos impressionemos com as diatribes. As caravanas passam. E as eleições vão passando. Estamos já democraticamente habituados. Somos 70 por cento dos eleitores inscritos a praticar o rito. Mas a Democracia não pode encontrar satisfação plena na sua redução a um rito repetido. A construção da Democracia é uma tarefa nacional, colectiva, presente, inadiável.

Compreender o sentido e as exigências da construção da Democracia é um problema que nos excede enquanto «partidários». Nenhum partido político português está em condições — quanto ao projecto político, quanto à força militante, quanto à influência nacional — de propor e impor soluções adequadas ao momento, à conjuntura, à correlação.

A militância partidária é uma franja mínima num tecido social que aderiu maioritariamente ao formalismo democrático, mas que, maioritariamente também, não foi atraído à prática democrática. Esvaído o «poder popular» no seu radicalismo, foi reduzida, autoritariamente, a prática democrática participativa. Resta a experiência autárquica. O seu carácter positivo não pode ser um alibi para manter o centralismo, o burocratismo, o tecnocracismo, e outros travões. A Democracia é plural e participativa. E é — como António Sérgio disse — uma marcha para a Esquerda.

Os históricos

Vasco da Gama Fernandes

1. Desde já quero esclarecer que a coisa não é comigo, o que não quer significar que um dia não me calhe na rifa. Pelo contrário até estou muito contente em pertencer à galeria pois que esta história de não querer ser velho é uma forma que arranji para andar bem disposto, sem qualquer incómodo. Estou no partido que todos sabem e ainda ninguém me pediu o cartão de identidade... Obrigadinho!

Infelizmente isso não tem acontecido com um ou outro meu tempo, que estavam guardados noutros sítios para sofrer as injustiças de alguns cristãos-novos que andavam de bibe ou com a farda da Mocidade Portuguesa quando os outros já haviam sofrido as inclemências da sua dureza moral.

Em matéria de inclemências, suportadas com ânimo viril e sacrifício foram tantas que já constituem páginas no historial das lutas contra o fascismo.

Recordemos, por desfastio:

Quando a ditadura militar se instalou em Portugal, derrubando um governo democraticamente maioritário, os tais velhotes ou acabavam o curso do liceu ou começavam a sen-

tar-se nos bancos da Universidade, ou nos bancos das oficinas. De chofre, desamparados e quase isolados, surgiu uma geração que se dispôs desde logo a trilhar os segredos do Aljube ou eram segregados tomando o caminho umas vezes da deportação e cedo alguns também procuravam ares novos nas estradas dos exílios. Outros ainda ficaram mas não desistiram: organizaram-se em escassas minorias, afrontaram mestres e patrões, encabeçaram anos dos seus cursos, encabeçaram os movimentos cívicos e deram-se até ao luxo de enfileirar nas ondas revolucionárias, em fracassos sucessivos.

Acompanhados por outros mais velhos, mas igualmente ponderosos, colocaram-se nas primeiras filas dos combates desiguais. Isto é, vendidos mas nunca convencidos.

A ditadura perseguia com os intervalos demoníacos da guerra em Espanha e depois na luta aberta da última conflagração. Rodeados de todas as dificuldades entravam nas cadeias e uma vez libertados prosseguiram com redobrada vontade. Tomaram parte como podiam em todas as tentativas que pusessem termo aos anos

que se aproximavam de expiação e dolorosas vigílias.

Quando em 25 de Abril de 1974 os jovens capitães derrubaram o regime de excepção, que nos levou a guerras coloniais e atormentou a consciência dos portugueses com um sistema fascistoide, determinado e pouco disposto a transigir, a verdade é que se os tais históricos não estiveram em maioria na trincheira libertadora, a verdade também é que foram eles que prepararam o ambiente, contribuíram pela sua hombridade e decisão, tornaram possível a consagração nacional do evento. Muitos outros mais velhos, ou mais novos, nunca desistiram e quando a liberdade vingou foram eles que surgiram no fascínio dos governos e das Assembleias Legislativas, empenhando o facho das reivindicações do povo mistificado.

2. As novas gerações prestes emergiram com a idade dos nossos filhos de forma surpreendente e como consequência milhares deles atravessaram também as horas tenebrosas dos exílios e das prisões, continuando o exemplo de seus pais ou de seus avós, todos portadores da mesma tenaci-

dade e desenvoltura.

Os cristãos-novos, alguns, bem poucos, retomaram as luzes da insubmissão e souberam honrar a tradição que jamais foi confiscada.

Não se considere a irreverência natural como a injustiça aviltante.

Os históricos estavam bem representados!

Dest'arte não se critica nem as irreverências e as inconformidades. Mas uma coisa são as virtudes da juventude e outra diferente o esquecimento que rouba a injustiça.

Há poucas horas um dos meus históricos ofendidos perguntava se teria valido a pena tanta vigília. Claro que valeu a pena porque o resto são ondas passageiras e a mocidade conhece os segredos do reconhecimento. O resto são excepções que, embora agridas, não ofendem.

A ditadura devorou ou quis devorar, aqui sem êxito, nada mais nada menos do que três gerações que percorreram os quase cinquenta anos de demissão.

Não quero molestar seja quem for mas em meu dever de um histórico até agora não contestado de chamar a atenção para os que ou não sabem ou não querem saber o que foram as

épocas incertas de uma confrontação sem armas, a não ser as da razão e da persistência.

Reconhece-lhes o direito de uma opinião mas também não lhes reconhece o direito de serem injustos.

Estão-nos guardadas ainda horas de muitas provações, tendo à frente os inimigos implacáveis do restauracionismo. Debalde porque os históricos estendem as suas mãos fraternas a todos quantos sobem para a vida mas pedem este pouco: bom senso, espírito de equidade porque só todos juntos é que conseguiremos que se frustrem as tentativas negativas que nos poderiam levar à desgraça e aos desenganos.

Quem anda na política, «mala cosa» como dizem os espanhóis, há-de ser sempre fértil de situações lamentáveis, mas uma coisa é certa: todos juntos chegamos e sobejamos e o contrário seria fazer o jogo dos que não desistem de serem maus ou perdidos.

Que venham pois para a mesma trincheira os novos e os velhos.

Fomos nós que aguentámos e não seremos nós que praticaremos a ignomínia da deserção!

"Guerra" Mota Amaral-Rocha Vieira não tem emenda

ADIVINHE QUEM FALTOU AO ANIVERSÁRIO DA SATA?

Mota Amaral voltou ontem, a atacar a República e o Governo Central, durante a sessão comemorativa do 40.º aniversário do primeiro voo da Transportadora Aérea Regional dos Açores, a SATA-EP. A pretexto de uma efeméride que em princípio, e em condições normais, não seria justificação para declarações violentas, o chefe do Executivo açoriano aproveitou para acentuar a necessidade de identificar a companhia com a Região Autónoma. O ministro da República para os Açores não foi convidado para a cerimónia, apurou esta manhã o «DL» junto do chefe do seu Gabinete, comandante Brito e Abreu.

O presidente do Governo Regional dos Açores salientou a necessidade da companhia, SATA-EP, ostentar as cores regionais: azul, branca e amarela. Por elas e para mudar a sua designação para SATA — Air Açores remeteu m decreto regulamentar ao Ministro da República que, naturalmente, o vetou. Fê-lo, o brigadeiro Rocha Vieira, por o mesmo não se integrar nos normativos constitucionais. Porquanto um decreto regulamentar, como aqui já foi frisado, não pode derogar um decreto-lei. Mota Amaral argumenta — e como jurista sabe que não tem

razão — que o Governo Regional tem poderes para legislar sobre as empresas públicas regionais. Mas a SATA-EP, que existe há quarenta anos, é uma EP — Empresa Pública, logo criada por decreto-lei, sendo este da competência do Governo Central.

«O Governo Regional reacendeu artificialmente o problema por causa da visita do Primeiro-Ministro», disse ao «DL» o chefe de gabinete do Ministro da República para os Açores, comandante Brito e Abreu, num breve comentário à questão, lembrando que é um problema com muitos anos e do

qual nenhuma culpa cabe, obviamente, a Rocha Vieira.

«Não se trata de uma luta pessoal, mas de um problema que é da República. Aliás — acrescentou o comandante Brito e Abreu —, se o Governo Regional quiser, se eles quiserem, os seus membros, cria situações deste ipo com o envio de diplomas inconstitucionais; de decretos regulamentares que o Ministro da República naturalmente rejeita.»

Papel da SATA na unidade das ilhas

Ainda na cerimónia do 40.º aniversário do primeiro voo da SATA-EP, Mota Amaral atribuiu grande importância, na unidade entre as ilhas, ao papel da companhia, que, por decreto regulamentar regional devolvido pelo Ministro da República ao Governo Regional (nos termos da alínea B do art.º 229, conjugado com o art.º 234 da Constituição), passaria a designar-se «SATA — Air Açores».

Usando da palavra na mesma sessão, o secretário Regional dos Transportes e Turismo preconiz-

ou modernização e expansão da frota da companhia, porque a SATA — disse Tomás Duarte — precisa de voar para o exterior.

Pacheco de Almeida, presidente da companhia, defendeu, por seu lado, que se tem agido de «má vontade» para com os projectos da SATA.

O veto do ministro da República ao decreto governamental regional de novo estatuto para a empresa «é indiciador» das dificuldades que se têm deparado à expansão da companhia, que tem tido «dificuldades em avançar por não ter sido possível receber o acordo do Governo da República».

Completaram-se agora 40 anos depois de a SATA ter efectuado o seu primeiro voo entre as Ilhas de S. Miguel e Santa Maria, num avião «Beechcraft», com capacidade para seis pessoas.

Daí para cá voaram já para a Transportadora Aérea Açoriana, que escala regularmente oito das nove ilhas do arquipélago, aparelhos tipo «Dakota», «DC6», «Dove» e «Avro».



Mota Amaral e Rocha Vieira: um diferendo que se mantém

A frota da companhia compõe-se actualmente de três turbo-hélice «Avro», devendo incluir no Verão um primeiro avião a jacto fretado, um «BA-146».

Com esta aeronave, a SATA exige efectuar voos não regulares para o continente e a Região Autónoma da Madeira.

GR satisfeito MDP contra Cavaco

O Governo Regional considerou «fundamentalmente positivos» a «forma e resultados» da visita de três dias que o Primeiro-Ministro fez ao arquipélago. O MDP-CDE, por seu turno, acusou o Governo de Cavaco de «centralista e arrogante».

O GR, num comunicado ontem distribuído em Ponta Delgada, afirma que a viagem permitiu ao Governo da República «o contacto com as realidades económica, cultural e geográfica dos Açores, que moldam a diferença da identidade

açoriana. Os contactos localmente estabelecidos pelo Governo de Cavaco Silva permitiram resolver problemas pendentes e abrir novas vias de diálogo e novas áreas de cooperação» de interesse para as ilhas — acrescenta o mesmo texto.

Em reunião com a Comunicação Social, o cabeça de lista do MDP/CDE afirmou, por sua vez, que Cavaco Silva foi «herdeiro de uma conjuntura económica vantajosa como desde Abril de 1974 não existiu para nenhum Executivo». Apesar disso — acrescentou —, «não fez mais do que, com algumas migalhas, enganar quem nada tem, quem do futuro apenas negras perspectivas possui».

Francisco Borges Coutinho apresentou em Ponta Delgada o manifesto eleitoral do MDP/CDE, considerando ainda o comportamento do PSD como «despudorado» ao utilizar membros de um Governo de gestão como pontas de lança de uma campanha que só para eles começou.

Alegando com preferências chinesas

Monjardino quer governador que conheça bem Macau e garanta continuidade

O encarregado do Governo de Macau, Carlos Monjardino, declarou à agência Lusa que o futuro governador deveria ser «alguém que conhecesse o território e que mantivesse a sua continuidade administrativa».

Para este responsável, as autoridades chinesas preferem que exista continuidade administrativa no território, opinião partilhada pelos meios económicos e pelo presidente da Assembleia Legislativa, Carlos Assunção.

«Rápida ou não, a substituição do governador Pinto Machado não acarretará hiatos na administração», disse, sublinhando que «não há pressa em tomar uma decisão».

Monjardino, naquelas funções após a resignação do governador Pinto Machado, recordou que Portugal tem de ratificar o acordo luso-chinês na Assembleia da República, em Outubro, para que se iniciem os trabalhos do grupo de ligação luso-chinês.

«Há uma grande quantidade de decisões de fundo a tomar em relação a este território que não pode ser adiada», disse, acrescentando que «não se deve marcar passo nos próximos seis meses com uma equipa que não conhece os problemas do território».

Para Monjardino, que também ocupa o cargo de secretário ad-

junto para a Economia, nunca houve na história do território um período tão importante como o actual.

Segundo Monjardino, deveria ter-se em conta a opinião de Macau e dos seus habitantes e forças representativas na nomeação do 126.º governador do território.

Depois de referir que a administração do território está financeiramente «folgada», com uma taxa de cobertura das importações pelas exportações superior a 100 por cento, Monjardino disse que o Governo de Macau está a tentar sensibilizar os empresários portugueses para a importância económica do território.

«Portugal tem uma dívida de 435 anos de marasmo e indiferença para com Macau», afirmou, referindo que Lisboa «tem todas as condições» para se impor no Pacífico através do território.

«Com o meu feitio, custa-me muito a aceitar que não aproveitemos esta oportunidade histórica», disse.

O período de transição de

poderes começará com a troca dos instrumentos de ratificação em Setembro-outubro.

Com a entrada em vigor do acordo entra-se automaticamente no período de transição.

Segundo o presidente da Assembleia Legislativa, Carlos Assunção, a primeira condição do novo Governo de Macau é que ele seja capaz de executar fielmente o acordo e que obviamente concorde com o seu texto.

Para Assunção, Portugal tem 12 anos à sua frente, o que é um prazo apertado para justificar tempos mortos.

«Para evitar esses períodos mortos, o Presidente da República tem de assegurar uma solução de continuidade de políticas já aprovadas pela Assembleia Legislativa», disse.

«Isso implica que a nova administração não ponha em causa tudo o que se fez até aqui», afirmou, acrescentando que «a haver mudança ela terá de ser escalonada no tempo».

«Os chineses aceitam qualquer nome apontado pelo Presidente, embora prefiram determinado perfil», afirmou, sublinhando que o Hong-Kong, quando muda o governador permanecem todos os secretários do Governo.

O território de Macau será



Pinto Machado: um vazio de sucessão

transferido para a soberania da República Popular da China a 20 de Dezembro de 1999, passando Macau a constituir uma região administrativa especial gozando de ampla autonomia.

O sistema económico, político e jurídico do território vigorará como até agora nas cinco décadas posteriores ao período de transição.

Assembleia Legislativa analisou sucessão de Pinto Machado

Uma comissão da Assembleia Legislativa de Macau reuniu-se ontem para estudar o perfil do futuro governador, devendo apresentar hoje o seu parecer ao plenário.

A comissão, constituída pelos deputados Neto Valente, Rui Afonso, Lonel Alves e Alexandre Ho, baseia o seu trabalho no parecer elaborado o ano passado, quando a Assembleia Legislativa se pronunciou no processo de nomeação de Pinto Machado.

Nesse parecer, a Assembleia considerava que o governador do território deveria reunir «dez predicados comuns» e «doze qualidades específicas».

O parecer aprovado o ano passado refere que um governador de Macau deverá ter «maturidade, equilíbrio, experiência e sentido das responsabilidades, capacidade de decisão ponderada, espírito aberto ao diálogo e à procura de consensos, insensibilidade a compadrios, determinação e coragem para suprir deficiências, apurar responsabilidades e introduzir as reformas que se revelarem necessárias ou convenientes».

Quanto às qualidades específicas que a Assembleia entendeu que o governador deveria reunir, o parecer de 1986 refere «capacidades para administrar Macau de forma a incrementar as relações amistosas existentes entre

Portugal e a República Popular da China, garantia de uma administração que seja partidariamente isenta, que coloque o território ao abrigo de rivalidades ou confrontos decorrentes da dinâmica política dos partidos em Portugal e que estimule a participação esclarecida de todas as forças sociais de Macau».

O parecer salientava ainda como qualidades específicas, «a compreensão da situação específica de Macau e do contexto geopolítico em que está integrado».

Ontem o onseheiro de Estado, omes Mota, enviado do Presidente da República para contactar as forças vivas do território com vista à nomeação do futuro governador, reuniu-se em audiências separadas com o secretário adjunto para o Equipamento Social, Carlos Dias e as Associações Comercial de Macau, de Exportadores, de Construtores Cívicos e de Defesa de Macau (ADIM) — associação que tem um protocolo de colaboração com o CDS.

Gomes Mota encontra-se hoje com o Centro Democrático de Macau (organização que tem um protocolo de colaboração com o PS), comandante das forças de segurança de Macau e a Associações de operários, de moradores, e de beneficência — Tong Sin Tong, e do Hospital Kiang Wu.

PRD propõe plano nacional de habitação

A criação de um plano nacional de habitação, onde se inclui a alteração da actual legislação urbanística, foi defendida ontem pelo presidente do PRD, Ramalho Eanes. A defesa desta iniciativa foi feita em Lisboa durante a apresentação da proposta eleitoral do partido para as áreas de Habitação e Urbanismo, no edifício da Avenida Duque de Avila onde irá funcionar a sede nacional da campanha.

«Ninguém acredita que o eng. Abecasis construa 20 mil fogos em cinco anos, como ninguém acredita que o PS iria conseguir abolir o numeros clausus se fosse governo», comentou em tresponto o dirigente Carlos Lilaia. Teresa Barata Salgueiro, principal responsável pelas propostas do PRD sobre habitação afirmou, por seu turno, que, segundo as estatísticas, existem cerca de 18 mil barracas na capital, enquanto o presidente da Câmara Municipal diz que são 10 mil. Admitiu, no entanto, que estes dados dependem do conceito dos diferentes organismos.

Teresa Barata Salgueiro criticou também o programa de subsídios de renda do Governo de Cavaco Silva: «As verbas gastas em publicidade ao subsídio no último ano são superiores aos subsídios de renda efectivamente concedidos», acrescentou.

O PRD propõe assim, como medidas a curto prazo, a alteração das competências e formas de funcionamento das comissões de acompanhamento da elaboração dos planos directores municipais, a simplificação processual do licenciamento urbanístico e a elaboração de uma carta actualizável dos valores fundiários. Porquê ainda o relançamento do programa de recuperação de imóveis degradados (PRID), o aperfeiçoamento do sistema de crédito à compra de casa própria e a efectiva extinção do ex-fundo de Fomento de Habitação, entre outras medidas nos domínios institucional e da indústria de construção.

Renamo e Unita trouxeram os "cinco" a Lisboa

PAÍSES AFRICANOS ESPERAM ACÇÕES CONCRETAS DE LISBOA

«Abriu-se uma nova página» no relacionamento entre Portugal e os países africanos de expressão portuguesa, considerou o ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique, Pascoal Mocumbi, comentando a visita que os «cinco» fizeram a Lisboa para contactos com representantes do Estado e com partidos políticos.

Mocumbi, que falava no final do jantar oferecido por Pires de Miranda aos seus homólogos de Angola, Cabo Verde, Guiné, Moçambique e S. Tomé e Príncipe, respondia ao brinde de Pires de Miranda para quem a simples presença dos «cinco» em Lisboa provava «a evidência, que as relações entre os cinco países e Portugal tinham melhorado consideravelmente».

«Esperamos acções»

O ministro moçambicano, que chefiou a missão dos cinco dirigentes africanos, manifestou, entretanto, o desejo de que os resultados desta visita, que hoje terminou, «se traduzam em acções, pois a prática é, como sempre, o critério da verdade».

«Viemos aqui colocar mais um tijolo no edifício das relações entre Portugal e os Cinco para que esse edifício seja sólido e para que todos os escombros sejam progressivamente eliminados», disse ainda Mocumbi.

O ministro português acentuou, por sua vez, que as conversas havidas foram «extremamente úteis, porque permitiram verificar que aquilo que nos une é muito mais importante do que aquilo que eventualmente nos dividirá» e acrescentou «ter a certeza que esta iniciativa trará os seus frutos no futuro».

Aludindo à sugestão de contactos regulares entre os ministros dos Negócios Estrangeiros de Portugal e dos «cinco», Pires de Miranda sublinhou ser possível nessas reuniões

«analisar francamente as dificuldades, porque elas vão sempre existir, mas existe um vasto campo de interesses comuns que é preciso explorar».

Cavaco: «limitações não compreendidas»

O Primeiro-Ministro esteve reunido duas horas, na manhã de ontem, em S. Bento, com os cinco ministros africanos, portadores de uma mensagem de Joaquim Chissano, presidente de Moçambique e coordenador em exercício do grupo dos «cinco».

Refere Chissano na sua carta que os cinco «acreditam profundamente que Portugal tem um papel positivo a desenvolver quer no reforço da cooperação bilateral ou multilateral, quer na difusão de uma imagem real da situação de estabilização e de agressão promovida pela África do Sul, em particular contra a República Popular de Angola e a República Popular de Moçambique».

No final do encontro e do almoço que ofereceu aos cinco ministros africanos, o Primeiro-Ministro avistou-se com os jornalistas a quem referiu a existência de «perspectivas de uma cooperação mais forte para o futuro» entre Portugal e aqueles países.

Numa alusão à Unita e à Renamo, e furtando-se às perguntas dos jornalistas, Cavaco disse que o seu Governo tem «feito tudo o que está ao seu alcance para impedir que grupos dirijam acções em Portugal contra os Governos de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e S. Tomé



Os cinco ministros dos PALOP, ontem, depois da reunião com Cavaco

e Príncipe». Acrescentou, porém, que existem limitações na acção do Governo, «nomeadamente as que resultam do nosso regime democrático e da liberdade de Imprensa em Portugal, que nem sempre são bem compreendidas».

«A palavra dos que dirigem...»

Antes do almoço com Cavaco, os «cinco» avistaram-se com os jornalistas. Foi lida por Mocumbi uma declaração introdutória sobre os objectivos e contactos da missão, nomeadamente sobre a exposição feita aos responsáveis portugueses e a apreensão manifestada «perante a livre circulação, planificação, apoio financeiro e logístico a bandidos armados que em Angola e Moçambique, a soldo, mandam e porque instrumentos do regime do apartheid da África do Sul, perpetraram actos terroristas contra os nossos povos».

A declaração refere que Soares, Cavaco e dirigentes partidários portugueses reafirmaram o «carácter desestabilizador» do regime de Pretória e deram garantias de que Portugal «jamais será santuário para acção contra os Governos legítimos» dos cinco países africanos de expressão portuguesa.

Foi ainda citado um parecer da Procuradoria da República

portuguesa, de Junho de 1985, condenatório das acções criminosas da Renamo e da Unita e sublinhada a expectativa de verdade, coerência política e combate sem tréguas contra o terrorismo por parte de «um Portugal democrático, dirigido por antifascistas e anticolonialistas».

No período de perguntas e respostas, Mocumbi frisou que a garantia que os cinco receberam das autoridades portuguesas quanto às actividades da Renamo e da Unita foi «a palavra dos homens, a palavra

daqueles que dirigem».

«Os amigos»

O ministro moçambicano desafiou ainda os empresários portugueses a investirem e a relacionarem-se com os governos legítimos dos países africanos pois, de contrário, «estão a perder o comércio e a prejudicar o futuro do nosso relacionamento».

«O desenvolvimento põe termo ao terrorismo e os nossos melhores amigos são aqueles que se manifestam nesta fase», sublinhou Mocumbi.

Provocação da Renamo

Os assessores de Imprensa de Cavaco Silva tiveram ontem, em S. Bento, uma atitude exemplar que aprez registar. Aconteceu quando, na sala prevista para o encontro dos ministros africanos com a Imprensa, apareceu o porta-voz da Renamo em Lisboa, Paulo Oliveira, exibindo um cartão de um matutino como credencial de jornalista.

Ora o título que credencia um jornalista não é o cartão passado por um qualquer jornal mas sim, tal como estabelece a lei, a carteira profissional. O responsável da Renamo foi, por isso, convidado a sair da residência oficial do Primeiro-Ministro.

Pouco tempo depois, o falso jornalista tornava público um comunicado garantindo que Portugal «continuará a ser um santuário para actividades e acção contra o Governo de Moçambique, estabelecidas dentro das liberdades que cabem a um cidadão português auferir...»

Para o porta-voz da Renamo, a vinda a Portugal dos «cinco» é uma «ingerência» e um «atentado» à soberania portuguesa, e «toda a actividade política, diplomática e informativa permitida aos cidadãos, ao abrigo da lei e Constituição portuguesas prosseguirá e será mesmo intensificada».

Sem comentários.

Ao receber o prémio Robert Shuman

Soares levou a Estrasburgo mensagem de Timor-Leste

O presidente da República exaltou ontem em Estrasburgo o direito do «povo martirizado» de Timor-Leste à «autodeterminação», sublinhando a propósito a «situação desumana» de negação dos mais elementares valores e direitos humanos no território. Mário Soares discursava no Parlamento Europeu para agradecer o prémio Robert Shuman que lhe fora atribuído.

Nessa cerimónia, o chefe do Estado afirmou que a Revolução do 25 de Abril pôs fim a um ciclo de «guerras intermináveis e sem sentido». Acerca de Timor, Soares recordou que está ainda «em suspenso o destino do território» e o direito do seu povo martirizado ao exercício da auto-determinação - matéria para nós extremamente dolorosa». Na opinião do

presidente da República, «a situação desumana em Timor-Leste é um facto a que, «inexplicavelmente», a opinião pública não tem prestado a atenção que lhe devia merecer».

Recordando o 25 de Abril, o homenageado lembrou que a Revolução portuguesa permitiu «a criação de cinco novos países africanos de língua oficial portuguesa» e a

«assinatura do acordo com a República Popular da China sobre a transferência da administração de Macau».

Falando sobre a integração portuguesa na comunidade europeia, Soares destacou que ela não teve apenas reflexos económicos, mas que tem sido considerada como «um factor de garantia da estabilidade das instituições democráticas nacionais». Para o presidente da República portuguesa, a «Comunidade em construção» é um processo de reajustamento e há que «ir mais longe: o relançamento do projecto de construção europeia, designadamente através da realização do grande mercado interno, da Europa dos cidadãos e da Europa das novas tecnolo-

gias, são objectivos que importa atingir».

Cerimónia no Parlamento

Mário Soares recebeu o prémio Shuman por ter sido concedido pelo seu contributo para a «estabilidade e unificação europeia». Na cerimónia, que foi presenciada por cerca de duas centenas de pessoas, entre as quais deputados portugueses ao Parlamento Europeu, e individualidades locais, falou em primeiro lugar o presidente da Câmara de Estrasburgo, Marcel Rudloff. Este saudou aliás o presidente português, a quem chamou representante da «jovem democracia europeia».

Em seguida usou da palavra Alain Poher, presidente do



Soares ao receber o galardão Shuman, entregue por Alain Poher, presidente do Senado francês

Senado francês e do juri que atribuiu a Soares o prémio Shuman. Poher destacou a contribuição do premiado para a construção de uma Europa Unida e recordou o passado antifascista de Soares e a

sua actividade como político da oposição.

A cerimónia incluiu ainda a interpretação de canções portuguesas pelo Ensemble Poliphonique de Alsacia e o Hino europeu.

ANÚNCIO

CP 134/87
2.ª Secção

No dia 1 de Julho de 1987 às 14 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, e nos autos de Carta Precatória, com o número acima indicado, vindos do 6.º Juízo Cível do Porto e extraídos dos autos de Execução de Sentença, com o número 4200-B/85 que pela 2.ª Secção corre seus termos e em que é Exequente Luís Soares & Filhos Lda, e Executada ALTAGRAFICA, com sede na Estrada da Carvoeira-Mafra, há-de ser posta em praça pela 2.ª vez, para se arrematar ao maior lance oferecido acima de metade do valor indicado nos autos, uma máquina de vincar e dobrar.

Mafra, 4 de Junho de 1987

A Juiz de Direito
Maria do Rosário Correia de Oliveira
O Escrevê Adjunto
José António Coelho Carreira
«DL» 16/6/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO
DE
LISBOA

ANÚNCIO

Pela 2.ª Secção do 4.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, se FAZ SABER que por esta Secção correm seus termos uns Autos de Execução Liquidatória de Sentença, por Quantia Certa, registados sob o n.º 6/87, em que é Exequente FREDERICO MANUEL CABRITA MARTINS TAVARES, residente na R. da Esperança, 148, r/c — Lisboa, e Executada «M.A. TAVARES JÚNIOR, Lda», que também usa a denominação de «Agência do Universo» com última sede conhecida na R. de S. Paulo, n.º 9, Lisboa, e em cumprimento do despacho neles proferido por este meio é citada a executada na pessoa do seu legal representante YUSSOF ADAM ou ZULEKHA IBRAHIM RAVAT, com última residência conhecida, na Urbanização da Portela, Lote 56-11.º Esq.º — Sacavém, para nos termos do n.º 2, do art.º 806 do Código Processual Civil e no PRAZO DE CINCO DIAS FÍNDOS QUE SEJAM TRINTA DIAS dos editos, a contar da 2.ª e última publicação do respectivo ANÚNCIO, contestar a liquidação da execução no montante de 2.248.591\$50, SOB PENA de não o fazendo, se considerar fixada a obrigação e a mesma se tornar exequível, cujo duplicado do requerimento inicial, fica à disposição da executada na Secção acima referida, e lhe será entregue quando for solicitado.

Lisboa, 3 de Junho de 1987

O Juiz de Direito, Subst.º

(assinatura ilegível)

O Escrevê Adjunto

(assinatura ilegível)

«DL» 16/6/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO
DE
LISBOA

ANÚNCIO

O Dr. Manuel Joaquim Oedrio, Juiz de Direito do Terceiro Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa:

Faz saber que pela Segunda Secção de Processos do Terceiro Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de execução de sentença registados sob o n.º 122/84-Ex em que é exequente, António Nunes Lopes, residente na Rua Fialho de Almeida, n.º 34-C/V-Dt.º, em Lisboa, e executada Maribetex — Mármore Artificiais, Lda, que teve a sua última sede conhecida na Rua Carriho Videira n.º 8-3.º, em Lisboa, e neles correm editos de trinta dias, citando a executada, para no prazo de cinco dias, fíndos dos editos, ou a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, nos termos do n.º 2 do Art.º 806 do C.P.C., contestar a liquidação da importância de Quinhentos Noventa mil e cento e cinquenta escudos, conforme discriminação constante do requerimento da petição inicial de fls. 2 e verso e três e verso, cujo duplicado pode ser entregue ao representante da executada até ao termo do prazo para contestar desde o momento que seja solicitada dentro das horas de expediente do funcionamento da Secção de Processos, sob pena de não ser contestada a liquidação, considerar-se fixada a obrigação nos termos requeridos pelo exequente e ordenar-se-á o seguimento da execução, para garantia do pagamento em dívida, custas e legais acréscimos que no final do processo forem devidos.

Lisboa, 5/6/87

O Juiz de Direito

a) Dr. Manuel Joaquim Oedrio

«DL» 16/6/87 — 2.ª Pub.

Severiano Falcão, no balanço de um ano de actividade

'PODER CENTRAL TEM-SE AFASTADO DAS SUAS RESPONSABILIDADES'

Nuno Ribeiro

Numa prática que, por repetida, já passou a ser tradição, a Câmara Municipal de Loures promoveu uma visita ao concelho, no balanço de mais um ano de actividade. Para além das realizações em curso e dos planos, oportunidade para abordar temas quentes, como o da limpeza do Trancão, a solução para o «caso» de Beirolos, a futura rede de estradas da região de Lisboa e o relacionamento com o Governo. Neste ponto, Severiano Falcão é particularmente crítico: «O Poder Central tem-se afastado das suas responsabilidades», declarou o presidente da edilidade ao «DL».

«Fizeram isto sem dar cavaco anínguem», diz Severiano Falcão, acompanhando a frase de um gesto e passadas largas quando, para surpresa de muitos automobilistas que deixavam para trás a portagem da auto-estrada de Vila Franca, se quedou perto da via.

O «isto» a que se referia o presidente da Câmara Municipal de Loures é o resultado de uma expropriação decretada pelo Governo para alargar a portagem, que, de acordo com a Brisa, passará a ter oito cabinas em cada sentido. Particularmente atingida, «está tudo devassado», lamenta o autarca, foi a Quinta de São José, um oásis de verde e calma, a contrastar com o buliço da auto-estrada e, que depois de resistir às urbanizações que a rodeiam, foi adquirida pelo município por 16 mil contos.

A intenção camarária, mal esteja resolvida a questão com um dos herdeiros, é a de instalar

num dos raros espaços verdes da freguesia de Sacvém um conjunto de equipamento social, que dê vida e utilidade ao velho casarão, rodeado por pequenas habitações, com piscina incluída. Num dos terraços, rodeado por várias matrizes de verde, a decisão governamental é severamente criticada. «Tiraram cerca de 100 metros quadrados, ignorando a posição tomada pela Assembleia Distrital de Lisboa, que pretende a abolição da portagem, e a opinião expressa pelas Câmaras de Vila Franca de Xira e de Loures, que reivindicam uma ligação da Estrada Nacional 10 à auto-estrada», comenta Severiano Falcão.

Este não é o único ponto em que a acção do Poder Central é criticada. «Temos um milhão de contos em terrenos infra-estruturados à espera de comparticipação a fundo perdido da Administração Central», assegura o autarca. E tal situação é particu-



Com um défice de 2.500 fogos, a habitação é um dos problemas de Loures

larmente dolorosa quando se sabe que o défice habitacional do concelho, apenas respeitante a barracas e casas degradadas, é da ordem dos 2500 fogos.

Algo de semelhante se passa

também com a necessidade de recuperação do rio Trancão, que ostenta o título de um dos cursos de água mais poluídos do País. «O saneamento é uma questão delicada no nosso município,

porque são vários os concelhos que despejam os seus esgotos para a nossa bacia, desde Arruda, Mafra, Amadora, Sintra e Lisboa», observa.

Esta situação, comunicada em encontro mantido com o secretário de Estado do Ambiente, no qual foi entregue a Carlos Pimenta um «dossier» com estudos e projectos sobre a «Situação dos Esgotos no Concelho de Loures», poderá vir a ser minorada. «Este ano vamos prosseguir com a construção de emissários que retirarão dos nossos rios e ribeiros todos os esgotos, e que apontam para a construção de três estações de tratamento de esgotos», revela.

No entanto, as obras a serem realizadas num período de sete anos orçam os 3,3 milhões de contos, «e se a Câmara Municipal de Loures está a reservar cerca de 300 mil contos anuais, não é possível sermos só nós a fazê-las». A solução passa pela proposta apresentada pela câmara ao Governo, bem como a outros municípios, de uma cooperação que permita juntar a verba necessária.

Clandestinos: «há vontade do Poder Central»

Mas, a experiência do caso de Beirolos, onde a Câmara Municipal de Lisboa mantém valas sanitárias, não é tranquilizante quanto à vontade do Poder Central em resolver estes problemas.



Uma área de contrastes: triplicar o actual concelho pode ser a solução



Severiano Falcão: «Poder Central tem-se alheado das suas responsabilidades»

«Em Beirolos, o Governo e a Administração Central têm lavado as mãos por pensar que se trata de um problema entre Municípios, no caso concreto de Lisboa e Loures», argumenta Severiano Falcão. «Não se deviam ter alheado deste problema», prossegue, «pois tudo aquilo acaba por atingir o Tejo». A expectativa até agora gorada de uma intervenção em Beirolos alargase à solução encontrada pela Câmara da capital para dar vazão, a curto e médio prazo, às 800 toneladas de lixo que são diariamente recolhidas. «Estamos preocupados porque a alternativa, que aâmara Municipal de Lisboa tem, continua a ser muito próxima do nosso concelho, precisamos de estar tranquilos e estamos ainda na expectativa.»

No entanto, à excepção da «intranquilidade» motivada pelas valas de Beirolos e da solução do aterro sanitário do Vale do Forno, as relações de Loures com o Município de Lisboa, que chegaram a alimentar um caudal informativo marcado pelo desentendimento e crítica, melhoraram sensivelmente. «Ambas as Câmaras são subscritoras de uma Associação de Municípios para o estudo e solução do problema dos lixos», exemplifica, sublinhando que «estamos no mesmo comprimento de onda, quando repovamos as prioridades que o Governo levantou para a construção da auto-estrada de Cascais».

Neste ponto, Severiano Falcão e Nuno Abecasis partilham a mesma opinião: as prioridades devem ser dadas às circulares regionais interior e exterior, previstas há cerca de 20 anos e que uma recente resolução do Conselho de Ministros aponta a título indicativo..., contrariando anterior resolução, e omitindo as posições expressas pelas Câmaras de Lisboa, Sintra, Amadora, Loures e Vila Franca de Xira.

As relações com o Poder Central conheceram, contudo, num caso concreto, uma melhoria sensível. «Pela primeira vez sentimos este ano que, do ponto de

vista da Administração Central, do Poder Central, há vontade de lutar contra os clandestinos, pela criação de uma comissão interministerial que, com a participação da Associação Nacional dos Municípios Portugueses, vai analisar o problema», constata. «Vai ser feito um levantamento e uma campanha de esclarecimento das populações, o que já é um passo e nos leva a confirmar o ditado popular de que «água mole em pedra dura, tanto bate até que fura».

Para Loures, e até que seja encontrada uma solução global, a actuação em relação aos bairros clandestinos, que no concelho são 150, albergando 100 mil habitantes, vai continuar. «Vamos dar um novo impulso à recuperação dos bairros clandestinos, com projectos feitos em colaboração com as autarquias e os moradores», acentua o presidente da Câmara de Loures. Reconhecendo, no entanto, «que é insuficiente».

Tripartir o concelho

A solução para este e outros problemas passa pela actuação do Poder Central, numa intervenção que Severiano Falcão defende como necessária a outros domínios.

A regionalização surge, assim, como uma forma do Poder Central delegar competências mas não se alhear das suas responsabilidades, «porque mesmo a cooperação entre autarquias, que é importante, começa já a ser insuficiente». «O ordenamento do território, em especial em Lisboa, já não se compadece com a acção das autarquias, pois estamos a entrar na fase na qual a regionalização se torna mais necessária, defende o presidente da Câmara de Loures.

Uma espécie de «regionalização» é aliás defendida por Severiano Falcão para o seu concelho, e será apresentada pelos deputados comunistas à próxima Assembleia da República: a divisão do actual concelho de Loures, em três municípios: Odivelas,

Loures e Sacavém.

Cada um dos três concelhos propostos corresponde a realidades bem diferentes, com Odivelas a distinguir-se actualmente por ser uma área de serviços, Sacavém a justificar o seu papel no início da revolução industrial e Loures a constituir, ainda um espaço de produção agrícola, bem longe das «exportações» hortícolas para os mercados da capital verificadas nos primeiros anos deste século, mas a absorver no sector primário oito por cento da população activa do concelho.

«É uma divisão há muito sentida pelas populações, pois cada uma dessas zonas tem características próprias, e ajudaria a uma solução dos problemas, só possível com uma intervenção mais directa e participativa das populações», sustenta o autarca. Com 320 mil habitantes, o actual concelho de Loures poderá vir a conhecer um futuro problemático, «se não for feita uma descentralização, pelo que a proposta a ser apresentada à Assembleia da República contempla, também, a criação de novas freguesias».

A possibilidade de tal solução passa certamente pela regionalização que permita ultrapassar a rigidez da lei-quadro actual, e poderá vir a contar com apoio parlamentar suficiente. «O Partido Socialista por intermédio do deputado Jaime Gama já apresentou um projecto para a criação de um concelho em Odivelas, com a elevação da actual freguesia a cidade», observa com optimismo.

Vereadores do PS trabalham com seriedade

A descentralização pretendida tem história, em Loures começou pela criação de condições de trabalho para as juntas de freguesia.

«Tudo quanto é licenciamento da ocupação da via pública, a administração dos mercados, instalações desportivas, passou a ser da responsabilidade dos órgãos locais», exemplifica o pre-

sidente da Câmara de Loures.

A ligação às populações é assim mais viva, e é com orgulho que Severiano Falcão faz o balanço das obras em andamento. «Na área do ensino primário, com as três escolas que vão entrar em funcionamento em Outubro, ficamos com o problema resolvido, embora deva dizer que a população do concelho tem vindo a aumentar e, nesta última meia dúzia de anos, temos 60 mil novos habitantes», diz, com a certeza de que dentro em breve o parque escolar terá de ser revisto e aumentado.

«Outra questão é a do ensino pré-primário, pois temos vindo a recuperar instalações, e até ao fim do ano vamos ter uma dúzia de estabelecimentos, para os quais esperamos que se conjuguem vontades de forma a poderem ter pessoal, questão que depende da administração central», sublinha.

No plano dos equipamentos colectivos, «a inauguração do pavilhão gimno-desportivo é uma homenagem que prestamos à cultura e ao desporto», revela Severiano Falcão referindo-se a uma obra praticamente pronta e que custou 170 mil contos. No entanto, as próprias freguesias dinamizam espaços para desporto, como ocorre com os parques desportivos de Vale Figueira e Catujal.

«Outra grande prioridade é acabar com uma lixeira que já tinha mais de uma dezena de anos, a velha lixeira de Montemor, e inaugurar dentro de dois a três meses, o aterro sanitário de Santa Iria da Azoia, que vai custar para cima de 130 mil contos», acentua o presidente da edilidade.

Com vereadores do PCP, PS e MDP, trabalhando a tempo inteiro ou a meio tempo, com pelouros distribuídos, Severiano Falcão sublinha, como facto importante, o trabalho desenvolvido pelos socialistas. «Houve períodos em que não quisera aceitar pelouros», lembra para, numa análise à presente situação, sublinhar que «eles trabalham com seriedade e empenhamento».

Para acabar via rápida

Aveiro-Vilar Formoso

Governo adjudica último lanço apenas a um mês das eleições

O Governo adjudicou o último lanço da Via Rápida Aveiro-Vilar Formoso, em cerimónia que ontem decorreu no Governo Civil daquela cidade. A construção do novo lanço da IP5, entre Albergaria-a-Velha e Aveiro, numa extensão de 15,5 quilómetros, custará 2650 mil contos. Ao acto esteve presente o ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, Santos Martins, acompanhado pelos secretários de Estado das Vias de Comunicação e Construção e Habitação, respectivamente Falcão e Cunha e Elias da Costa.

Com a execução deste lanço da Via Rápida Aveiro-Vilar Formoso, como acima se diz, ficará concluída a referida ligação. As obras terão início ainda este ano, devendo ser dito que o seu custo (2650 mil contos) é financiado em 50 por cento pelo Feder, em 40 por cento pelo BEI (BANCO Europeu de Investimentos) e apenas dez por cento pelo Orçamento de Estado. Por coincidência ou não, o anúncio do último lanço da Via Rápida Aveiro-Vilar Formoso foi feito a cerca de um mês das eleições legislativas. Prevê-se que em 1990 esteja já a funcionar, sendo o primeiro dos nove itinerários principais previstos pelo Plano Rodoviário Nacional a ser concluído.

Está também previsto para este ano o arranque de diversas obras viárias na região de Aveiro, num investimento de cerca de 1 milhão de contos. Destas se destaca a construção da variante de Oliveira de Azeméis, reabilitação de pavimentos nos lanços da EN 109, entre Angeja, Salreu e Estarreja, já adjudicado, e entre Vagos e Aveiro, a adjudicar ainda este ano.

Foi apresentada ainda pelo ministro das Obras Públicas a segunda fase da ligação de S. João da Madeira a Vale de Cambra, a beneficiação da EN 109, entre Miramar e Maceda, e a ligação entre Sever do Vouga e o «nó» das Talhadas, para além da beneficiação entre Sever do Vouga e Vale de Cambra.

Foi todo este pacote de investimentos, já previsto há algum tempo, que o ministro das Obras Públicas veio apresentar a Aveiro.

O ministro referiu-se à abertura do concurso para adjudicação de uma nova doca de pesca no porto de Aveiro, estimada em 900 mil contos, prevendo-se que no próximo mês de Julho seja adjudicada a construção de uma doca de serviços, no valor de 150 mil contos.

Foi também referido que está concluído o estudo prévio da ligação ferroviária ao porto de Aveiro, esperando-se que o projecto executivo possa ficar disponível dentro de seis meses, num investimento que atingirá o meio milhão de contos.

ENSINO SECUNDÁRIO

CURSO GERAL

- UNIFICADO (7.º, 8.º e 9.º Anos)
- PLANOS PRÓPRIOS (2 Anos lectivos)
- NOCTURNO — Intensivo

O Curso Geral de planos próprios pode ser frequentado em regime de **UNIDADES CAPITALIZÁVEIS**, regime especialmente concebido para alunos com **condições particulares** de aprendizagem.

CURSO COMPLEMENTAR

- 10.º ANO (Área A, C e D)
- 12.º ANO (1.º, 2.º, 3.º e 4.º Cursos) com reforço de preparação tendo em vista as condições de acesso ao ENSINO SUPERIOR
- NOCTURNO — Intensivo

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES NAS SECRETARIAS

EXTERNATOS



MARQUÊS DE POMBAL
RUA MORRIS SOARES, 93 (CHILE)
TELEF. 83 46 58/83 14 16



ÁLVARES CABRAL
AV. GRÃO VASCO, 1 (BENFICA)
TELEF. 70 69 74/70 67 51

Uma nova dinâmica no julgamento dos "Comandos"

COM RICARDO DURÃO JÁ NA RESERVA OTELO E VASCO LOURENÇO VOLTAM A SANTA CLARA

Manuel Geraldo

A passagem à reserva do general Ricardo Durão ele que, na qualidade de comandante da Região Militar de Lisboa, foi responsável pela anulação da sentença que absolvera os vinte réus) coincidiu com a decisão ontem à tarde tomada pelos juizes do 2.º Tribunal Militar Territorial (2.º TMT) de convocarem para depor como testemunhas em Santa Clara os tenentes-coronéis Otelos Saraiva de Carvalho e Vasco Lourenço e o major Mário Tomé, os quais, e tal como noticiámos, haviam sido preteridos na última sessão pelo promotor de Justiça, coronel Mário Cabedo, ao afirmar que «testemunhas dessas quanto mais fossem dispensadas melhor».

Recorde-se que o processo em julgamento prende-se com os acontecimentos que rodearam a tentativa e afastamento do coronel Jaime Neves da liderança do Regimento dos Comandos da Amadora, na madrugada de 31 de Julho de 1975, numa altura em que o então general Otelos desempenhava precisamente as funções de comandante da Região Militar de Lisboa, agora deixadas pelo general Ricardo Durão, que, por ter atingido o limite de idade, acaba de ser substituído pelo general José Nascimento Lucena, tendo sido alvo de uma homenagem a que presidiu o chefe do Estado-Maior do Exército, general Firmino Miguel, poucos dias após haver punido com cinco dias de detenção na Trafaria o tenente-coronel Vasco Lourenço, por coincidência também ele figura preponderante neste controverso e já longo processo.

No que se refere ao importante revés «político» do coronel Mário Cabedo (e escrevemos «político» porque o promotor de Justiça disse em tribunal (sic) «não tenho qualquer formação jurídica, nem tenho obrigação de a ter»), o mesmo teve na sua origem um requerimento apresentado pela defesa, com base no Artigo 443 do Código do Processo Penal, a qual depois de mostrar a sua «estranheza pelo desinteresse da acusação em aprofundar e esclarecer os factos de forma a garantir a correcta aplicação da lei», apelou ao colectivo presidido pelo coronel Xavier Coelho para que procure «pelos meios ao seu alcance indagar a verdade material sob pena de negar a sua própria consciência, tal seja a de punir os culpados e absolver os inocentes».



O general Ricardo Durão, responsável pela repetição do julgamento, condecorado pelo general Firmino Miguel ao abandonar o comando da Região Militar de Lisboa

Mas a defesa, pela voz do dr. João Godinho, solicitou ainda a requisição, para serem juntas aos autos, das ordens de serviço do Regimento de Comandos, relativas a 31 de Julho e a 3 e 4 de Agosto de 1975, dado que, no seu entender, «de vários passos de depoimentos, produzidos em tribunal, quer pelos declarantes quer pelas testemunhas, resulta ter havido uma decisão de serem passadas guias de marcha para apresentação no Estado-Maior do Exército do coronel Jaime Neves, do major Lobato Faria, e de outros oficiais, por ordem do comandante da Região Militar de Lisboa».

«De G-3 na mão e a ouvir música»

No decorrer da sessão de ontem, o 2.º TMT ouviu ainda quatro testemunhas de acusação, entre

as quais o major Mourato Nunes, um dos oficiais saneados, que não teve dificuldade em reconhecer «o carácter essencialmente político da movimentação», e o sargento Lima, outro dos elementos fiéis a Jaime Neves, que ainda assim disse não ter tido dificuldade em armar-se, tendo inclusive, ao que afirmou, passado parte da madrugada de 31 de Julho de 1975, no interior da unidade «deitado no seu automóvel, de G-3 na mão e a ouvir música». Para o sargento Lima, nessa data «ninguém tinha confiança em ninguém» e «os militares andavam armados quer pertencessem ao grupo A ou ao grupo B».

O julgamento prossegue na próxima segunda-feira, a partir das 14 e 30, mas Otelos, Vasco Lourenço e Mário Tomé só serão ouvidos no dia 29 do corrente, data coincidente (registre-se) com o início da campanha para as eleições legislativas.

Encontrado a vaguear numa rua de Salamanca

A Polícia Judiciária anunciou ontem que «um indivíduo cuja identidade se desconhece, provavelmente português, sofrendo de amnésia e falando castelhano com sotaque português, foi encontrado em Salamanca». O referido indivíduo, ainda segundo a mesma fonte, «diz ter nascido em França, aparenta 65 anos (1,62 metros de altura e 60 quilos de peso), e vestia camisa creme com riscas azuis e verdes, casaco preto com riscas, calças azuis, casaco comprido com quadrado um gorro de pano com viseira».

Novo subdirector da PJ de Coimbra

O inspector Moura Pinto acaba de ser empossado nas funções de subdirector da Polícia Judiciária de Coimbra, em substituição do dr. Joaquim Sá Couto, recentemente reformado.

Até agora colocado em Lisboa, o inspector Moura Pinto, de 40 anos, já estivera destacado anteriormente nas delegações a PJ, em Braga e no Porto.

Em Viena com representantes de 120 países

Leonor Beza vai participar numa reunião da ONU sobre droga

A ministra da Saúde, Leonor Beza, vai participar em Viena, entre 17 e 26 do corrente, na primeira reunião que a ONU promove subordinada ao tema «Abuso e tráfico ilícito de estupefacientes», a qual, presidida por Perez de Cuellar, irá reunir 1500 delegados em representação de 120 países e 170 organizações privadas.

Da reunião, destinada a coordenar internacionalmente a luta contra o pro-

blema da droga nos seus vários aspectos, desde a produção e tráfico ao tratamento dos toxicómanos, deverão sair elementos para a convenção que a ONU está a preparar, com vista a harmonizar a legislação dos diferentes países no que se refere ao combate à droga.

Os aspectos mais relevantes dessa convenção são a confiscação dos bens obtidos por tráfico de estupefacientes e a exigência de responsabili-

dades legais às empresas utilizadas nos transportes. A ONU pretende também com esta conferência de Viena chamar a atenção da comunidade internacional para o facto de serem cada vez menores as diferenças entre países produtores e consumidores. «Um país que produz drogas converte-se, automaticamente, num consumidor», comentou a propósito Tamar Oppenheimer, vice-secretário-geral da ONU.

Jovem português vitimado num desastre em Espanha

Um português morreu, na madrugada de ontem perto de Lerida, num desastre que custou a vida a mais três pessoas. De acordo com a Guarda Civil espanhola, José Manuel Doreas da Silva, de 24 anos, era um dos seis ocupantes de um automóvel que se despiou na

estrada de Torregrossa, quando procedia a uma série de ultrapassagens a grande velocidade, num acidente em que só sobreviveram duas pessoas, embora bastante feridas.

O carro sinistrado, um «Peugeot 205», foi embater de

flanco numa árvore, entrando em capotagem ao mesmo tempo que o condutor e acompanhantes eram atirados para a estrada. Para além do português, pereceram José Gines Fernandez, de 18 anos, Dolores Cortes, de 19, e um outro ainda não identificado.

Mário Castrim



FOI muitas vezes a nossa televisão acusada de cousas gravíssimas. Até já houve quem a acoimasse de cegueira, o que, numa visão, tele embora, é, como se diz à moderna, o máximo. Como qualquer suíno que se preza, ela apenas vê a um palmo do chão. Também para reconhecer as bolotas não precisa de mais. Outra acusação grave é a de apatia, ou seja, a incapacidade de se movimentar, de se dinamizar, de se activar. Dizem que ela, como está, é uma televisão do passado. Sem dúvida. Basta ver o Telejornal. Mas como estamos numa de revivalismo...

Em meu claro entender, estas acusações, e outras, são injustas. A RTP tem apenas seis milhões de detractores, o que, numa população mundial de quatro mil milhões de almas, pode considerar-se uma gota de água no oceano. Quanto a mim, a mais injusta é a da apatia. Pelo contrário, a televisão anda, evolui, cresce, inova, inventa. Não exagero. Há muitos aspectos, ou como há lá quem diga, «sob muitos aspectos» ela deve mesmo considerar-se pioneira. Por exemplo: ela descobriu agora uma nova maneira de comunicação de massas: a TV-Rádio. E era tão fácil, tão fácil, autêntico ovo de Colombo. Como foi que ninguém se lembrou disto até hoje? Mistério!

A coisa passa-se da seguinte maneira: durante a mira técnica transmite-se música, com apresentação em voz off, do género «estimados telespectadores, podem ouvir em seguida...»

Fantástico! Até hoje, supunha-se que os telespectadores viam e ouviam, mas agora, com este novo passo em frente, os televidentes apenas ouvem, autêntica tele-evidência auditiva! Os espectadores, a partir de agora, podem fechar tranquilamente os olhos e limitar-se a ouvir. Escusam de ver os artistas: ouvem-nos. Estão a mancar o avanço tecnológico?

Já me chegou aos ouvidos que o facto está causando profundo mal-estar na Rádio Portuguesa. Diz-se que esta, como retaliação, vai acabar com o som e transmitir apenas imagens. Ela aceita a aposta nas novas tecnologias. Será uma Rádio-TV. Tinha graça, se fosse apenas a RTP a evoluir...

ARTIGO DE FUNDO

CDU PROCESSA CRIMINALMENTE NUNO ABECASIS

A Coligação Democrática Unitária vai amanhã apresentar um processo crime em Tribunal contra Nuno Abecasis e outros responsáveis de departamentos da Câmara Municipal de Lisboa, devido à remoção de propaganda daquela força política concorrente às próximas eleições. Entretanto, por maioria, o executivo camarário aprovou ontem uma moção, pela qual manifesta a Abecasis apoio e solidariedade por mandar retirar «propaganda política que ameaça a segurança física dos cidadãos».

«Na noite de sábado para domingo, na zona da Baixa, foram retirados por brigadas da Câmara painéis de madeira aplicados em estruturas metálicas, faixas de pano que estavam colocadas em árvores e candeeiros, e pequenas bandeirinhas da CDU que estavam penduradas em fios», revelou esta manhã ao «DL» o mandatário de Lisboa da Coligação Democrática Unitária.

António Abreu adiantou ao «DL» que as «brigadas da Câmara Municipal de Lisboa têm instruções específicas para retirar a nossa propaganda, razão pela qual vamos amanhã apresentar um processo crime em Tribunal

contra o presidente da Câmara e outros responsáveis de departamentos do Município que têm a ver com estas remoções».

Reconhecendo que «há de facto iniciativas de propaganda da CDU que revelam falta de cuidado, como ocorreu com pinturas em pedras do Terreiro do Paço», aquele dirigente político sublinhou, no entanto, «que o CDS colocou cartazes sobre as pedras referenciadas por Nuno Abecasis em carta dirigida à Comissão Nacional de Eleições», concluindo que «a remoção da nossa propaganda tem um móbil político».

«Já o dissemos várias vezes, em cartas ao presidente

da Câmara», prosseguiu António Abreu, lembrando as posições recentemente tomadas pela Comissão Nacional de Eleições e pelo Quarto Juízo Cível do Tribunal de Lisboa, na sequência, aliás, da posição tomada «de há dois anos a esta parte por tribunais que têm vindo a contrariar a posição do engenheiro Nuno Abecasis».

«Esperamos que no dia 27 de Junho, o presidente da Câmara não se oponha a que 30 artistas plásticos façam um mural numa superfície de cinco por 20 metros, a ser colocado na Praça de Espanha», prosseguiu o mandatário distrital da CDU.

De acordo com António Abreu, não é só a Câmara Municipal de Lisboa que tem retirado propaganda da Coligação Democrática Unitária, «e neste momento temos a informação de que uma brigada da Junta Autónoma das Estradas está a tapar pinturas murais da CDU na Estrada Marginal».

«Câmara incitou à desobediência»

A posição expressa ao

«DL» por António Abreu surge depois de ontem a maioria da Câmara Municipal de Lisboa ter manifestado a sua solidariedade com a atitude de Nuno Abecasis de mandar retirar «propaganda política que ameaça a segurança física dos cidadãos».

A moção, aprovada com os votos favoráveis dos vereadores sociais-democratas, centristas, socialistas e pelo representante popular-monárquico, e com a oposição dos eleitos do PCP e do MDP/CDE, refere a «propaganda política que ameaça a segurança física dos cidadãos, como por exemplo as faixas publicitárias amarradas a postes e candeeiros, e aquela que contribui para provocar a degradação estética da cidade, agredindo o património classificado e zonas envolventes».

O texto aprovado apela, por fim, «a todos os partidos políticos para que, na sua propaganda, respeitem as zonas referidas» e chama a atenção para a não colocação «de estruturas amovíveis em áreas em que dificultem a visibilidade dos automobilis-

tas, a passagem de peões ou a visão de monumentos».

Para o vereador Rui Godinho, do PCP, «a maioria da Câmara Municipal de Lisboa tomou uma posição grave, porque incitou o presidente a desobedecer às directivas da Comissão Nacional de Eleições e aos Tribunais».

«Está a ser violado indirectamente o princípio da liberdade de expressão e propaganda, pois uma propaganda é retirada, e a outra, a do PS, CDS e UDP, fica», prosseguiu, sublinhando que o que está a ser retirado é apenas o que está montado em estruturas amovíveis.

«O que é mais grave: pintar murais agradáveis ou fazer como o PS e o CDS que pejam de cartazes o Palácio Foz, a Estação do Rossio, edifícios classificados da Baixa Pombalina, do Terreiro do Paço, como fez a UDP, e no largo fronteiro à Casa dos Bicos, que está cheio de cartazes do Partido Socialista?», interrogou o vereador.

Para além desta polémica, Rui Godinho sublinhou a necessidade de uma acção pedagógica e de consenso. «A pedagogia deve ser no senti-

do de pintar coisas esteticamente atraentes, o que obviamente não se faz em edifícios religiosos, públicos, edifícios classificados e monumentos nacionais», sustentou.

Quanto ao consenso, o vereador do PCP adiantou que «já o propusemos na Câmara Municipal de Lisboa». «Estamos disponíveis para encontrar uma solução que evite guerrilhas permanentes e que obste à tomada de posições ilegais pelo presidente da Câmara, no respeito de todas as correntes políticas», assegurou, sublinhando que «há uma acção claramente persucotória dirigida contra nós».

«Quando Abecasis fala da defesa do património e do ambiente é hiopócrita», prosseguiu, «porque tira a nossa propaganda e deixa a dos outros, porque é o responsável pelo estado da cidade naquelas áreas e porque está a apresentar serviço ao Governo, que todos os dias faz propaganda subliminar na televisão e não vemos ninguém a levantar a voz contra isso».

Presidente da Câmara não autorizou entrada

Candidatos às eleições preocupados com Beirolas

Candidatos da CDU consideraram ontem «escandaloso, intolerável e inaceitável» que continuem a ser depositadas centenas de toneladas de lixo em valas a meio metro do nível do Tejo, e a escassas dezenas de metros do rio.

Em conferência de Imprensa junto à lixeira de Beirolas, participaram os candidatos a deputados Jorge Lemos, Anselmo Aníbal e Herculano Pombo, e o vereador Rui Godinho, que considera-ram que «a continuidade do depósito de cerca de 800 toneladas por dia de lixo ao pé do Tejo é um acto a que urge pôr termo».

«É intolerável, é inaceitável que, neste dobrar do século para o terceiro milénio, se continuem a depositar centenas de toneladas de lixo em valas que são abertas a meio metro do nível friático, a escassas dezenas de metros do Tejo», afirmaram os responsáveis da CDU.

Para além dos perigos para o ambiente, foi igualmente referido que, em 1 de Junho, a Câmara de Lisboa discutiu uma alteração orçamental de mais de 180 mil contos para os gastos da empresa que assegura a movimentação da terra e a compactação dos lixos. «Só de aluguer de máquinas foram já gastos mais

de 400 mil contos quando, com a mesma verba, se poderia criar uma Estação de Tratamento do Lixo, numa zona adequada, que não implique riscos de poluição», considerou Rui Godinho.

O facto de não ter sido permitida a entrada nas instalações levou os responsáveis da coligação a afirmarem que «por várias vezes procurámos visitar as valas de Beirolas e, alegando desconhecimento da nossa comunicação, os guardas do local não nos permitiram a entrada». No entanto, ontem os guardas invocaram uma ordem directa do presidente

da Câmara para impedir a entrada dos deputados da CDU e do vereador do PCP, o que levou os visados a escreverem uma carta aberta a Nuno Abecasis perguntando se «quer esconder que a lixeira fica situada a escassíssima distância do Tejo, numa zona logo a norte de Lisboa, que permite inquinar todas as águas do Tejo».

Soure adere à Associação de Municípios do Sico

A Câmara Municipal de Soure aprovou, por unanimidade, em reunião extraordinária do executivo a sua adesão à Associação de Municípios da Serra do Sico.

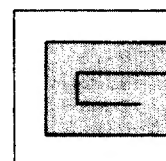
Segundo comunicado da edilidade, «é anseio antigo do Concelho de Soure, promover o desenvolvimento de três das suas freguesias, Degraças, Tapeus e Pombalinho, que se situam nas faldas da Serra do Sico». «Parece-nos ser agora possível olhar com mais algum optimismo para aquela zona que, fruto dos esforços conjugados dos Municípios de Ansião, Penela, Pombal e Soure vai ser objecto de uma atenção especial que lhe permita sair da situação em que está», assinala o texto divulgado pelo Município.

Para além de um plano de investimentos «que se pensa poder concretizar a curto prazo com a ajuda da CEE», a edilidade refere que vai ser elaborado, no âmbito da Associação de Municípios da Serra do Sico, um Plano de Desenvolvimento Integrado que apontará as grandes linhas da actuação municipal naquela zona.

ANDARES 3, 4 E 5 ASSOALHADAS LOTE 64

QUINTA GRANDE - ALFRAGIDE

Construção e vendas:



GC

Gestão e Coordenação, S.A.
R. Nova Trindade 1, 2.º Dt. - 1200 LISBOA

Facilidades a sócios de cooperativas de trabalho Tel. 300612/9

AMSTRAD PC 1512

AGORA COM TRATAMENTO DE TEXTO EM PORTUGUÊS,
MANUAL, TECLADO E VASTA GAMA DE SOFTWARE



10 x \$00

(ominfo)

Agentes oficiais:

CASA VIOLA

LISBOA - R. da Assunção, 67 - Telef. 32 46 47 • BRAGA - Av. Central, 87 - Telef. 72 798
• SÃO JOÃO DO ESTORIL - Av. Florinda Leal, Lt. 1-A - Telef. 267 07 33 • VISEU - R. Direita, 77 - Telef. 276 64 PORTIMÃO - R. D. Carlos I - Telef. 836 53

Mibal fica à espera de relatório

GOVERNO "TRAVA" EXTRACÇÃO DE CAULINO EM BARQUEIROS

A Mibal-Minas de Barqueiros deverá aguardar as conclusões do estudo mandado elaborar pela Secretaria de Estado do Ambiente e Recursos Hídricos acerca da extracção de caulino em Barqueiros. O Ministério da Indústria e Comércio decidiu ontem «travar» a sua exploração, na sequência dos incidentes de há uma semana que se saldaram por trinta feridos, sete deles em estado mais delicado. Um deles veio a falecer no Hospital de S. Marcos, estando ainda por apurar se em consequência dos recontros entre populares e efectivos da GNR.

A notícia de que a Mibal deveria aguardar uma decisão do Governo relativamente ao início da extracção de caulino em duas quintas nas imediações do cemitério paroquial, quase no centro da vila, foi acolhida com moderação pelos habitantes de Barqueiros, soube esta manhã o «DL». O presidente da Junta de Freguesia disse ao nosso jornal que a decisão, «embora não resolva o conflito, é meio caminho andado nesse sentido». Augusto Rosmaninho manifestou-nos a sua confiança em que o problema venha a ter um desfecho que atenda à justa posição dos barqueiros. «A resolução de expropriação de duas quintas na vila, em 1986, estava muito viável, assenava em argumentos falsos e propositadamente errados», frisou aquele autarca.

Há seis anos, com efeito, a resolução colheu de surpresa os mais de três mil habitantes de Barqueiros. «Fomos apanhados de costas pela decisão do Governo, porque ninguém aqui, na terra, sabia do que se estava a tratar e, sobretudo, do que se estava a tramitar à população. Por isso pegamos no processo — acrescentou —, estudámo-lo, e constatamos que havia coisas pouco claras, que não havia em nenhum ponto do processo».

O presidente da Junta de Freguesia de Barqueiros dá outro exemplo como a verdade dos fac-

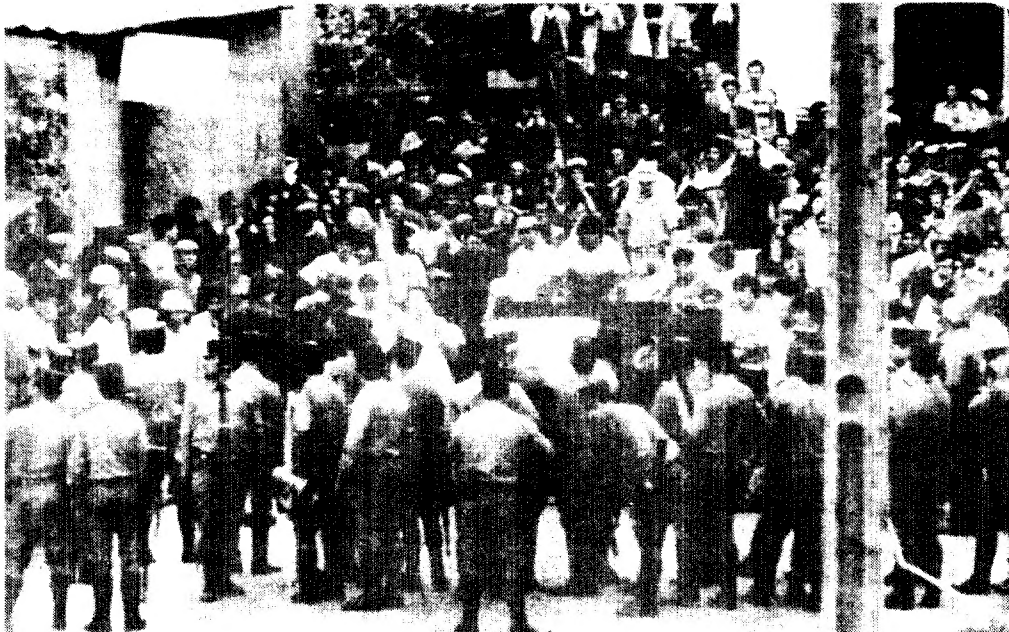
tos foi escamoteada: havia um prazo de trinta dias para contestar a resolução, mas os barqueiros só souberam da expropriação e das intenções da Mibal dois meses depois. «Até se esconderam editais da população», salienta Augusto Rosmaninho.

Santos Martins não vacilou

O ministro da Indústria e Comércio não vacilou: ontem mesmo, durante uma reunião havida no seu gabinete com a administração da Mibal-Minas de Barqueiros, deu conta da decisão tomada.

Assim, a empresa deverá aguardar uma decisão do Governo sobre a possibilidade de exploração de caulino nas duas quintas expropriadas em Barqueiros, no concelho de Barcelos, palco de sangrentos incidentes faz hoje precisamente uma semana.

A decisão de travar o início da exploração foi, como atrás se diz, ontem tomada por Santos Martins, após uma reunião com a administração da empresa concessionária. Na reunião, o ministro da Indústria e Comércio transmitiu a José Francisco Lima, administrador da Mibal, e aos seus acompanhantes, a necessidade de aguardar os resultados dos estudos feitos por uma equipa técnica enviada a Bar-



queiros para avaliar as consequências da exploração de caulino nas duas quintas de que a empresa é proprietária, nas imediações do centro da vila.

Uma equipa do Governo integrando técnicos das Secretarias de Estado do Ambiente e da Agricultura, chefiada por Aristides Leitão (da SEA), esteve dois dias em Barqueiros a recolher elementos de modo a habilitar o Governo a tomar uma posição de fundo sobre o caso.

Mibal perde nova «batalha»

A população de Barqueiros tem contestado a extracção de caulino na região alegando que ela originará falta de água e poluição sonora e atmosférica na terra. Qualquer das teses é rejeitada pela administração da Mibal. Ontem mesmo, aliás, o gerente acima referido negou que isso possa acontecer.

«As pessoas que ontem ouviram o que disse o administrador pela televisão riram-se das mentiras que disse, como sempre. Os argumentos do costume, falsos», disse-nos Augusto Rosmaninho.

A população de Barqueiros diz que a decisão do ministro da Indústria e Comércio não resolve o conflito, mas é meio caminho andado para uma solução a seu favor, porque entende que a razão está do seu lado. Considera ainda que as primeiras «batalhas» estão ganhas, que o País está ao corrente do que se passa e que não poderá perder a «guerra do caulino». O dístico «caulino, não obrigado!» multiplica-se, espalha-se por todos os lados, na vila.

A empresa caulineira diz que os argumentos vindos a público tendentes a impedir a sua actividade mineira são «falsos» e «levantados a pretexto de interesses que para a Mibal não são, neste momento, ainda claros».

«Exemplo bem elucidativo por parte dos órgãos autárquicos é o último requerimento apresentado para obstar à investida na posse efectiva dos terrenos» — sustenta a Mibal.

O documento relata que «o senhor presidente da Câmara (de Barcelos) solicitou por escrito a colaboração do senhor presidente da Assembleia Municipal para uma reunião a realizar com a Mibal, afirmando não estarem ainda esgotados os meios para se encontrar uma solução harmoniosa».

«Da posse destes elementos — continua — o senhor presidente da Assembleia Municipal, o advogado Vasco Carvalho, agora na qualidade de mandatário judicial de um dos expropriados, serve-se deles e junta-os ao requerimento referido, tudo isto sem dar o mínimo conhecimento à que deveria ser a sua interlocutora — a empresa Mibal.»

Debate sobre Educação e Comunicação Social

«O tratamento da problemática da educação pela Comunicação Social portuguesa» e «Fontes de informação para o tratamento de questões educativas» foram esta manhã abordados por, respectivamente, os jornalistas Fernando Cascais (o primeiro tema) e Zaida Tristão e Pedro Garcia Rosado, no seminário «Os mass media e a escola» que a Comissão de Reforma do Sistema Educativo promove em Lisboa.

Para esta tarde está prevista uma mesa-redonda sobre «Os mass media e a educação», em que participam Almeida Costa (moderador), Santana Castilho, Afonso Praça, Luís Pinto Enes e Baptista Martins.

Ontem de manhã, dia em que o seminário começou, falaram Manuel Patrício, Manuel Pinto e Britaldo Rodrigues sobre «A reforma do sistema educativo e o papel da Comunicação Social».

Na sua intervenção, Britaldo Rodrigues afirmou que o Estado português deve ter capacidade para formular um «projecto nacional claramente entendido e assumido pelos portugueses».

No dizer de Britaldo Rodrigues, o êxito de um projecto nacional para o Estado e para a ciência «será possível e tanto mais rápido quanto maior for o fluxo pertinente de informação».

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 17.º JUÍZO

Proc.º 29 1.ª Secção

FAZ SABER que na execução Ordinária pendente na Secretaria Judicial desta comarca e com o n.º 29 que João Norberto da Palma Carlos, advogado, com escritório na Rua dos Sapateiros 123-2.º em Lisboa move a Alberto Fernandes Morgado, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Praceta da Índia n.º 10 r/c Esq.º Rio de Mouro-Cacém foi resolvida a venda por meio de propostas em carta fechada enviadas até ao dia e hora designado dirigidas ao Escrivão de Direito desta secção do direito que o executado tem na herança indivisa deixada por Alberto Morgado, residente que foi em Ferro, Covilhã e falecido em 23/11/82, dos seguintes imóveis:

Primeiro
Souto sito no Rebollar com o artigo matricial rústico n.º 2166 pelo valor de 1680\$00 do concelho da Covilhã.

Segundo
Terra com pinhal sito no Coço Frio com o artigo matricial rústico n.º 1238 pelo valor de 2340\$00.

Terceiro
Terra centeeira sito no Cavalão de Cima com o artigo matricial rústico n.º 918 pelo valor de 43 420\$00.

Quarto
Casa de Pedra sito no Poço Frio com o artigo matricial n.º 545 pelo valor de 960 000\$00.

São convidadas todas as pessoas com interesse na compra dos bens a entregarem as suas propostas na secretaria judicial.

No dia 15 de Julho de 1987 pelas 10.30 horas no Tribunal Judicial desta comarca proceder-se-á à abertura das propostas até esse momento apresentadas a cujo acto podem os proponentes assistir. As propostas devem mencionar preço superior a 600 000\$00 já oferecidos pelo exequente para esse direito lhe ser adjudicado em pagamento no seu crédito.

Lisboa, 8 de Junho de 1987
A Juiz de Direito,
M.ª Conceição de Jesus P. S. Oliveira
A Escrivã adjunta,
Leontina Caserio
«DL» 16/6/87 — 2.ª pag.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Serviço de Música

ESPECTÁCULOS DE DANÇA MODERNA

TRISHA BROWN COMPANY

(NOVA IORQUE)

JUNHO

GRANDE AUDITÓRIO

Amanhã, 17 às 21H30 / Quinta, 18 às 18H30 / Sexta, 19 às 21H30

- SET AND RESET (1983)
- OPAL LOOP (1980)
- NEWARK (1987)

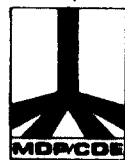
Sábado, 20 às 21H30 e Domingo, 21 às 16H00 e 21H30

- GLACIAL DECOY (1979)
- NEWARK (1987)
- LATERAL PASS (1985)

COREOGRAFIAS DE TRISHA BROWN

BILHETES À VENDIA

MDP/CDE



MDP/CDE JANTAR CONVÍVIO

Quadros - Técnicos - Intelectuais, CASA DO ALENTEJO — dia 17 quarta-feira às 20 horas com a presença de José Manuel Tengarrinha

Inscrição Livre
Telefones 524790/561788/662303

Apresentados ontem à Comunidade

PROTESTO POLÍTICO E RECURSO JURÍDICO: ARMAS PORTUGUESAS NA GUERRA DA MANTEIGA

O Conselho de Ministros da Comunidade foi ontem chamado pelo ministro português das Finanças a reanalisar politicamente a sua posição face à participação financeira de Portugal nos custos de escoamento de manteiga excedentária da CEE.

A reunião dos ministros da Economia e Finanças deveria ter analisado um relatório da Comissão Europeia sobre o assunto, mas acabou por se limitar a ouvir intervenções das delegações portuguesa e espanhola. «Queremos que o Conselho reanalise politicamente a sua atitude, económica e financeiramente também, mas sobretudo em termos políticos», afirmou o ministro Miguel Cadilhe. Declarando-se esperançado que a questão possa voltar a ser analisada em Julho desta vez como primeiro ponto da ordem de trabalhos.

O relatório da Comissão Europeia, que nega em termos ju-

rídicos as pretensões portuguesa e espanhola de não participarem nos custos do programa de escoamento, mas que chama a atenção para a «sensibilidade política» do problema, deverá ser entretanto analisado pelos representantes permanentes dos países membros junto da Comunidade.

«Não concordamos, obviamente, com esse relatório, razão pela qual tive de anunciar que Portugal lamenta ter passado ao plano técnico-jurídico com a apresentação do recurso contra o Conselho perante o Tribunal de Justiça», disse ainda Miguel Cadilhe.

Uma retirada desse recurso

— «sempre possível», de acordo com o ministro — «depende da forma como o Conselho aprecie o nosso pedido para reanalisar em termos políticos a questão da nossa participação nos custos financeiros do programa de escoamento».

Os argumentos do recurso

A falta de fundamentação e as violações da regra da unidade, das disposições orçamentais e do Tratado de Adesão são os argumentos utilizados por Portugal no seu recurso perante o Tribunal de Justiça ontem apresentado no Luxemburgo, contra a decisão que impõe pagamento do escoamento da manteiga produzida na CEE antes da adesão de Portugal.

O recurso defendido por Mota de Campos ao longo de um texto de 22 páginas citado pela agência Lusa, solicita, apoiado nas posições sobre o assunto do Parlamento Europeu e do Tri-

bunal de Contas, a anulação da decisão do Conselho que deu origem ao polémico programa de escoamento de manteiga excedentária.

O argumento mais forte em defesa dessa anulação é porventura o de que a referida decisão viola o Tratado de Adesão «sobrecarregando financeiramente o Estado português para além do previsto no Tratado e ofendendo, dados os termos em que o faz, os princípios da proporcionalidade, da solidariedade comunitária, da equidade, da segurança jurídica e da confiança legítima que a ordem jurídica comunitária não permite menosprezar».

Seria «totalmente inadmissível que o Tratado de Adesão fosse interpretado por forma que não sendo aplicável a Portugal, durante o período de transição, o regime e os benefícios da política agrícola comum, Portugal

tivesse de financiar com recursos nacionais o escoamento dos seus próprios excedentes (...) e, simultaneamente, tivesse de contribuir para o financiamento da política agrícola comum e, em particular, para o escoamento dos 'stocks' comunitários (...)», afirma-se a dado passo.

Além disso, acrescenta-se, o adiamento no tempo do pagamento pelo Orçamento comunitário dos custos do escoamento implica que Portugal, na medida em que beneficia durante o período transitório de uma restituição degressiva da sua contribuição para os recursos próprios da Comunidade Europeia, suportaria «uma quota-parte muito maior do custo do escoamento dos excedentes comunitários do que suportaria se o encargo orçamental desse escoamento não fosse protelado no tempo».

A argumentação portuguesa

baseia-se, também, no facto de que, ao contrário do que prevê o regime de recursos próprios da Comunidade Europeia, a decisão de «impor aos Estados-membros o financiamento de despesas comunitárias através de contribuições nacionais forçadas» tenha sido tomada por maioria qualificada sem observância da regra da unanimidade.

De acordo com a argumentação portuguesa, por outro lado, a decisão poria em causa o regime orçamental da Comunidade Europeia e designadamente os princípios da anualidade (todas as despesas devem anualmente ser objecto de previsões e inscritas no Orçamento), do equilíbrio orçamental (as receitas e despesas do Orçamento devem estar equilibradas) e da universalidade (nenhuma receita ou despesa pode ser cobrada ou efectuada sem estar inscrita no Orçamento).

"Bureau" da CEE apresenta guia e muda de sede

Os agentes económicos e todos aqueles que se interessam pelas questões da integração europeia dispõem agora de mais um importante elemento de trabalho, da iniciativa do Bureau de Imprensa e Informação da Comissão das Comunidades Europeias para Portugal. Trata-se de uma publicação intitulada «Comunidade Europeia/Portugal - 87» que se apresenta como um «guia das actividades, serviços e financiamentos comunitários» e reúne valiosa informação destinada a «fornecer ao leitor português um conjunto de informações práticas e úteis que ajudem a responder a muitas das questões que hoje se colocam em Portugal a propósito da Comunidade».

Os elementos constantes das 105 páginas do volume são expostos de uma forma que facilita a consulta e serão actualizados anualmente. A apresentação deste guia à imprensa teve recentemente lugar nas novas instalações do Bureau da Comissão em Lisboa, que acaba de se mudar da Lapa para o número 56 da Rua do Salitre (à Avenida da Liberdade), local onde brevemente será também instalada a representação do Parlamento Europeu. As delegações de ambas as instituições comunitárias, dirigidas, respectivamente, por João Vale de Almeida (interino) e Nuno Antas de Campos, ocuparão alguns dos andares daquele edifício que já tem o nome de Centro Jean Monnet, em memória de um dos grandes teóricos da integração europeia e fundador das Comunidades Europeias.

No ano passado

Empréstimos do BEI a Portugal atingiram 30 milhões de contos

Os empréstimos do Banco Europeu de Investimentos (BEI) a Portugal atingiram no ano passado um montante de 190,7 milhões de ECU's (cerca de 30,7 milhões de contos), o que significa terem aumentado 90 por cento de um ano para o outro.

O Relatório do BEI agora publicado sublinha que o nível de actividade do banco em Portugal «atingiu um nível bastante prometedor, no primeiro ano a se-

guir à adesão». Estes empréstimos a Portugal, que representavam 1,5 por cento, em 85, do montante de empréstimos utilizados pelo conjunto dos países da Comunidade, representaram, em 1986, uns 2,7 por cento do total.

Na lista dos principais utilizadores, Portugal surge em nono lugar, à frente da Holanda (1,4 por cento), da Bélgica (0,7 por cen-

to) e do Luxemburgo (0,3 por cento).

A Itália (42,8 por cento) e o Reino Unido (19,4 por cento) continuaram em 1986 a ser, de longe, os utilizadores mais activos.

Em 1986, os empréstimos do BEI atingiram 7500 milhões de ECU's (dos quais 470 milhões no exterior da Comunidade Europeia).

Nos primeiros quatro meses

Vendas de automóveis aumentaram um terço

As vendas de automóveis de passageiros e mistos em Portugal no primeiro quadrimestre do ano aumentaram 32,4 por cento, relativamente ao mesmo período de 1986 — anunciou ontem a ACAP, associação de comerciantes do sector.

As vendas totalizavam em Abril 43 264 unidades. À frente das 10 marcas mais vendidas continuava a Renault (14 212) com quase três vezes mais carros vendidos do que a segunda marca, a Fiat (5378).

Tanto a Renault como a Fiat cresceram em vendas relativamente ao período homólogo de 1986, respectivamente 34,4 e 49,7 por cento, mas entre as dez marcas mais vendidas foi a Seat quem registou um crescimento mais acentuado com 1341 carros vendidos, mais 205 por cento do que no mesmo período de 1986.

Com números que aparentemente ameaçam esgotar

mais depressa os contingentes de importação, as diversas marcas travam já a luta pelo lugar ao sol que um eventual fim das restrições às importações poderá trazer-lhes.

Note-se que um dos modelos ultimamente mais procurados na gama média, o Rover 213, já vendera até Abril 1746 dos cerca de 5100 carros que esta marca poderá importar em 1987.

Uma fonte da ACAP referiu que os protocolos de 18 e 23 anexos ao tratado de adesão de Portugal à CEE, e que estabelecem as restrições em vigor às importações de automóveis, veem terminado o seu período de validade em 31 de Dezembro de 1987, considerando inquestionável a liberalização do mercado no sector a partir de 1 de Janeiro de 1988.

Segundo a mesma fonte, a liberalização é para os agentes económicos do sector uma convicção, estando já assumi-

das responsabilidades e investimentos vultuosos com vista à nova situação.

A ACAP refere que a oferta está preparada para uma maior procura e apesar de previsíveis dificuldades iniciais tudo deverá estar regularizado após o primeiro ano da nova situação no sentido da oferta responder à procura.

Foi em meados dos anos 60 que foram implementadas as linhas de montagem em Portugal, momento a partir do qual a oferta dos construtores representados no País ficou limitada nas suas gamas já que passou a estar circunscrita aos modelos montados em Portugal.

A ACAP prevê que a liberalização do mercado não deverá produzir alterações significativas na actual penetração das marcas antes de um período que poderá ir dos cinco aos sete anos nas condições de mercado livre.

BCI publicou balanço trimestral

O Banco de Comércio e Indústria obteve no primeiro trimestre do ano um resultado provisório de 75,8 mil contos, de acordo com o balanço trimestral ontem publicado.

Iniciada a sua actividade há cerca de um ano, finalizou o

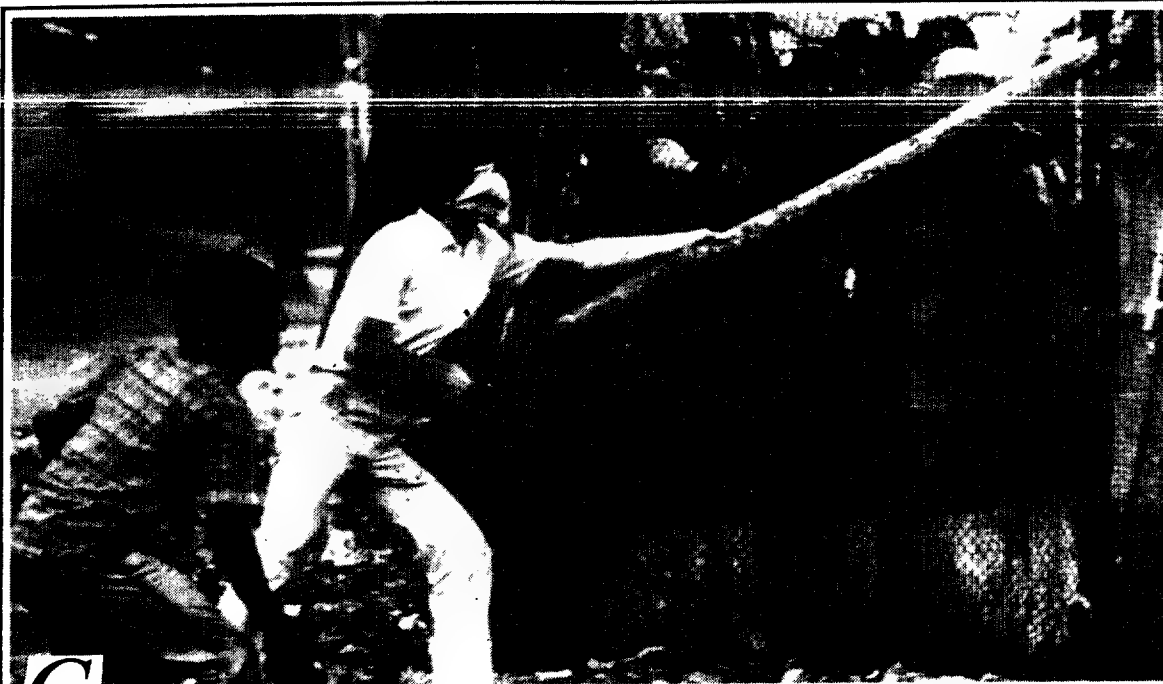
ano passado depois de um exercício de seis meses com 110,6 mil contos, tendo concedido créditos neste ano e até 31 de Março no valor de 6,1 milhões de contos, valor semelhante com o qual terminou 1986.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	43\$45	49\$45
ALEMANHA FED. (marco)	77\$05	78\$65
AÚSTRIA (xelim)	10\$95	11\$05
BÉLGICA (franco)	3\$514	3\$764
BRASIL (cruzado)	2\$900	3\$600
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	104\$85	107\$35
(notas de 5 a 1000)	105\$35	107\$85
DINAMARCA (coroa)	20\$50	20\$90
ESPAÑA (peseta)	1\$077	1\$197
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	140\$75	144\$25
(notas de 5 a 1000)	141\$25	144\$75
FINLÂNDIA (marka)	31\$80	32\$40
FRANÇA (franco)	23\$10	23\$80
HOLANDA (florim)	68\$40	69\$50
IRLÂNDIA (libra)	207\$35	211\$35
ITÁLIA (lira)	\$097	\$112
JAPÃO (iene)	\$929	\$984
NORUEGA (coroa)	20\$90	21\$40
REINO UNIDO (libra)	230\$70	235\$20
SUÉCIA (coroa)	22\$10	22\$60
SUIÇA (franco)	93\$05	94\$55
VENEZUELA (bolívar)	4\$40	5\$40

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



Cerça de sete mil estudantes sul-coreanos confrontaram-se ontem com forças policiais nas ruas de Seul, algumas horas depois de a ocupação de cinco dias da catedral católica da capital ter terminado sem incidentes. Na foto, um manifestante anti-governamental ataca forças policiais munido de um pau.

Os resultados das investigações científicas para a descoberta de uma vacina ou medicamento contra a Sida devem ser postos à disposição de todos os países, disse o director do programa contra a Sida da OMS, Jonathan Mann. O funcionário da Organização Mundial de Saúde (OMS), disse em conferência de Imprensa nas Nações Unidas, que «quando for descoberta uma vacina ela deve estar disponível para o mundo inteiro e não só para os ricos». Mann mencionou o exemplo da vacina contra a hepatite-B, que começou a ser comercializada nos EUA há cerca de cinco anos, a um preço de 100 dólares por unidade, e que, apesar dos esforços realizados ainda é inacessível para a maioria dos países em desenvolvimento. As investigações com vista à descoberta de uma vacina contra a Sida estão a cargo de empresas privadas de biotecnologia e farmacêuticas.



Quatro dos seis membros turcos que raptaram dois turcos no centro de Amsterdão, mostram-se à varanda fazendo

Fome continua a aumentar

A produção alimentar mundial atingiu um novo incremento em 1986 mas o número de famintos continua a aumentar, disse o director-geral da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). Edouard Saouma adiantou que com a produção mundial a aumentar em 2,5 por cento em 1986 — a mesma taxa que em 1985 — e com os excedentes alimentares a crescerem, o «processo de polarização» no sistema alimentar global mantém-se. «Os responsáveis pelas políticas globais enfrentam um duplo desafio — afirmou — já que devem ser tomadas medidas para assegurar o acesso aos alimentos por parte dos grupos vulneráveis em países afectados pela crise económica.» Por outro lado, «as nações industrializadas devem encontrar a fórmula que lhes permita equilibrar a produção agrícola com os requisitos comerciais enquanto protegem os rendimentos agrícolas e minimizam o fardo dos contribuintes». Apresentando uma panorâmica regional da situação alimentar no mundo, Saouma salientou que ela é muito grave em Moçambique e que há cada vez mais indícios de deterioração em Angola, Sudão, Somália, Etiópia, Botsuana e Zâmbia. Na Ásia, alguns países como a China, Índia, Paquistão e Malásia encontram-se numa situação de relativa estabilidade, embora outros como Sri Lanka e Bangladesh enfrentem problemas de produção. Na América Latina e Caraíbas a produção decresceu em cinco por cento em 1986 apenas com a Argentina, Chile, Colômbia e Uruguai a manterem o equilíbrio relativamente ao crescimento demográfico.

Conferência sobre droga

Uma conferência sobre o uso indevido e tráfico ilícito de drogas inicia-se amanhã em Viena, para gerar um movimento universal de combate ao problema da droga, sob todas as formas. Esta conferência, cujos trabalhos decorrerão até ao dia 26, via ainda aprovar um plano amplo e multidisciplinar de actividades futuras em torno de questões concretas e de fundo, directamente relacionadas com o problema do uso indevido e tráfico ilícito de drogas. A ministra portuguesa da Saúde, Leonor Beleza, participa nesta reunião, que será presidida pelo secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar. A conferência reunirá 1500 delegados em representação de 120 governos e de 170 organizações privadas. Entre as questões concretas a abordar pela conferência promovida pela ONU, contam-se a educação preventiva, a redução da procura ilícita, a aplicação das leis, a eliminação das fontes de matérias-primas das drogas ilícitas e a fiscalização da produção.

"Solidariedade" e a visita do Papa

A Polícia deteve temporariamente e multou 123 activistas do «Solidariedade» em 12 cidades polacas, acusando-os de atentados contra a ordem pública durante a recente visita do Papa João Paulo II, revelaram fontes daquele movimento sindical. Um comunicado divulgado pelo «Solidariedade» afirma que 50 elementos daquela organização estiveram presos por um curto período de tempo em Cracóvia, no Sul da Polónia, onde as forças de segurança se confrontaram com os manifestantes. Um outro comunicado difundido pelos sete membros do conselho provisório do «Solidariedade» diz que a visita do Pontífice encorajou a resistência ao governo polaco. «A mensagem do Papa obriga-nos a continuar a resistência contra a escravidão e a lutar pela liberdade», refere o depoimento, que foi o primeiro comentário polaco não-oficial à visita de sete dias que João Paulo II efectuou neste país e que terminou no domingo.

Europa mais perto do desarmamento

REAGAN DIZ SIM À "DUPLA OPÇÃO ZERO"

O presidente Ronald Reagan deu ordens aos delegados norte-americanos em Genebra para que negociem um plano para eliminar, à escala mundial, todos os mísseis de curto alcance dos Estados Unidos e da União Soviética, baseados em terra. Reagan divulgou a sua decisão segunda-feira, numa comunicação pela televisão, na sequência do apoio dos ministros da NATO à chamada «dupla opção zero», ao abrigo da qual tanto os mísseis de médio como os de curto alcance serão banidos da Europa.

O acordo de Ronald Reagan e dos aliados europeus dos EUA às propostas apresentadas por Mikhail Gorbachev abre a porta a uma nova cimeira entre os líderes das superpotências que, segundo se crê, terá lugar ainda neste Outono, nos Estados Unidos.

Numa comunicação difundida ontem à noite pela televisão, Reagan precisou que

uma proposta para a eliminação total dos mísseis de curto alcance — 500 a 1.000 quilómetros —, no quadro de acordo sobre euromísseis, será apresentada nas negociações de Genebra sobre armamentos nucleares, como elemento integrante de um projecto de tratado anteriormente apresentado.

O anúncio de Reagan de que os Estados Unidos procu-

rarão obter um acordo sobre armamentos nucleares na base da «dupla opção zero» era aguardado a partir do momento em que a Alemanha Federal aprovou a ideia e os ministros dos Negócios Estrangeiros da NATO a subcreveram na semana passada, na Islândia.

Os Estados Unidos e a União Soviética tinham já concordado anteriormente nas linhas gerais de um acordo sobre forças nucleares de alcance intermédio (INF), nos termos do qual seriam eliminados da Europa os mísseis de Cruzeiro e Pershing-2 norte-americanos e os mísseis SS-20 soviéticos.

A proposta para a eliminação dos mísseis de curto alcance partiu originalmente de Moscovo. Reagan disse

que os Estados Unidos vão agora propor formalmente à União Soviética a «eliminação global de todos os mísseis de ambos os países baseados em terra, a par de reduções profundas e esperamos também a eliminação final dos mísseis de médio alcance».

A proposta de tratado já existente inclui uma cláusula permitindo que cada lado conserve, no seu próprio território, 100 ogivas de médio alcance.

Alcançado o acordo da RFA, o país da Europa Ocidental que mais reticências colocou à «dupla opção zero», as vozes discordantes no Ocidente partem agora, sobretudo, dos militares da NATO. Ainda ontem, o comandante supremo cessante das forças da Aliança na Eu-

Tortura de crianças denunciada em Washington

Greve de zelo assinala aniversário dos motins do Soweto

Centenas de milhares de trabalhadores e estudantes negros sul-africanos cumprem hoje uma greve de zelo para assinalar o 11º aniversário do levantamento e chacina do Soweto.

As forças de segurança, dotadas de poderes alargados de detenção, sob o estado nacional de emergência, estão em alerta total no dia mais significativo do calendário dos movimentos negros anti-apartheid.

Em 16 de Junho de 1976, pelo menos 575 pessoas morreram em consequência da repressão dos motins ocorridos após a tentativa do governo de Pretória de impor a utilização da língua «afrikander» no ensino dos estudantes negros.

Entretanto, um relatório divulgado em Washington denuncia o aumento da repressão policial desde a imposição do estado de emergência na África do Sul, com crianças negras de 12 anos a serem torturadas e agredidas.

O documento, elaborado pela secção norte-americana da Defesa Internacional para as Crianças (DCI) — grupo de defesa dos direitos humanos sediado em Genebra — refere que os «incidentes de tortura, mortes arbitrárias e detenções ilegais de crianças continuam a registar-se».

O relatório denuncia que as crianças detidas são agredidas regularmente com as coronhas das espingardas, sufocadas com sacos de nylon e suspensas a partir do tecto por cadeias à volta dos pu-

nhos e impulsionadas para andar em círculos, numa tortura, refere a DCI, que a polícia chama de «helicóptero».

O relatório refere que entre as várias formas de tortura, os choques eléctricos tornam-se de tal modo regulares que «são aplicados às crianças antes destas chegarem à esquadra». «Os veículos policiais foram modificados para que os detidos, antes de chegarem à esquadra, sejam previamente alvo de choques eléctricos».

Segundo o relatório divulgado em Washington, são mais de 10.000 as crianças detidas sem julgamento desde a entrada em vigor do estado de emergência, a 12 de Junho de 1986.

Navio da RFA atingido por outro do Pacto

Três tripulantes de um navio ridos quando este foi ontem atingido por fogo de artilharia disparado de um navio soviético no Mar Báltico, informou a RFA.

O «Neckar» foi atingido quando efectuados por navios do Pacto de Varsóvia, referiu um porta-voz do M. O informador frisou que a A que o ataque foi «acidental».

A mesma fonte não disse se os feridos nem a nacionalidade dos feridos.

Elementos do posto de comando ram que os três feridos, todos a contram «em perigo de vida».

O «Neckar», um navio de guerra, meteu água na ré quando foi atingido um fogo a bordo, que foi

O navio, de 2.370 toneladas, atingido quando navegava em direção da Costa da Lituânia, no Mar da Polónia.

«Aconteceu quando o nosso navio do Pacto de Varsóvia na área normal», adiantou.

DC reforça maioria enquanto socialistas sobem

Os resultados das eleições legislativas italianas efectuadas no domingo vieram confirmar que em Itália não pode haver Governo sem a Democracia Cristã (DC). Com efeito, a DC consolidou a sua posição como o principal partido italiano, com 34,3 por cento, ou seja quase dois pontos do que em 1983. Mas o principal beneficiado é o Partido Socialista (PS), com 14,3 por cento, mais cerca de três pontos do que em 1983. Os comunistas, com 26,6 por cento, sofreram uma significativa derrota, uma vez que em 1983 obtiveram 29,9 por cento.

Segundo o quadro dos resultados finais hoje divulgado, os democratas-cristãos ficam com 225 assentos na Câmara de deputados italiana, enquanto os comunistas ocupam 177 e os socialistas 94. Outras formações partidárias votadas foram: o Movimento Social Italiano, com 5,9 por cento (35 deputados); os republicanos, 3,7 por cento (21); sociais democratas, 3,4 por cento (17); radicais, 2,6 (13); liberais, 2,1 por cento (11); Verdes, 2,5 (13); e Democracia Proletária, 1,7 (8). Os restantes lugares foram distribuídos pelos partidos mais pequenos.

Segundo dados divulgados pelo Ministério do Interior, a participação para a Câmara de

deputados foi de 88 por cento (80 por cento em 1983). Para o Senado a participação foi também de 88 por cento (igual a 1983).

No total, 45.583.499 italianos maiores de 18 anos (23.703.321 mulheres) estavam habilitados para renovar os 630 lugares da Câmara de deputados.

Por outro lado, 38.951.647 italianos maiores de 21 anos votaram para eleger 315 senadores (20.449.046 mulheres).

Reacções

Bettino Craxi, presidente do Partido Socialista italiano, disse em Roma que o seu partido «foi o vencedor das eleições parlamentares».

«Estou muito satisfeito pela vitória», afirmou Craxi.

A Democracia Cristã não só aumentou os votos mas também «consolidou o papel de partido da maioria», afirmou o secretário-geral, Ciriaco De Mita.

De Mita declarou à televisão que o aumento de votos da DC «se verificou além disso no meio de um panorama de fragmentação».

O secretário-geral do Partido Republicano (PRI) e ministro da Defesa do último Governo, Giovanni Spadolini, declarou que «é muito difícil recuperar a coligação dos cinco partidos».

O PRI perdeu votos, passando de 4,1 em 1983 para 3,9 nas eleições de ontem.

«Foi a primeira vez que o partido se apresentou às eleições e obteve resultados», disse Rosa Fillipini, do partido ecologista «Verdes», que conseguiu representação parlamentar.

Entrevistado pela televisão italiana, o chefe da secretaria do Partido Comunista italiano, Achille Occhetto, reconheceu a derrota dos comunistas, que atribuiu ao progressivo aumento do protesto de certos sectores da sociedade italiana, ao qual o PCI não soube responder.

Ex-presidente Figueiredo admite insatisfação no Exército brasileiro

O último Presidente do regime militar brasileiro, general João Figueiredo, admitiu «haver muitos insatisfeitos no exército com a crise económica», mas rejeitou a iminência de um novo golpe militar.

Numa entrevista publicada pelo diário brasileiro «Folha de São Paulo», o antigo Presidente disse que fica «muito preocupado, quando pessoas ilustres falam em risco de golpe militar. Isso recorda-me o ano de 1937, quando se inventou um golpe para evitar a eleição directa e um ditador se instalou no poder».

Figueiredo disse que em Setembro de 1963, seis meses antes do golpe militar que derrubou o Governo constitucional de João Goulart, advertiu pessoalmente o então Presidente: «O senhor já caiu».

O general Figueiredo foi um dos líderes do movimento que derrubou João Goulart, dando origem a uma ditadura militar que terminou em

Março de 1985, com a vitória da oposição nas eleições presidenciais indirectas.

O antigo Presidente, que em 1984 trabalhou activamente para evitar o restabelecimento das eleições presidenciais directas, defendeu a sua realização no mais curto prazo possível, por considerar que o povo está «muito desanimado» e prognosticar uma convulsão social, se persistir a actual crise económica.

Figueiredo qualificou como «uma grande farça» as medidas económicas decretadas na passada sexta-feira pelo Governo presidido por José Sarney.

As medidas incluem o congelamento dos preços e salários por um prazo de 90 dias, o corte do subsídio ao trigo, desvalorização da moeda, aumento dos preços e tarifas e a suspensão ou adiamento de ambiciosos projectos de obras públicas.

Corrupção leva ex-ministro soviético à prisão

Vladimir Sushkov, ex-vice-ministro soviético do Comércio Externo, foi ontem condenado por corrupção a uma pena de 13 anos de prisão com confiscação de todos os seus bens, segundo anunciou a agência noticiosa TASS.

Foram igualmente condenados respectivamente a 11 e 6 anos de prisão a mulher de Sushkov, Valentina, e o seu adjunto Yevgeny Kuzminykn, acrescentou a TASS. Valentina Sushkov desempenhava um alto cargo no Comité de Ciência e Tecnologia da URSS.

Segundo o veredicto do Supremo Tribunal soviético, Sushkov abusou da sua posição para dela extrair lucro e aceitou subornos de firmas estrangeiras, num total de cerca de 127 mil rublos (mais de 28 mil contos).

A sentença assinala ainda que a senhora Sushkov aceitou igualmente subornos a troco de «uma atitude favorável para com empresas estrangeiras na hora de resolver

questões bilaterais relacionadas com cooperação científica, tecnológica e económica, bem como pela sua ajuda para introduzir produtos destas firmas no mercado soviético».

As quantias recebidas pela mulher do ex-vice-ministro soviético do Comércio Externo ascendem a 329 mil rublos (cerca de 82 mil contos). Segundo a TASS, Valentina Sushkov era conhecida entre representantes de firmas estrangeiras como «a senhora de ouro».

A TASS acrescenta ainda que o Supremo Tribunal da URSS adoptou uma circular dirigida ao Ministério do Comércio Externo e ao Comité para a Ciência e Tecnologia, chamando a atenção dos seus dirigentes para as causas e condições que levaram ao delito. O Tribunal sugeriu mesmo que os dirigentes destes dois órgãos podem vir a ser afastados dos respectivos cargos.

24 HORAS

SIDA: filho de Reagan critica administração

O filho do presidente Ronald Reagan afirma, num documentário televisivo sobre a SIDA, que a administração norte-americana não está a fazer o suficiente para impedir a propagação da doença, revelava ontem a revista «Newsweek». «Façamos saber em Washington que pensamos claramente que não está a ser feito o suficiente», sublinha Don Reagan num anúncio público que acompanha o filme. A «Newsweek» adianta que no filme — que poderá não ser transmitido devido ao seu conteúdo sexual — o filho do chefe da Casa Branca segura um preservativo em frente à câmara afirmando «isto é um preservativo».

Engenheiro da CBS morre em Varsóvia

Um engenheiro do serviço noticioso da cadeia de televisão norte-americana CBS, que fazia parte da equipa encarregada da cobertura da visita do Papa à Polónia, foi encontrado morto no domingo em Varsóvia, informou ontem a empresa. Trata-se de Tom Scalzo, de 34 anos, cujo corpo foi encontrado numa escada de um dos principais estúdios de televisão de Varsóvia. A causa da morte ainda não é conhecida.

Primeiro-ministro do Irão na Turquia

O primeiro-ministro iraniano, Mir-Hossein Mousavi, avistou-se segunda-feira com o seu homólogo turco, Turgut Ozal, no começo de uma visita marcada por alguns incidentes devido ao facto de Mousavi se ter recusado a prestar homenagem ao fundador da actual Turquia, Mustafa Kemal Atatürk, facto que provocou várias críticas por parte da imprensa turca. O Irão tem criticado Atatürk, devido à sua política de separação entre Estado e religião.

Amnistia Internacional recebe prémio



A Amnistia Internacional e o arcebispo de São Salvador, Arturo Rivera y Damas, receberam ontem o Prémio Onassis de 1987 referente ao «Homem e Sociedade». O Prémio «Homem e Humanidade» foi atribuído ao antigo presidente italiano Sandro Pertini e o prémio «Homem e Ambiente» foi concedido à Sociedade Arqueológica de Atenas, sendo recebido pela ministra grega da Cultura, Melina Mercuri.

Funcionária da RFA julgada por traição

Uma secretária do gabinete da Presidência da RFA, acusada de transmitir segredos de Estado a um agente soviético seu amante, começou ontem a ser julgada por traição. Margaret Hoeke, de 51 anos, foi acusada oficialmente ao iniciar-se o julgamento num Tribunal de Dusseldorf, instalado numa cave protegida contra sistemas de escuta.

Gemayel revoga acordo com a OLP

O presidente libanês Amin Gemayel assinou ontem o decreto que revoga um acordo militar assinado há 18 anos com a Organização de Libertação da Palestina (OLP) e que põe termo à luta armada palestina no Líbano. Gemayel, ao assinar o decreto aprovado pelo Parlamento libanês o mês passado, declarou que o denominado acordo do Cairo, assinado em 1969 entre o líder da OLP, Yasser Arafat e o antigo comandante do Exército libanês, general Boustrani, «é nulo e sem efeito».

Colectividades vão homenagear o vereador dr. Vítor Gonçalves



Por iniciativa do Grupo Desportivo da Mouraria, Sociedade Filarmónica Alunos Esperança e Boa Hora Futebol Clube, vão as colectividades de desporto cultura e recreio sediadas em Lisboa, promover um jantar de homenagem ao dr. Vítor Gonçalves, vereador do pelouro de Desporto da Câmara Municipal de Lisboa,

prestando, desse modo, o reconhecimento devido àquele dinâmico autarca pela sua acção no desenvolvimento da actividade desportiva na capital. Naturalmente que se trata duma atitude fincada nos preceitos da gratidão e que visa o incentivo quanto à continuidade do excelente trabalho que vem sendo realizado pelo pelouro de Desporto da CML, da qual ressalta a movimentação que tiveram os «Jogos Desportivos da Cidade» cujo encerramento teve lugar no passado domingo no Terreiro do Paço e que dominaram o entusiasmo de milhares de jovens durante seis meses. As inscrições para o jantar de homenagem o ao dr. Vítor Gonçalves, marcado para o dia 23 do corrente no Páteo Alfacinha, poderão ser feitas através dos telefones 860254 (horas de expediente) ou 864127 (das 21 às 24 horas).

Ford patrocina Direito



A Ford Lusitana está, desde agora, ligada ao Grupo Desportivo de Direito, cuja equipa de rãguebi passa a ostentar o oval Ford ao peito.

A Ford Lusitana, ao patrocinar o Grupo Desportivo de Direito, está ciente que participa num projecto importante para a juventude, um projecto louvável que envolve a formação daqueles que vêem no desporto uma fonte e riqueza física e mental.

"HERÓIS DE VIENA": FESTA NA PÓVOA

O ministro da Educação e Cultura atribuiu domingo ao capitão da equipa do FC do Porto, Fernando Gomes, a Medalha de Mérito Desportivo.

A leitura do despacho desta distinção e o acto de imposição fizeram parte da festa de homenagem aos campeões europeus de futebol, que decorreu na noite de domingo e se prolongou pela madrugada no Casino da Póvoa de Varzim.

O ministro João de Deus Pinheiro anunciou a decisão do Governo em atribuir a Medalha de Honra do Mérito Desportivo ao director-geral dos Desportos, Mirandela da Costa, e ao presidente do clube das Antas, Jorge Nuno Pinto da Costa.

O ministro lembrou que antes da final de Viena, sob proposta sua, o Governo atribuiu, pela primeira vez, ao FC do Porto o Grande Colar de honra de Mérito Desportivo.

João de Deus Pinheiro admitiu, na sua intervenção, que o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, proceda à entrega das distinções conferidas ao clube e ao seu presidente ainda durante esta semana.

Participaram nesta sessão de homenagem cerca de 400 pessoas, entre as quais os ministros da Educação e do Plano e Administração do Território, a Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, o director-geral dos Desportos, o governador civil do Porto, presidentes das Câmaras Municipais da região do Grande Porto e dirigentes desportivos.

Jorge Nuno Pinto da Costa exprimiu o seu agradecimento pelo apoio que o clube mereceu do Governo para a concretização das obras recentemente realizadas no Estádio das Antas e pelas felicitações que o clube vem recebendo pelo triunfo obtido na Taça dos Campeões Europeus.

Modalidades

Andebol: «Xira Cup-87» será muito participado

A União Desportiva Vilafranquense, apoiada pela Associação de Andebol de Lisboa e pela Federação Portuguesa de Andebol, organiza a quinta edição do torneio internacional de andebol «Xira Cup 87» que se vai realizar entre 22 e 25 de Julho, em Vila Franca de Xira.

O «Xira Cup-87», que vai mobilizar a gente do andebol de todo o país e de vários países estrangeiros, tem como objectivos fundamentais o desenvolvimento da prática do andebol ao nível dos escalões etários mais baixos, em ambos os sexos.

Neste momento, a cerca de 2 semanas do encerramento das

inscrições, o «Xira Cup-87» tem asseguradas as presenças de representantes do Brasil (a equipa «Bandeirantes de São Paulo»), Gabão (a equipa PRAG), RFA (SC-DJK Everswinke), Itália (Modena), Bélgica (D. Bosco), França (US Villejuif), Moçambique e Angola.

A Dinamarca, Suécia, Espanha e mais de 20 clubes nacionais, devem confirmar a sua presença nos próximos dias.

O torneio vai comportar cerca de 70 equipas, por isso os interessados em participar devem tentar fazer as suas inscrições o mais rapidamente possível, que podem ser enviadas pelo correio para: União Desportiva Vilafranquense — Xira Cup-Andebol: Vila Franca de Xira.

Pinto da Costa

contesta alargamento

Referindo-se ao preconizado alargamento do quadro da primeira divisão nacional de futebol de 16 para 20 clubes, o presidente portista manifestou-se contrário a uma alteração desta natureza, que — disse — seria a ruína dos clubes. A este propósito, manifestou a sua solidariedade ao presidente do Conselho Superior de Justiça da Federação Portuguesa de Futebol, juiz Jesus Costa. Não estamos de acordo com alargamento — sublinhou Pinto da Costa — até porque as alegações são no sentido de reparar um erro do Conselho Superior de Justiça quando este órgão não cometeu erros.

Na opinião do presidente do FC do Porto, assiste-se a jogos de bastidores que visam distribuir benesses, em prejuízo do próprio futebol.

Hóquei em patins em Campo de Ourique

O CACO organiza nos dias 20 e 21 do corrente, das 15 às 19 horas, no seu pavilhão, um torneio quadrangular de hóquei em patins-escolas, 1.º e 2.º escalões (6/8 e 9/10 anos).

As equipas participantes são: CACO — Clube Atlético Campo de Ourique, Futebol Clube Alverca, Clube Lisnave e Parede Futebol Clube.

Calendário dos jogos: 1.ª jornada — 20 de Junho: 15 horas: abertura — apresentação das equipas; 15.30: 1.º escalão — Alverca / CACO; 16.15: 2.º escalão — Parede / Alverca; 17: 1.º escalão — Lisnave / CACO.

Microscópio

O «Portugal» foi 3.º na regata «Constituição»

O navio «Portugal», comandado por João Lúcio da Costa Lopes, obteve o 3.º lugar na regata «Constituição» que terminou na madrugada de domingo em Filadélfia — informou a Associação Naval de Lisboa.

A regata, na qual participaram cinco barcos de cruzeiro de 12 e 14 metros, começou a 16 de Maio em Nieuwpoort, na Bélgica, e foi ganha por um barco luxemburguês e em 2.º lugar ficou o barco que representava a Comunidade Europeia, entidade organizadora.

McEnroe desiste de Wimbledon

John McEnroe anunciou que não participa no torneio de ténis de Wimbledon, devido a uma lesão nas costas. «Só iria participar se estivesse a 100 por cento no aspecto físico» disse McEnroe aos jornalistas, acrescentando que nos últimos dias não tem podido treinar convenientemente. «Estou cansado de entrar no «court» e de pensar se estarei em condições de dar o melhor do meu esforço», sublinhou.

2.ª jornada — 21 de Junho: 15 horas: 1.º escalão — apuramento do 3.º e 4.º lugares e 16: 2.º escalão — apuramento do 3.º e 4.º lugares; 16.45: patinagem artística do Sport Lisboa e Benfica; 17: «9» escalão — final; 17.45: patinagem artística; 18: 2.º escalão — final; 18.45: entrega de lembranças e prémios; 19: encerramento.

Ginástica rítmica: Margarida Carmo vence «Dia Olímpico»

Margarida Carmo (ISEF) venceu a prova de ginástica rítmica do «Dia Olímpico» ao somar 37.15 pontos no decorrer das provas efectuadas no Estádio Nacional.

Sporting Clube de Portugal

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos do Artigo 37.º e para os fins do disposto no Artigo 35.º, alínea a) dos Estatutos do SPORTING CLUBE DE PORTUGAL, convoco a Assembleia Geral para reunir nas instalações do Estádio José Alvalade, no próximo dia 25 de Junho, pelas 20.00 horas em 1.ª convocatória e, não estando a essa hora presente o número estatutário de sócios para a Assembleia poder funcionar, em 2.ª convocatória pelas 21.00 horas no mesmo dia, funcionando então com qualquer número de sócios, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Discussão e votação do orçamento de receitas e despesas para o exercício de 1987/88.

Lisboa, 8 de Junho de 1987

Pel'O Presidente da Assembleia Geral

Dr. Juiz Desembargador Augusto José Mendes Calixto Pires

Vice-Presidente da Assembleia Geral

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 16.º JUÍZO ANÚNCIO

Proc. 5294
3.ª Secção

Pelo Juízo de Direito desta comarca, na Acção Especial de Despejo pendente na 3.ª Secção deste 16.º Juízo Cível, movida pelo Autor José Luís Carneira, contra a Ré VÁRZEA, LDA, com última sede conhecida na Rua Tomás Ribeiro, Lote 5, 1.º Dt.º, Carnaxide, Linda-a-Velha, Oeiras, é esta Ré citada para comparecer neste Tribunal no dia 23 de Julho de 1987, pelas 11.00 horas, a fim de se proceder a uma tentativa de conciliação ou fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir, sob pena de multa.

É ainda citada a Ré acima indicada, para, no caso de a tentativa de conciliação se frustrar, contestar a Acção no prazo de DEZ DIAS, finda que seja a dilação de TRINTA DIAS, contada da data da referida conciliação, podendo reduzir em reconvenção o pedido de benfeitorias e indemnização a que se julgue com direito sob pena de, não o fazendo, poder vir a ser condenada no pedido, que consiste no despejo do prédio denominado Vivenda Delfina, sito na Fonte Velha, Paço do Lumiar em Lisboa, e ainda no pagamento das rendas em mora, no montante de 192.000\$00, bem como nos juros que se vierem a vencer, custas e condigna procuradoria.

Lisboa, 3 de Junho de 1987

O Juiz de Direito

(assinatura Regrada)

O Escrivão

(assinatura Regrada)
«DL» 16/6/87 — 1.ª Pub.

16.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que, por este meio, são devidamente convocados todos e quaisquer credores, da requerente apresentante «METALÚRGICA COMERCIAL DO SOCORRO, LDA, sociedade por quotas de responsabilidade limitada, com sede na Rua da Palma, n.º 202 a 204, 1.º em Lisboa, comparecerem neste Juízo, sito no 6.º piso do Palácio da Justiça, Rua Marquês da Fronteira, em Lisboa, no dia DOIS DE JULHO, PELAS 10 HORAS, para o fim de se conseguir concordata com os respectivos representantes, depois de serem apreciados, de uma maneira geral, a situação dos negócios da requerente, as causas do estado de falência e discutirem e apreciarem os débitos da mesma.

Os credores que não figurem na relação apresentada pela requerente podem reclamar no processo os seus créditos, até dez dias antes ao designado para a reunião acima referida, e qualquer credor pode, no prazo de cinco dias posteriores à mesma, impugnar qualquer crédito e denunciar actos culposos ou fraudulentos, da administração da referida sociedade apresentante e requerente, acima aludida.

Lisboa, 11 de Junho de 1987

A Juiz de Direito

a) Ana Bela Dias Capurro

A Escrivã Adjunta

a) Maria Teresa de Matos Dias

«DL» 16/6/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 17.º JUÍZO ANÚNCIO

Proc.º 354-C

2.ª secção

FAZ-SE SABER que, pela 2.ª secção do 17.º Juízo Cível de LISBOA, correm editos de 30 dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio notificando os executados Fernando Figueiredo Estanqueiro e mulher Maria do Carmo Grilo Farias Estanqueiro, ausentes em parte incerta, e com última residência conhecida na Travessa da Quinta do Pau, n.º 5, 2.º Esquerdo-Amadora, do requerimento inicial respectivo, no qual o exequente João Norberto de Palma Carlos, solteiro, advogado, com escritório nesta cidade, requer para pagamento da quantia exigenda de 1 108 575 (um milhão cento e oito mil quinhentos e setenta e cinco escudos) e de que por despacho de 16.7.86 foi decretada a conversão em penhora do arresto que pendia sobre a fracção autónoma designada pela letra «O», correspondente ao 3.º andar lado direito do prédio urbano em regime de propriedade horizontal sito na Rua Pais Ramos, Lote 3, freguesia da Reboreira, Amadora, descrito na Conservatória do Registo Predial de Amadora sob o n.º 5331, a fls. 75 do Livro B-18 e inscrito na matriz sob o art.º 199 da referida freguesia, e ainda para no prazo de 10 dias, findo o dos editos embargar aquela execução ou requerer a substituição do bem penhorado por outro de valor suficiente.

Lisboa, 8.7.86.09

O Juiz de Direito

a) António Correia de Albuquerque Martins

A Escrivã Adjunta Intermédia,

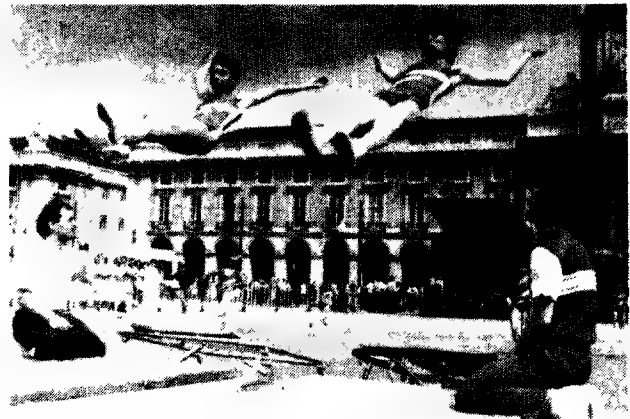
a) Maria de Fátima Ramos Antunes Gonçalves

«DL» 16/6/87 — 1.ª Pub.



Festa no Terreiro do Paço

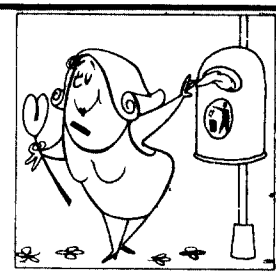
Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa



Com o maior brilhantismo e larga participação de público, realizou-se no passado domingo, o encerramento da I edição dos «Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa», organizados pelo Pelouro de Desporto da CML e que teve a participação de todas as colectividades populares das diversas freguesias da capital. As fotos acima referem-se às classes de ginástica do Benfica que se associaram à festa na Praça do Comércio da equipa de andebol feminino do Liceu Passos Manuel e da equipa de futebol de salão «Os Maiúsculas da Penha de França, vencedores dos respectivos torneios.

VENDE-SE

Mini — Ano — 1982.
Contacto: Telef.
419715.



COMARCA DE LISBOA — 2.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

Processo N.º 4501

3.ª Secção

para citação de credores desconhecidos

Pelo Juízo de Direito desta comarca, secção da Secretaria acima referida, correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado António Serra Moraes, Rua de S. Marçal, n.º 1-A, Lisboa para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Armando Ferreira Fernandes, Lda.

Lisboa, 21 de Maio de 1987

O Escrivão Adjunto

a) José António Costa Penaforte

Verifique!

O Juiz de Direito

a) Jorge dos Santos

«DL» 16/6/87 — 1.ª Pub.

DESPORTO

FUTRE E MADJER NO "MUNDIALITO"

● FC Porto joga hoje na Suíça

O Real Madrid e o Futebol Clube do Porto estão prestes a chegar a um acordo para a transferência do futebolista Futre para o clube espanhol, revela o jornal «Diário 16», segundo o qual, numa reunião efectuada recentemente em Madrid, entre os dois clubes, terá ficado praticamente decidida a transferência do avançado portista para o clube madrilenho.

Contudo dirigentes do Real Madrid afirmam «não confirmar nem desmentir» a realização de tal reunião, onde, segundo o «Diário 16», participou um representante do Futebol Clube do Porto, o presidente do Real Madrid, Ramon Mendonza, e possivelmente o próprio jogador.

A transferência de Futre para o Real Madrid estaria neste momento unicamente «suspensa» por questões económicas, uma vez que o Futebol Clube do Porto pede cerca de 400 milhões de pesetas, enquanto o clube madrilenho deseja pagar menos e na operação poderia entrar o jugoslavo Jankovic, contratado pelo Real há perto de dois meses e que não deu ainda o rendimento esperado.

Bem, este é o teor dum telex que nos é remetido pela Luis sobre o interesse dos clubes espanhóis (Real, Atlético e outros) pelo «menino de ouro» do futebol português que é um facto bem conhecido. Todavia o FC Porto não estará interessado em abdicar do jovem futebolista a não ser que lhe seja oferecida verba que permita justa compensação. Neste momento, Paulo Futre encontra-se com os seus companheiros na Suíça, onde logo à noite defrontarão o Servette e nas bancadas irão estar atentos observadores, que seguidamente seguirão para Milão, onde Futre e seus parceiros campeões da Europa disputarão o «Mundialito» com o Milão, Inter, Barcelona e Paris Saint Germain.

Já agora refira-se a comitiva dos «Dragões» chefiada por Jorge Nuno Pinto da Costa, tendo Artur Jorge escalado os seguintes 19 elementos: Mly-

narczyk, Zé Beto (guarda-redes), João Pinto, Eduardo Luís, Celso, Festas, Inácio (defesas), Frasco, Jaime Magalhães, Jaime Pacheco, André, Quim, Rui Barros, Semedo, Sousa (médios), Juary, Madjer, Futre e Jorge Plácido (avancados).

Os futebolistas portistas só na 5.ª feira partirão para Milão em virtude de amanhã assistirem, em Lausana, ao encontro Suíça-Suécia a contar para o «Europeu».

Espinho-V. Setúbal realiza-se hoje

A contar para o apuramento do campeão da II Divisão, realiza-se hoje, pelas 18.30 horas, em Espinho, o encontro entre o Sporting local e o Vitória de Setúbal.

Na 5.ª feira terá lugar o jogo Covilhã-V. Setúbal terminando o torneio no domingo com o confronto Covilhã-Espinho.

Futebol lá fora

Schumacher prepara o regresso

O ex-guarda-redes internacional alemão federal, Harald Schumacher vai assinar pelo Schalke 04 para a próxima época.

Um acordo de transferência do Colónia para o Schalke foi já atingido, faltando apenas a assinatura do contrato.

Schumacher, 33 anos, caído em «desgraça» após ter denunciado escândalos de «doping» no futebol germânico, foi banido da selecção e do seu clube, o Colónia.

Schumacher tem-se recusado a jogar no estrangeiro por «razões familiares» e certamente

não deixará de aceitar o convite do Schalke.

Hateley troca Milão pelo Mónaco

O Mónaco, clube francês da primeira divisão, assinou contrato com o futebolista inglês Mark Hateley do AC Milão.

Hateley assinou contrato por três anos com o clube francês que não adiantou a verbas envolvidas pela transferência.

Recorde-se que Hateley, de 26 anos, ingressou no AC Milão em 1984, vindo da equipa inglesa do Portsmouth.

Lazar em Setúbal

Procurando reforçar o seu plantel com vista às futuras responsabilidades na divisão principal, o Vitória de Setúbal concretizou a transferência de Lazar que alinhava na equipa do Rabat Eto Vasas Gyor. Recorde-se que anteriormente os dirigentes sadinos já haviam recrutado José Rafael e Flávio aguardando ainda o «sim» benfiquista para a cedência de Neno. Entretanto, não ficará em Setúbal, Vitinha, Fernando Cruz, Mota e Vicente.

Laureta no Braga?

Tudo indica que o futebolista Laureta se transfira para o clube bragarense, já que tem vindo a manifestar descontentamento pelo «ostracismo» a que terá sido votado por Artur Jorge.

Chaves

«tapa buracos»

Para colmatar as saídas de Jorge Silva, Jorge Plácido, Fontes, Lakota e Raul, o Desportivo de Chaves já formalizou a contratação de Viciente (V. Setúbal), Abel (Famalicão), Silvério (Beira-Mar) e do búlgaro Slavkov (bota de ouro em 1981).

Chico Faria

e Juanico

«firmes» no Belenenses

Ainda que as negociações não tenham sido concretizadas tudo indica que os vila-condenses Juanico e Chico Faria venham a vestir de azul na próxima temporada.

Também parece estar confirmada a contratação do búlgaro

Markov e a naturalização de Mapuata que segundo Carlos Silva revelou publicamente «já tem namorada» e o casamento está para breve.

Entretanto, consta que o actual vice-presidente da Associação de Futebol de Lisboa, Barcínio Pinto, terá sido convidado para desempenhar importante cargo no departamento de futebol do clube do Restelo.

Casos em suspenso: Carlos Ribeiro, Alberto, Djão, Silvério e quanto a saídas são certas as de Guima, Venâncio, Gaspar e Jorge Abreu.

Académica pretende Cadorin

A Académica manifestou o seu interesse em conseguir, a título de empréstimo, os serviços do futebolista belga Cadorin.

A Académica assegurou já o concurso do defesa Caetano (Boavista) e provavelmente conseguirá a cedência do central Festas, do FC Porto.

Estas aquisições vêm juntar-se às de Eldon e Valente, ex-Marítimo, e Simões, ex-Portimonense.

Estrela da Amadora: domingo é «dia do clube»

Pede-nos o Estrela da Amadora para informarmos os seus associados de que no domingo é considerado «dia do clube» pelo que terão de desembolsar 150\$00 para assistir ao encontro com o Penafiel.

por 2-1 em jogo a contar para o grupo 3 de apuramento do campeonato da Europa de «Esperanças», realizado na cidade Norueguesa de Lillestrom.

Após este encontro, a classificação do Grupo 3 é liderada pela URSS com 6 pontos em 4 jogos, seguida da França (4-3), República Democrática Alemã (3-3) e, na última posição, a Noruega (1-4).

O próximo jogo deste Grupo é o União Soviética - França, a 8 de Setembro.

Europeu de «Esperanças»

A França venceu a Noruega

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

NO ESPAÇO DO CAFE-TEATRO * UM NOVO EXITO *

FARSA VOCE MESMO!

NOVO HORÁRIO: SEXTAS e SABADOS AS 23 h

CURTA SÉRIE DE ESPECTÁCULOS / ATÉ FIM DE JULHO

CURSO DE FORMAÇÃO DE ACTORES E ANIMADORES CULTURAIS DA COMUNA

INSERIDO P.F.E.E.

EXERCÍCIO DE APRESENTAÇÃO PÚBLICA — 2.º ANO

“O DESPERTAR DA PRIMAVERA” FRANK WEDEKIND

4.ª-FEIRA — 21.30 H
5.ª-FEIRA — 19.00 H
6.ª-FEIRA — 19.00 H

TERÇA-FEIRA, 16 DE JUNHO DE 1987

Diário de Lisboa

15

De 3 a 29 de Julho

Romantismo domina Festival de Sintra

O romantismo, na música e no cenário natural, dominará a próxima edição do Festival de Sintra, que, de 3 a 29 de Julho, proporcionará 13 espectáculos em locais dispersos pelo concelho.

Os palácios da Pena, de Queluz, da Vila de Sintra, os jardins do Palácio de Seteais e as quintas da Penha Longa, da Piedade e do Vinagre, são os locais escolhidos para os espectáculos de música e bailado deste XXII Festival, anunciou a organização.

O programa deste ano vai «desde o princípio do romantismo com Philippe Emmanuel Bach até aos últimos românticos como Alban Berg, Rachmaninov, Hugo Wolf, passando pelos grandes mestres do romantismo, tais como Chopin, Brahms, Verdi e Schumann».

A pianista Maria João Pires interpretará, dia 11 de Julho, com o Quarteto Brodsky, peças de Robert Schumann («Cenas infantis», Quarteto em Lá Menor e Quinteto com Piano).

Um dos intervenientes no festival, o Ballet Gulbenkian, vai executar o mesmo programa que apresentou aos príncipes Carlos e Diana de Inglaterra aquando da sua visita a Portugal («Exultate Jubilate» e «Danças dos Espíritos»).

A escola russa de piano vai estar representada neste encontro por Victória Postnikova, Youry Boukoff e Vladimir Krainev.

O festival, que abre dia 3 de Julho, em Seteais, com o Ballet Gulbenkian, prossegue, dia 5, no mesmo local, com a Companhia Nacional de Bailado. Dia 6, na Quinta da Penha Longa, actua o Coro Gulbenkian, dia 9, a contralto Marina Ferreira e o pianista Nuno Vieira de Almeida interpretam obras de Wolf e Brahms, no Palácio Nacional de Sintra.

A 12, é a vez de Victória Postnikova, e a 14, de Youry Boukoff, ambos no Palácio de Queluz. Dia 16, Cremilde Rosado Fernandes toca obras de Haydn, P.E. Bach e Sousa Carvalho, seguindo-se, dia 21, na Quinta da Piedade, a Orquestra Gulbenkian com Vladimir Krainev ao piano.

Seguem-se, dia 24 na Penha Longa, Olga Prats e Anabela Chaves, dia 26 no Palácio da Pena o Quarteto Enesco, a 27, na Quinta do Vinagre, o Grupo Kamer Musik Di Napoli e, dia 29 em Sintra, o Trio da Vinci.

O Festival, organizado pela Câmara de Sintra, tem apoios da Fundação Gulbenkian e das Secretarias de Estado da Cultura e do Turismo.



«Pauliteiros de Cêrcio»

FESTA EUROPEIA DA MÚSICA NA GULBENKIAN

Associando-se às comemorações do dia da Festa Europeia da Música, a Fundação Gulbenkian, através do seu Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte, promove dois espectáculos, no próximo dia 21 do corrente, com entrada livre.

O programa será o seguinte: Grupo Folclórico dos Pauliteiros

de Cêrcio, no Anfiteatro ao Ar Livre, às 15 horas. Este grupo é um dos mais representativos do folclore português, que tem conquistado, desde a sua formação, há mais de cem anos, vários prémios e louvores e que foi vitorioso perante a Família Real Britânica, tendo ainda recebido o 1.º Prémio de Dança Masculina obtido, em Madrid.

Pode afirmar-se que os Pauliteiros de Cêrcio honram exemplarmente as suas tradições.

Na Sala Polivalente, às 17 horas, «As Músicas da Música», espectáculo imaginado e dirigido por Constança Capdeville, com a participação de: Constança Capdeville (percussão), Olga Prats (piano), Luís Madureira (voz),

João Natividade (bailarino), Carlos Martins (saxofone) e Vitorino (voz).

Um desafio ao público para provocar uma reflexão sobre o que é a música. Nestes espectáculos, fazem-se conviver o que as pessoas julgam ser tipos diferentes de música, mas que no final são música, boa música.

Fernando Pessoa: homenagem paulista

A inauguração do «Espaço Cultural Fernando Pessoa» marcou o início das comemorações, em São Paulo, do nonagésimo nono aniversário do nascimento do poeta de «Mensagem».

Além do cônsul geral de Portugal, Caimoto Duarte, estiveram presentes professores, estudantes, intelectuais e artistas brasileiros.

O «Espaço Cultural» funciona na sede do Centro de Estudos Americanos Fernando Pessoa.

Na inauguração, o actor de teatro Fernando Muralha, apresentou um recital subordinado ao tema «Fernando Pessoa, Autor e Personagem do seu Próprio Drama», a que se seguiu a projecção do filme «Mensagem a Portugal».

Uma exposição com documentos sobre a vida e a obra do poeta e outra com livros raros, medalhas e discos, estão patentes ao público no local.

Cinema nacional co-produzido pela RTP

A RTP tem vindo a desenvolver uma acção de dinamização e divulgação do cinema português colaborando na co-produção de grande número de filmes nacionais.

Esta colaboração traduz-se na prestação de serviços ou de meios para ainda no auxílio financeiro.

Como contrapartida, fica a RTP autorizada a exhibir estas películas e, em certos casos, a comer-

cializá-las para os países de expressão portuguesa ou para as comunidades portuguesas, etc., de acordo com os termos dos contratos elaborados para cada caso específico.

Já em exibição ou em fase de acabamento, são os seguintes os filmes co-produzidos recentemente pela RTP:

«Balada da Praia dos Cães», de José Fonseca e Costa; «Repórter

X», de José Nascimento; «O Meu Caso», de Manoel de Oliveira; «Relação Fiel e Verdadeira», de Margarida Gil; «Serenidade», de Rosa Coutinho Cabral; «Uma Rapariga no Verão», de Vítor Gonçalves; «Agosto», de Jorge Silva Melo; «O Desejado», de Paulo Rocha; «Matar Saudades», de Fernando Lopes; «Os Flagelos do Vento Leste», de António Faria; «A

Ilha de Moraes», de Paulo Rocha; «Os Emissários de Kholm», de António de Macedo; «Iratan e Iracema», de Paulo Guilherme; «Paraíso Perdido», de Seixas Santos; «Aqui d'El-Rei», de António Pedro de Vasconcelos; «O Bobo», de José Álvaro de Moraes; «Tempos Difíceis», de João Botelho; e «A Morte do Solteirão», de Cristina Hauser.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE VISEU

ANÚNCIO

Carta Precatória, n.º 62/87, 3.º Juízo, 6.ª Secção, do Tribunal Judicial de Viseu, e extrada dos Autos de Execução Sumária, que Cerâmica Duarte da Mota, Lda, move contra Viseu-Industrial, Lda, com sede em Viseu.

FAZ-SE SABER QUE no dia 3 do mês de Julho, pelas 14 horas, se há-de proceder neste Tribunal, à arrematação em hasta pública, do seguinte móvel: Uma betoneira, cor alaranjada, marca «NOB», tipo BH-400, n.º 31184, capacidade 400/280-04-10 (matrícula) em regular estado de conservação, que será entregue a quem maior lance oferecer acima do valor indicado nos Autos, penhorado à Executada Viseu-Industrial, Lda, com sede em Viseu, e do qual é fiel depositário o sr. Mário Coelho Marques Abrantes, residente na Praça I, Viseu.

Existem créditos reclamados, pelo M.º P.º no montante de 1.539.149\$00, sendo 130.533\$00, ainda não graduados.

Viseu, 5 de Junho de 1987

O Juiz de Direito
(Manuel Dias Ramos Pereira Rame-
lho)

A Escrição
(Maria Ivone Afonso Pinto Guedes)

«DL» 16/6/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE VILA NOVA DE FAMALICÃO

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que no dia 23 de Junho próximo, pelas 10 horas, neste Tribunal Judicial e nos autos de execução sumária sob o n.º 78/86 na 1.ª Secção do 3.º Juízo, em que é exequente Portugal Previdente, Companhia de Seguros, S.A.R.L., e executada Joanexport Têxteis Exportadora, Lda, com sede em Telhado — Joane, desta comarca, há-de ser posto em primeira praça para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo uma máquina de meter elástico interior, marca «Kansai special», com o n.º 3183069, em bom estado de conservação e funcionamento.

É fiel depositário do bem a vender Gracinda Azevedo Carneiro Rafael a qual fica obrigada a mostrar os bens a quem pretenda examiná-los, podendo fixar as horas em que, durante o dia, facultará a inspecção, tornando-as conhecidas do público por qualquer meio.

V. N. de Famalicão, 27 de Maio de 1987

O Juiz de Direito

(assinatura legível)

A Escrição

Fernanda Cardoso

«DL» 16/6/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 6.º JUÍZO

ANÚNCIO

Faz-se saber que no próximo dia 16 de Junho pelas 10.30 h, à porta deste Tribunal, sito no Palácio da Justiça, Rua Marquês de Fronteira, Lisboa, nos Autos de Execução Ordinária Hipotecária, n.º 1887/84, 3.ª Sec., em que é Exequente ALBERTO DA SILVA E MARIA AUGUSTA GUERREIRO DA SILVA e Executados LUIS FILIPE BRAVO RODRIGUES e mulher ALZIRA DA CONCEIÇÃO PLACIDO SANTANA RODRIGUES, residentes na Av. D. JOÃO V, 15 - 1.º Dt.º — DAMAIA - 2700 — AMADORA, há-de ser posto em praça pela 1.ª vez, para ser arrematada ao maior lance oferecido, acima do valor matricial de 249 820\$00, o imóvel constituído por: a fracção autónoma, designada pela Letra «C», ou seja o primeiro andar dt.º do prédio Urbano, em regime de propriedade horizontal, situado na Av.º D. João V, n.º 15 na DAMAIA, conselho da AMADORA, descrito na Conservatória do Registo Predial da Amadora sob o n.º 601 do Livro B - 2. Lisboa, 87/06/03

O Juiz de Direito
Vitor Manuel Pinto Ferreira
Mascarenhas
A Escrição
M.ª da Conceição Lopes Morais

«DL» 16/6/87 — 1.ª Pub.

ANÚNCIO TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 16.º JUÍZO

Proc.º N.º 9901

1.ª Secção

Faz saber que por este Juízo e primeira secção, nos autos de Execução Ordinária-hipotecária n.º 9901 em que são Exequente CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA e Executados — JOAQUIM MARIA CARLOS e mulher MARIA LAURA DA SILVA GODINHO, ausente em parte incerta e com última residência conhecida no Vale da Amoreira, Banda H-2, Lote 6, 2.º Dt.º, na Baixa da Banheira, correm editos de trinta dias contados da data da 2.ª e última publicação do anúncio, citando os Executados acima indicados para, no prazo de dez dias findo o dos editos, deduzirem oposição, pagarem à exequente ou nomearem bens à penhora, sob pena de ser ordenada a penhora nos bens hipotecados, para garantia e pagamento da quantia exequenda de um milhão e trezentos e vinte e sete mil e quarenta e um escudos e setenta centavos, acrescida de juros e demais legal.

Lisboa, 7 de Maio de 1987

O Juiz,
Armando Moita dos Santos Lourenço
Pel'º Escrição de Direito,
Amílcar Augusto Abrunhosa

«DL» 16/6/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 10.º JUÍZO ANÚNCIO

Por este tribunal correm editos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do respectivo anúncio citando os réus para no prazo de vinte dias, findo o prazo dos editos, contestarem a acção sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, extracto, é o seguinte: ser a presente acção julgada procedente e provada e por via dela ser o réu condenado a pagar à autora a quantia de Esc. 2.437.654\$00, com custas e procuradoria a seu cargo, conforme tudo melhor consta do duplicado da petição inicial e respectivos documentos que se encontram arquivados nesta secção e à disposição do citando.

Acção Ordinária n.º 312 1.ª Secção. Autor A «Portugal Previdente», Companhia de Seguros, S.A.R.L. Réu Vítor Sampaio Faustino, com última residência conhecida na Rua Combatentes da Grande Guerra, n.º 445 — Porto.

Lisboa, 21 de Maio de 1987

O Juiz de Direito
Ana Bela Dias Capetillo
Pel'º Escrição de Direito
Carlos Rodrigues

«DL» 16/6/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 2.º JUÍZO ANÚNCIO

O Doutor Juiz de Direito, desta 1.ª Secção deste 2.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA.

Faz saber que no próximo dia 24 (VINTE E QUATRO) de Junho, pelas 10.30 horas, neste Juízo e Secção acima indicados, na EXECUÇÃO DE SENTENÇA N.º 79-B/84, da 2.ª Secção do 3.º Juízo do Tribunal Judicial de Ovar, donde se extraiu a carta precatória n.º 43/87, há-de ser posto em praça, para ser arrematado, acima dos valores constantes do auto de penhora, três jogos de maples, em estado de novo.

Para constar se lavra os presentes que serão legalmente afixados e publicados.

Lisboa, 87. Junho. 04

O Juiz de Direito

(assinatura legível)

O Exp. Adjunto

(assinatura legível)

«DL» — 16/6/87 — 2.ª Pub.

NA HORTA O IV FESTIVAL INTERNACIONAL DOS AÇORES

A «Goldberg Ensemble», uma orquestra inglesa fundada em 1982 e considerada pela crítica internacional como «séria rival» das orquestras de câmara tradicionais, inaugurou com um concerto, na Horta, Quarto Festival Internacional dos Açores.

O festival, que inclui espectáculos nas ilhas do Faial, S. Jorge, Pico, Terceira e S. Miguel, abriu com a execução pela «Goldberg Ensemble», acompanhada ao piano pelo português Adriano Jordão, de obras de Mozart.

Da orquestra britânica, dirigi-

da por Malcolm Layfield e composta por doze instrumentistas de cordas, escreveu o «Daily Telegraph»: «Precisão e poesia nas mãos» e a «Folha de S. Paulo»: «Um grupo brilhante».

Com um repertório que integra composições de Mozart, Elgar, Mendelsohn, Vivaldi, Rossini e Haendel, entre outros, a «Goldberg Ensemble» participou nos últimos anos nos festivais de Cheltenham, Lake District e Bowdon.

Além deste conjunto de cordas, participa no Festival Internacional dos Açores, que se pro-

longa até dia 22, a Orquestra Sinfónica do Teatr Nacional de S. Carlos.

A famosa soprano romena Iliana Cotrubas, a brasileira Lucélia Santos, Liliana Bizinche, Eric e Tania Heidesieck, José Oliveira Lopes e Pedro Burmester, são outras das participações no festival, promovido pela Fundação Cultural dos Açores.

Esta realização, cuja organização pretende ver inscrita na Federação Internacional de Festivais de Música, inclui este ano 22 espectáculos, um dos quais na Sé Catedral do Arquipélago, em

Angra do Heroísmo.

Através da internacionalização do festival, que homenageia nesta sua quarta edição os compositores Ravel, francês, Villa-Lobos, brasileiro e Fernando Lopes Graça, português, pretende-se, segundo um porta-voz da iniciativa, «captar público de todo o mundo».

Esse público é tanto mais importante quanto se constata que este género de realizações ainda não tem grande população de entre os açorianos, não «muito acostumados a ouvir música erudita», adiantou.

Apesar disso a organização do festival, iniciado há três anos apenas com espectáculos na ilha de S. Miguel, atribui-lhe um papel importante na cultura açoriana, porque garante aos insulares «a possibilidade de verem o que se faz de cultura» no exterior.

Uma quota de 90 por cento das despesas do festival é suportada por empresas privadas, e a parte restante coberta por apoios oficiais.

No âmbito do festival, que privilegia na edição deste ano as modalidades de piano, guitarra e canto, é organizada em Ponta

Delgada uma exposição promovida pela Embaixada francesa em Lisboa, versando o cinquentenário da morte de Ravel.

A homenagem a Villa-Lobos e a Fernando Lopes Graça concretiza-se através da escolha de obras destes compositores para execução ao longo do festival.

A iniciativa encerra com um espectáculo no Teatro Micaelense em que será executada a obra «Pedro e o Lobo», de Prokofiev pela Orquestra Sinfónica do Teatr Nacional de S. Carlos, pelo barítono José Lopes e pela narradora Lucélia Santos.



Café-Teatro volta à Comuna

Interrompido durante algumas semanas devido à «tournée» anual efectuada pela Comuna, volta de novo à cena no espaço do Café-Teatro o mais recente espectáculo do grupo, neste género de Teatro, o divertimento «Farsa Voê Mesmo», que esteve em cena durante dois meses com grande êxito junto do público e da crítica especializada.

Este trabalho da Comuna tem como habitualmente textos de autores portugueses dos mais variados humores, e das mais variadas épocas: de Bocage a Ary dos Santos, do Abade Jazente a Jaime Gralheiro, de Filinto Elísio a Carlos Paulo, de Diogo Fogaça a Abel Neves... e conta também com a colaboração especial de Alexandre Lopes e Anabela na interpretação de canções de Mozart e Bizet especialmente adaptadas a este tipo de espectáculo.

«Farsa Voê Mesmo» é o quinto espectáculo da Comuna, de Café-Teatro dando deste modo continuidade a uma experiência iniciada pelo grupo em 1980 e que desde então tem permitido a revelação de novos autores e a possibilidade de novas experiências para os actores nele envolvidos.

O público, esse, tem sabido corresponder com grande entusiasmo, aceitando o desafio aliciante de passar uma ou duas horas agradáveis, sentado a uma mesa, bebendo uns copos, e divertindo-se como humor inspirado, a maioria das vezes, em personagens bem reais da nossa vida colectiva...

«Farsa Voê Mesmo» mantém-se em cena às sextas e sábados às 23 horas, no Café-Teatro da Comuna, na Praça de Epanha, com interpretação dos actores Almeno Gonçalves, Abel Neves, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, ISABEL Medina, Jorge Loureiro e Paulo Ferreira. A coordenação geral do espectáculo é de João Mota e Carlos Paulo.

As marcações de mesas podem ser feitas pelo telefone 7260819 diariamente a partir das 15 horas.

EMP

	T. 6 h	Mín.	Max.	As 13 h.
Bragança	5	4	0,0	Limpo
V. Castelo	7	6	0,0	Limpo
Vila Real	6	6	0,0	Limpo
Porto	9	8	0,0	Nebulosa
Coimbra	8	8	0,0	Limpo
C. Carvoeiro	15	14	0,0	P. nub.
C. Branco	-	-	-	-
Portalegre	10	9	0,0	Limpo
Lisboa	12	12	0,0	P. nub.
Évora	8	8	0,0	P. nub.
Beja	9	8	0,0	P. nub.
Faro	15	15	0,0	Limpo
Sagres	14	13	0,0	Limpo
P. Delgada	12	12	0,0	P. nub.
Funchal	19	18	0,0	Encob.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 23, Porto 20, Faro 24, Ponta Delgada 21, Funchal 23.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 7 h	Mín.	Max.	As 13 h.
Madrid	8	6	Limpo	
Londres	9	7	P. nub.	
Paris	10	9	Chuva	
Bruxelas	10	10	Chuva	
Amsterdão	11	8	Muito nub.	
Genebra	10	9	Muito nub.	
Roma	19	18	Pouco nub.	
Oslo	12	10	Muito nub.	
Copenhaga	10	10	Chuva	
Estocolmo	9	8	Chuvioso	
Berlim	10	8	Chuvioso	
Viena	12	12	Chuva	
Varsóvia	16	16	Muito nub.	
Atenas	27	23	Pouco nub.	
Moscovo	16	1	Nebulosa	

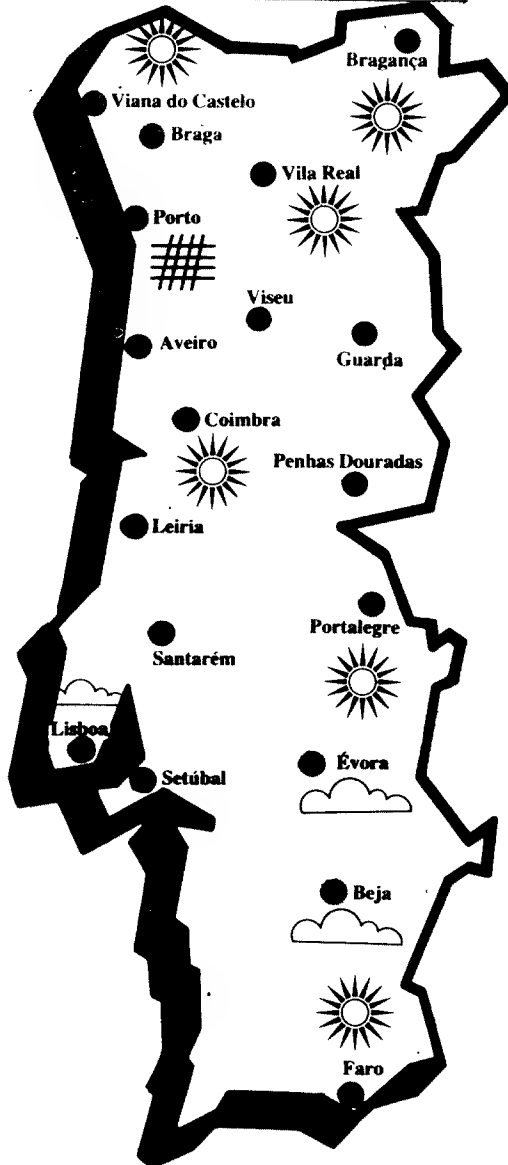
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NOM

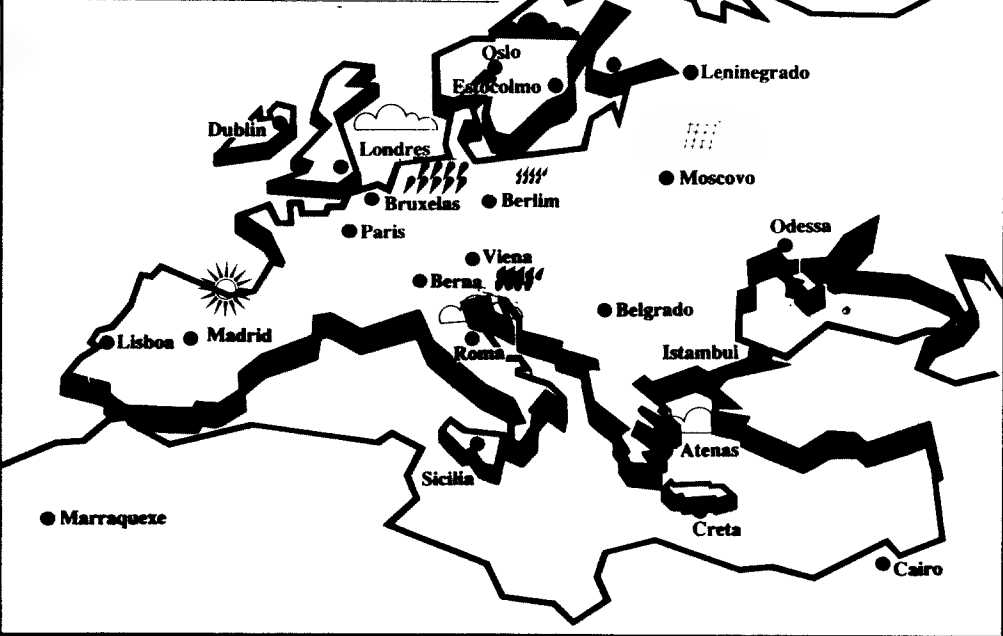
	Mín.	Max.	As 13 h.
Caracas	20	26	Nublado
Johannesburgo	5	19	Limpo
Los Angeles	15	24	Nublado
Montreal	12	18	Nublado
Nova Deli	29	41	Limpo
Nova Iorque	19	31	Limpo
R. de Janeiro	19	35	Nublado
S. Francisco	12	19	Limpo
São Paulo	17	19	Chuva
Tóquio	18	20	Chuva

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



EUROPA ÀS 6 HORAS



TEMPO

HOJE

No Continente:

Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco, soprando moderado de norte no litoral oeste, especialmente durante a tarde. Subida da temperatura.

Estado do mar:

Costa ocidental: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação noroeste de dois metros.

Costa Sul: Mar de pequena vaga. Ondulação inferior a um metro.

Estado do mar: Mar de pequena vaga. Ondulação de norte de um a dois metros.

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente moderado de nordeste.

Estado do mar: Mar cavado. Ondulação de norte com vaga de dois a três metros na costa Norte, e ondulação sueste de um metro na costa Sul.

Nos Açores:

Períodos de céu muito nublado. Vento de sul moderado no Grupo Ocidental, e bonançoso a moderado de leste nos restantes grupos.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar	Baixa-Mar
7.34 3,7 m	
19.51 3,9 m	13.07 1,2 m

Amãnhã

8.29 3,5 m	1.54 1,1 m
20.47 3,8 m	14.08 1,4 m

Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

Informação da agência Lusa

X FITEI

TODA A NUDEZ SERÁ DANÇADA

Carlos Porto

Ao quinto dia o FITEI acordou — e quem o acordou foi um grupo brasileiro, entre nós completamente desconhecido, com a versão, verdadeiramente nova, de uma peça de Nelson Rodrigues, *Toda a Nudez Será Castigada* de Angel Fácio sem êxito tentou transformar num espectáculo da Seiva Trupe. Acordou o FITEI com o público que quase enchia o Carlos Alberto em palmas intermináveis, aos gritos, feliz como só pode sê-lo o público de um espectáculo como este.

O acontecimento, que o foi, lembrou, como não podia deixar de lembrar, o êxito de 1986 com *Os Velhos Marinheiros*, de Jorge Amado, pelo Boi Voador, êxito que se prolongou a Lisboa. Aliás, não é inocente esta aproximação dos dois espectáculos já que são idênticos os instrumentos de criação que utilizam, a linguagem de que se servem, como são semelhantes os resultados obtidos em termos de produtividade estética. Isto, aliás, porque é comum a matriz de ambos os espectáculos, um (o do Boi Voador), directamente; este indirectamente: o grupo Macinaíma, mais concretamente, o encenador Antunes Filho, certamente o mais importante criador brasileiro de teatro do nosso tempo. O que nos leva a lamentar ainda mais o facto de nunca o grupo de Antunes Filho ter passado por Portugal, impedindo-nos assim de conhecer ao vivo o que é certamente a raiz do mais importante movimento teatral. Do Brasil. Importância que não tem ver apenas com a sua criati-

vidade mas, pelo que podemos inferir dos espectáculos citados, com o facto raro e essencial de se ter tornado numa escola cujas características de ruptura e vitalidade impedem, aparentemente, a sua academização ou fossilização. Seria ainda interessante saber em que solos mergulha a experiência de Antunes Filho (Boal, por exemplo?), mas isso seria outra história.

Em síntese, a estética proposta por este espectáculo do grupo Delta, de Londrina, Paraná, como pelo do Boi Voador, e que tem como ponto de partida os trabalhos de Antunes Filho, tem por base os seguintes pressupostos: num palco vazio (tenha-se em conta que a inexistência de cenário, que não é novidade, não é apenas uma estética mas também uma economia), o espectáculo flui através de uma marcação horizontal, com grupos de actores que atravessam o espaço transportando elementos do cenário e adereços; o jogo de cenografar e edereçar o espaço, jogo coreográfico, é uma com-

ponente forte do espectáculo; a marcação, além disso, é de preferência de frente para o público, como em Brecht ou na nossa revista, eliminando quaisquer resquícios de naturalismo ou de psicologismo. Dua forma mais acentuada neste espectáculo, a música marca o ritmo, a fluidez da acção; as personagens e as situações dramáticas são envolvidas por uma pequena «multição» de figurantes que actuam como uma espécie de coro mudo que pode funcionar integrando-se na acção (cena do «cabalet» com as prostitutas e os chulos) ou situando-se à margem, sinalizando os vários núcleos conflituais: por exemplo, os tangos, e outras danças latinas, não impõem apenas um ritmo, criam uma atmosfera que vai evoluindo de acordo com a evolução da acção.

As personagens-figurantes vão-se despidindo à medida que as relações das personagens principais se tornam mais fortes, o que implica a operacionalidade da nudez como proposta cénica.

O arranjo do texto no sentido de lhe dar um carácter mais actual e coloquial, os elementos que assinalam uma época (fatos, penteados, música) sem prender rigidamente o espectáculo a essa época, a caricaturização de algumas personagens e a tipificação burlesca das outras, as imagens de banda desenhada ou de cinema (caso da criada), a própria luz participam fortemente na criação desse universo extremamente coerente, uito bem ar-

ticulado, dotado de uma capacidade de comunicação inigualável.

A criatividade do encenador, as possibilidades dos intérpretes (que são actores que dançam, que utilizam o corpo como instrumentos de expressão), fazem o resto à passagem dos móveis cobertos por panos brancos (são os próprios figurantes), a cena da chuva, para dar dois exemplos, são momentos sublimes de um espectáculo admirável.

Não apetece, num caso como este, citar os nomes dos intérpretes, de tal maneira o espectáculo opera como um colectivo, reconhecendo-se, embora, que há diferenças entre eles. Seria injusto, no entanto, deixar de citar o nome da actriz Ceres Vittori, no papel de Geni: interpretação comovente pela sua beleza e autenticidade.

esta peça de Nelson Rodrigues, como outras peças suas, tem como tema fulcral, o desvio da norma. A morte de uma mulher impõe que o viúvo continue viúvo, que as tias continuem a rezar. O viúvo arranja uma amante da «zona», com quem casa; o filho é violado na cadeia, torna-se amante da madrastra, foge com o bandido que o violara; a amante do viúvo e do filho do viúvo morre com o cancro no seio como morrera a primeira mulher da história: o círculo fecha-se. O desvio da norma tornou-se norma; o cancro (a morte) o seu sinal. Toda a nudez será castigada.



Felizmente, o grupo não tomou muito a sério a peça de Nelson Rodrigues a não ser no que ela podia servir a sua maneira de fazer teatro, que é o que nela é mais forte: a caricatura da norma (as tias a dar banho ao sobrinho, por exemplo). Partindo de um poema de Manuel Bandeira, que não está no texto, como lembrou Clóvis Garcia, o Delta transformou a peça num imenso tango argentino (com mistura de outros ritmos). Já tinha verificado a espantosa teatralidade do tango, como aqui contei, na encenação de Lavelli do *Sonho de uma Noite de Verão*, na Comédie,

com música de Astor Piazzola. Este espectáculo confirma esplendidamente essa vocação teatral do tango.

Teatro feliz, este. **Toda a Nudez Será Castigada**, de Nelson Rodrigues, pelo Grp Delta de Teatro. Enc.: José António Teodoro. Coreografia: Ceres Vittori. Int.: Ceres Vittori, Oswaldo Boaretto, Adriano Garib, Luís C. C. Branco, Maria Helena Carvalho, Edna Aguiar, Sílvia M. Monteiro, Luciane Lavana, Pedro Vegas, Carmen Benedetti, Pedro Ramos, Geysa Costa, Danile Luz, Sandra Mara, Marcelo Pereira.

EDITAL 1.ª ARREMATACÃO

Francisco Almeida Monteiro, Juiz das Execuções Fiscais de 2.ª REPARTIÇÃO DE FINANÇAS DO CONCELHO DA AMADORA

Faço saber que, no dia 24 do mês de Julho pelas 10 (dez) horas, à porta desta Repartição de Finanças se há-de proceder à arrematação, pelo maior lance que for oferecido, dos bens abaixo designados, penhorados a GRATELO — SOCIEDADE GRÁFICA DO RESTELO, Lda, com sede na Praceta da Carranca, Lote 31, Venda Nova — 2700 Amadora para pagamento de dívidas à Caixa Sindical de Previdência dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos, no valor de onze milhões, cento e vinte e três mil, seiscentos e dezanove escudos.

Designação dos bens — **VERBA 1** — Prédio urbano sito nas traseiras da Rua Elias Garcia — Praceta da Carranca, Lote 31, 2700 Amadora, inscrito na Matriz Predial Urbana, sob o Art.º 1075 da freguesia da Falaqueira — Venda Nova, confrontando a Norte, Sul e Nascente c/ Abílio Simões Correia, a Poente c/ Ogradouro dos Prédios da Rua de Macau, com superfície coberta de 750 m² e composta de dois pavimentos, a que se atribui o valor presumível de trinta milhões de escudos (30 000 000\$00) inclui ainda canalizações eléctricas, de água e benfeitorias acessórias. Vai à praça por 30 000 000\$00.

VERBA 2 — Uma máquina de composição mecânica «Linotype» modelo 48, referência 14841, usada, a que se atribui o valor de cem mil escudos. Vai à praça por 100 000\$00.

Ficam por este meio citados os credores incertos e os desconhecidos e os sucessores dos credores preferentes para assistirem aos termos da execução e, nos termos da al. a) do Art.º 226.º do C.P.C., virem a reclamar o pagamento dos seus créditos, no prazo de dez dias a contar da arrematação.

E para constar, se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Amadora (Venda Nova), 11 de Junho de 1987

E eu, Maria Amélia Martins Rosa Rego, servindo de escrivão, o subcrev.

O Juiz Francisco Almeida Monteiro

«DL» 16/6/87 — 2.ª Pub.

13.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

A N Ú N C I O

O DOUTOR JOAQUIM DIAS, Meritíssimo Juiz de Direito do 13.º Juízo Cível de Lisboa:

FAZ SABER que, no próximo dia 26 de Junho de 1987, pelas 14 horas, à porta deste Tribunal e nos autos de Carta Precatória vindos do Tribunal Judicial da Comarca de Lousada e extraída dos Autos de Execução de Sentença n.º 191/83/C da P.ª Secção daquele Tribunal, em que é Exequente Manuel Moreira da Cunha Pinto e Executados José Teófilo de Jesus Moreira e Maria Alice Leitão Teixeira, residentes na Rua do Impasse, n.º 2-D, lote 232, 2.ª F.ª, Casal de S. Brás — Amadora e que corre termos neste Juízo e 1.ª Secção, com o n.º CP130 hão-de ser postos em praça pela terceira vez, para serem arrematados por qualquer preço, os seguintes bens:

VERBA 1

Um frigorífico da marca OLIVA, em funcionamento.

VERBA 2

Um aparelho de televisão, da marca OLIVA, em funcionamento.

VERBA 3

Um aparelho de rádio de marca OTAKE com leitor de cassetes, eléctrico.

VERBA 4

Uma mobília de Sala de Jantar, composta por uma mesa com tampo de vidro de cor castanha e pé em metal branco e seis cadeiras forradas a veludo, 1 terno de mapas, de cor castanha-matizada e um armário-estante de cor castanha.

VERBA 5

Um candeeiro de tacto, de dois culmes em vidro.

VERBA 6

Uma máquina de lavar roupa, da marca ASPES US/36, em funcionamento.

Lisboa, 8 de Junho de 1987

O Juiz de Direito, Joaquim Dias

O Escrivário Judicial, João Carlos Santos

«DL» 16/6/1987

NOTARIADO PORTUGUÊS

DÉCIMO TERCEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A CARGO DO NOTÁRIO LICENCIADO ORLANDO RODRIGUES BENTO PEREIRA

CERTIFICO

Que, me foi apresentado o Livro de Actas das Assembleias Gerais de CHEMURGAL — COOPERATIVA DE HABITAÇÃO ECONÓMICA DO MURGALHAL, CRL, Livro que contém 50 páginas numeradas e rubricadas, e, do mesmo, me foi pedido para ser, parcialmente, extraído da Acta n.º 12, lavrada em 28 de Março de 1987, de páginas 45 a páginas 49, o seguinte:

«Assim, foi constituída uma lista homogênea, que foi proposta à Assembleia Geral:

Assembleia Geral — Presidente — Armando Augusto Rocha Caetano. Vice-Presidente — Aníbal dos Santos Luís. Secretário — José Manuel Vieira de Sousa. Direcção — Presidente — Arlindo Martins Matos. Secretário — Emanuel Carvalho Palma. Tesoureiro — Vitor Manuel Mendes Ferreira. Vogal — José Manuel Martins de Sousa. Vogal — José Manuel Duarte Santos. Suplente — Eduardo Mecias Gouveia. Conselho Fiscal — Felismino Nogueira Costa. Jaime da Silva Almeida. Luís Rodrigues Coelho.

Apresentada a lista a sufrágio, foi a mesma aprovada por 57 votos, ou seja, por unanimidade e aclamação de acordo com o caderno eleitoral.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

Lisboa, oito de Junho de mil novecentos e oitenta e sete.

O Ajudante, Am. Maria Forte de Silva

«DL» 16/6/1987

TRIBUNAL JUDICIAL DO 17.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

A N Ú N C I O

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução Ordinária n.º 3227 1.ª secção.

Exequentes — PORTUGAL PREVIDENTE — COMPANHIA DE SEGUROS, S.A.R.L.

Executado — ESTEMEL — ESTUDOS TÉCNICOS E METALÚRGICOS, LDA, com sede no Impasse 2M Lote 164, Loja Casal de S. Brás, 2700 Amadora.

Lisboa, 29 de Abril de 1987

O Juiz de Direito

o Juiz de Direito de 17.º Juízo Cível de Lisboa

O Escrivão de Direito

o Juiz de Direito de 17.º Juízo Cível de Lisboa

«DL» 16/6/87 — 2.ª Pub.

CML

“não deite papel no chão”

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

Co-produção com INAEM-Ministério da Cultura de Espanha

ESTREIA AMANHÃ ÀS 21.30

“ROMANCE de LOBOS”

de Valle-Inclán

encenação
XOSÉ BLANCO GIL

cenários, figurinos e luz
SIMÓN SUAREZ

música
MANUEL BALBOA

ESPECTÁCULOS NÃO ACONSELHÁVEIS A M. 12 ANOS

DESCANSO DA COMPANHIA A 2.ª FEIRA TEL. 32 2210

VENDE-SE

Casa murada para habitação, de 5 assoalhadas, cozinha, casa de banho, cave e garagem. Terreno com árvores de fruto e vinha de 2300 m².

Situa-se em Martim Joanês, Cadaval, (56 km de Lisboa).

Trata o próprio no local ou através dos

Telefs.: 89 77 44 / 76 49 47.

QUANDO OS HERÓIS PERDEM A BATALHA

Do **Auto da Ciosa** (CCE) nada há a dizer porque desistiu; não despertamos com a **Primavera do Boi Voador**; do Teatro Independente Colmena 4, da República Dominicana, nem sequer silêncio nos chegou da sua **Viagem ao mundo del Siêncio**; não chegamos a saber o que era o **Estúdio Nagazaki**, de Vega — Produções Artísticas, do Rio de Janeiro; escapámos ao **Suppapos, Tchoretas, Pontapés e Etc.**, da Cena, de Braga; não chegamos a saber por que eram divinas as palavras de Valle Inclán que o Orain Antzerkitaldea, do País Basco, prometera; falharam alguns dos heróis de Miguel Rovisco de quem o TEP apresentou apenas **Um Homem para Qualquer Pátria**.

Em compensação tivemos a nudez (que não foi castigada mas premiada com muitos aplausos) das brasileiras e dos brasileiros do Grupo Delta de Teatro que já aqui referi com o entusiasmo que me mereceu e que aqui trago de novo como manifestação de um acontecimento que não pode ser esquecido, por boas e más razões, como não é preciso explicar.

O que vamos esquecer rapidamente (já está!) é um outro espectáculo brasileiro de que foi primeira e principal vítima o pobre do Fernando Pessoa que se o visse morreria uma segunda vez. São obscuras as razões que explicam a presença no FITEI de Roberto Muniá que se apresentou como Autor (!) da peça **Cecily Acreditava que Eu Seria Grande**, e ainda como actor (?) e teatrólogo. A peça tenta ser uma

tentativa, paupérrima, de teatro no teatro com um senhor que fala com os espectadores, tentando atrapalhadamente explicar por que desistiu o grupo de apresentar o espectáculo. Manifestando a sua admiração por Fernando Pessoa (mas deve ser bastante maior a admiração do actor por si próprio), a personagem tenta impingir ao longo do espectáculo, poemas ou excertos de poemas que sabe de cor ou que lê num livro (apesar de conhecer Pessoa de trás para a frente e da frente para trás!) enquanto mostra um cenário de um «kitsch» inenarrável que se verá vai ser aproveitado no final para a cerimónia fúnebre numa igreja, depois do intérprete se ter despedido para representar Cristo. Não é possível? Ai que não é...

Tudo isto, que já era tanto, é agravado pelo facto de Roberto Muniá ter uma voz empastelada, mostrando nítida dificuldade em articular as palavras, o que tem como consequência o facto de o texto ser muitas vezes ininteligível. Dir-se-á que o actor não tem culpa disso. Mas nós espectadores também não...

Os anti-heróis de Miguel Rovisco

A presença que despertara mais expectativa nesta X edição do FITEI era a de um novo dramaturgo português, Miguel Rovisco, vencedor do primeiro prémio Garrett com a **Trilogia Portuguesa**. Como se sabe, o jovem dramaturgo provocara um pequeno escândalo surgindo no Salão Nobre do Teatro Nacional

descalço e de corda ao pescoço e fazendo um discurso contestatário, acompanhado por um gesto pouco vulgar, o da recusa do cheque de 300 contos. Ao Teatro Nacional compete proceder à estreia da referida **Trilogia** mas, por estranho que pareça, o TEP, graças a Mfio Viegas, antecipou-se e produziu uma outra obra de Miguel Rovisco, **Trilogia dos Heróis**, de que apresentou no FITEI apenas a terceira parte, com o título **Um Homem Para Qualquer Pátria**. Qualquer juízo que se faça sobre este espectáculo é prematuro e necessariamente provisório já que será na articulação dos três textos em cena que se poderá analisar o seu significado e a sua capacidade de ser teatro, de acordo com a leitura do encenador. Poder-se-á no entanto adiantar algumas hipóteses de conhecimento do texto e do espectáculo embora só a visão da totalidade da obra, que espero pode ver em breve, habilite o espectador a um entendimento menos superficial da proposta.

A **Trilogia** de Miguel Rovisco decorre na madrugada do 1.º de Dezembro de 1640 quando um conjunto de aristocratas portugueses decide pôr termo à dominação de Castela encarnada por Filipe III de ESPANHA. Depois de um prólogo que decorre no exterior da sala, aproveitando elementos das instalações como uma escada e um alpendre, prólogo interpretado por Manuela de Freitas, com aquela qualidade que se lhe reconhece (saúdamos antes do mais o reaparecimento da actriz), esta parte da **Trilogia** decorre num palácio de aliados

do rei de Espanha, entre eles a duquesa de Alba, mostrando-nos as reacções das respectivas personagens, os senhores, que não aceitam a revolta mas se mostram incapazes de a combater, e os criados que a apoiam, transferindo-a para a sua própria situação, impedindo os senhores de fugir.

Há dois espectáculos neste espectáculo: no primeiro acto e em parte do segundo, houve uma forte reelaboração cénica do texto, através de elementos signíficos e icónicos fortemente imaginativos: a porta que se abre ouvindo-se o povo, com uma luz muito cuidada, murmurando palavras de ordem do 25 de Abril (na maioria de características obviamente esquerdistas); os retratos de personagens históricas que se viram vendo-se retratos de personagens políticas dos nossos dias; um duplo Cristo dependurado; um alcapão que representa a janela do palácio; a composi-

ção da figura da Duquesa. Mesmo que não se esteja de acordo com a contaminação do texto por elementos políticos do nosso tempo e ainda menos com a linha de politização escolhida, não se pode deixar de reconhecer que há nesta parte do trabalho de Mário Viegas bastante energia dramática servindo um texto que opera teatralmente a um razoável nível de eficácia, tanto ob o ponto de vista da contrução das personagens, como do levantamento das situações e a credibilidade e teatralidade dialógicas.

No entanto, dir-se-ia que o trabalho de encenação não chegou a completar-se, o espectáculo autodestruí-se por excesso de verbalismo que o autor não soube ou não quis depurar, por carências de uma leitura que não foi capaz de absorver esse excesso, por incapacidades interpretativas, em especial por parte do intérprete da principal personagem da peça, já que Mário San-

cho não tem possibilidades de resolver os tremendos problemas de uma personagem que se limita a dizer um longo discurso que surge em cena com a personagem de espada na mão andando à volta de um conjunto de cadeiras.

Se o texto de Miguel Rovisco reflecte a incapacidade do autor em entender as relações de um texto dramático com o espectáculo teatral, o trabalho da responsabilidade de Mário Viegas agrava esses problemas, em relação a parte do espectáculo, reflectindo por sua vez o excesso de ambição que a produção desta trilogia implicou. Tudo isto, além disso, sobrecarrega irremediavelmente o trabalho dos actores, incapazes de dar resposta aos problemas postos. Reconheça-se embora o progresso de uma actriz como Alzira Santos e a qualidade das intervenções escassas de Manuela de Freitas e de Mário Viegas, alguns momentos de Cândido Ferreira e mesmo a boa-vontade de Mário Sancho.

Penso que este espectáculo poderá ainda levar uma volta (texto, dramaturgia, encenação, interpretação) com vista à eliminação dos principais problemas que apresenta. A sua integração na **Trilogia** ajudará a tornar possível esse objecto. Mesmo que tal implique um adiamento da estreia da obra, na íntegra, de Miguel Rovisco, que pode ser desde já anunciado como realidade a ter em conta da dramaturgia portuguesa.

Carlos Porto

TEL TEATRO
VASCO SANTANA
tel. 718609
metro: Entrecampos

Apresenta



as Senhoras das Quintas-feiras
de Loleh Bellon

encenação: Luzia Martins

de ter. a sáb. às 21.30
Dom. às 16 horas
(SMIRNOFF)

NOVO grupo apresenta
CICLO DE PEÇAS INÉDITAS PORTUGUESAS

A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS

De José Saramago
Encenação e Cenário: Norberto Barroca
Figurinos: José Costa Reis
Música: Paulino Garcia

Interpretação
Adriano Luz
Amílcar Botica
Argentina Rocha
Francisco Pestana
Isabel Ribas
João Baião
Jorge Gonçalves
José Gomes
José Pedro Gomes
Laura Soveral
Melim Teixeira
Miguel Martins
Teresa Sobral

APOIO DIÁRIO DE LISBOA

ESTREIA AMANHÃ
ÀS 21.30 h

TEATRO ABERTO

APOIO: ALFA ET OMEGA / L.B. DATA GENERAL / ODISSEIA / BANE VERDE
COMPANHIA SUBSIDIADA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

A BARRACA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA
RESERVAS: 686300

Descontos para estudantes
4.ª e sáb. às 16 horas
4.º MÊS de exibição

Aqui está um espectáculo FANTÁSTICO com uma história verdadeiramente DIABÓLICA!

O DIABINHO DA MÃO FURADA
versão e encenação de Helder Costa

com
Maria do Céu Guerra
João Maria Pinto
António Cardoso
António Gomes
João Azevedo
José Carreiras

Luis Tomar
Maria João
Paula Sousa
Teresa Faria

ÚLTIMAS EXIBIÇÕES
ATE DIA 21
ÀS 16 HORAS

4.ª a sábado
às 21.45
Sáb. e domingos
às 16 horas

cenografia: Rui Pimentel
canções: Orlando Costa
guarda-roupa: José Carreiras

TERÇA-FEIRA, 16 DE JUNHO DE 1987

Diário de Lisboa

19

Alfas Triplex

— T. 806496

A CHAVE DO CIÚME

(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

BLUE VELVET —

VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

DUAS VEZES NUMA VIDA

(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

FILHOS DE UM DEUS MENOR

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

T. 763319

SALVADOR

(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

BLUE VELVET —

VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE

(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

SALVADOR

(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

A LEI DE MURPHY

(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

EM DEFESA DA NAÇÃO

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

DUAS VEZES NUMA VIDA

(maiores 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

A CHAVE DO CIÚME

(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Avila

— T. 539930

STAND BY ME — CONTA COMIGO

(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

EMMANUELLE

ANTIVIRGEM
(Int. m. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

O PREÇO DA VITÓRIA

(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

UMA CENA DO FILME BRASILEIRO «ÓPERA DO MALANDRO» — PRÊMIO DE REALIZAÇÃO DO FESTIVAL DO RIO DE JANEIRO. LETRA E MÚSICA DE CHICO BUARQUE. INTERPRETAÇÃO DOS MAIS DESTACADOS ARTISTAS DA CANÇÃO, DA MÚSICA E DA TELENÓVELA BRASILEIRA. EM EXIBIÇÃO NO ESTÚDIO 444 E QUARTETO.

Capitolio

— T. 372358

GAROTAS DE MUNIQUE

(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

VELUDO AZUL

(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso

AS VIÚVAS SEXUAIS

(Porno)
(Int. m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões

T. 324194

AMITYVILLE II

(maiores 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

A JÓIA DO NILO

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anubis

PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO

(maiores 16 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

O SEGRETO ADMIRADOR

(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

A LOJINHA DOS HORRORES

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

PROCURA-SE MORTO OU VIVO

(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

SÓ SE PERDE UMA VEZ

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA

(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

BANDO DA MÃO

(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

A ÓPERA DO MALANDRO

(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

OS DUROS

(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

COMANDO

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

VELUDO AZUL

(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Gemini

— T. 734009

TERRA SANGRENTA

(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO

(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

CROCODILO DUNDEE

(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

O SUPERPOLÍCIA EM MIAMI

(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

PROCURA-SE MORTO OU VIVO

(maiores 16 anos)
16.15, 18.45 e 21.30 h

UMA MULHER DOS DIABOS

(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Landres

— T. 801313

UMA MULHER DOS DIABOS

(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

A CHAVE DO CIÚME

(maiores 18 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

BLUE VELVET —

VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

SALVADOR

(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h
POLTERGEIST, O FENÓMENO
(maiores 16 anos)
23.45 h

Roma

T. 889192

SÓ SE PERDE UMA VEZ

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

UM MARIDO SEM... É

COMO UM JARDIM SEM FLORES
(n/acons. m. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

DUAS VEZES NUMA VIDA

(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

CROCODILO DUNDEE

(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

FILHOS DE UM DEUS MENOR

(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

SHINNING

(n/acons. m. 18 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

DUMA VEZ POR TODAS

(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

CONTA COMIGO

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

BLUE VELVET —

VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

AS FORÇAS DO UNIVERSO

(maiores 16 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Voxmania

— T. 880808

A MISSÃO

(maiores 12 anos)
15.30, 18.15 e 21.00 h

Xenon

T. 368480

INFERNO EM DIRECTO

(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos (m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinetatro
— «O Massacre», às 21.30 h
(maiores 16 anos)AMADORA — Cinestúdio
— «Crocodilo Dundee», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)AMADORA — Babilónia —
«As Violetas são Azuis», às 15.15, 18.30 e 21.30 h
(maiores 12 anos)CACÉM — Cinestúdio Flores —
Encerrado para descanso do pessoalALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby —
«O Bando da Mão», às 21.30 h (maiores 16 anos)MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme —
«Os Duros», às 21.30 h (maiores 12 anos)ODIVELAS — Cineodivel —
«O Massacre», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril —
«A Manhã Seguinte», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos)ALGÉS — Cinema 2000 —
«A Manhã Seguinte», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)LINDA-A-VELHA — Cinetropical —
«Regresso à Escola», 15.30 e 21.30 h
(maiores 12 anos)OBRAS — Alto da Barra — Sala 1 —
«Sem Perdão», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «Matador», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine —
«O Menino de Ouro», às 15.30 e 21.30 h
(maiores 6 anos)CASCAIS — Miramar — Sala 1 —
«Procura-se Morto ou Vivo», às 15.15 e 21.30 h
(maiores 16 anos)Sala 2 — «Uma Mulher dos Diabos», às 15.30 e 21.30
(maiores 6 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia —
«Entre o Amor e o Medo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)ALMADA — Cinestúdio —
«Salvador», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)ALMADA — Incrível Almadense —
«Comandos em Fúria», às 15.30 e 21.30 h
(maiores 16 anos)COVA DA PIEDADE — Clube Piedense —
«007 — Contra Goldfinger», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 —
«Salvador», às 15.45 e 21.30 h
(maiores 12 anos)

Sala 2 — «8 milhões de Maneiras para Morrer», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense —
«Invasão EUA», às 15.00 e 21.15
(maiores 18 anos)

DESENHO E CERÂMICA NO ESTORIL

Inaugurada no passado dia 5 do corrente mês na Galeria do Casino do Estoril, continua a registar a afluência de muitos visitantes a exposição de peças inéditas da autoria de Artur José.

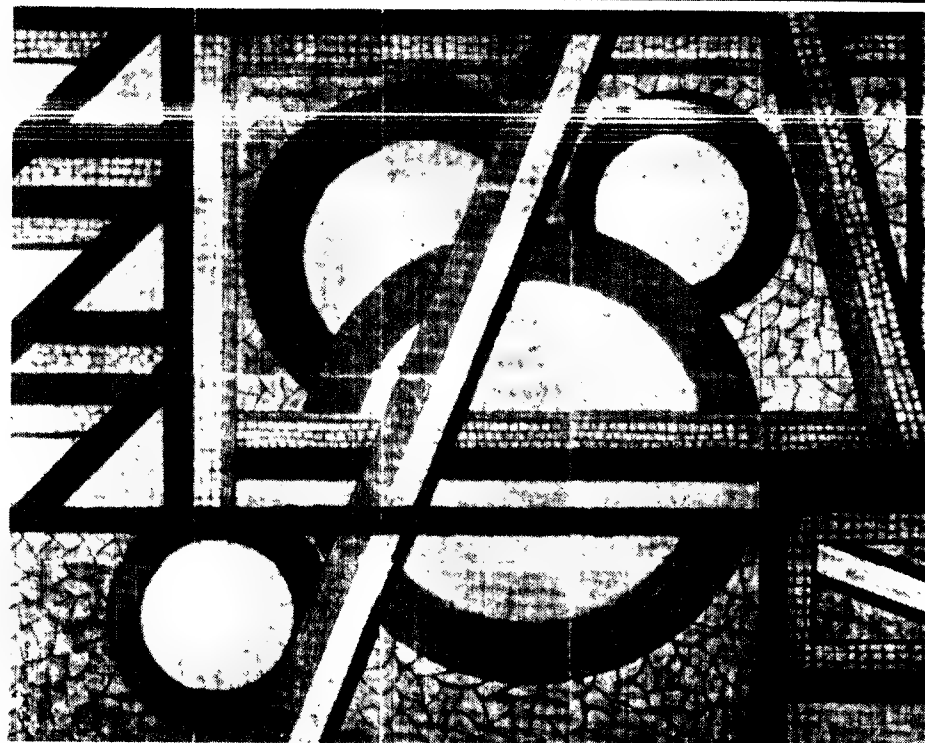
Quarenta individuais e cento e quinze colectivas das quais dezasseis internacionais são respeitáveis números do seu currículo onde se registam, também, importantes distinções como o Prémio Sebastião de Almeida (1962); o Prémio da Casa da Imprensa (1965); 1.ª medalha nos VIII, X e XV Salão de Primavera e XI Salão de Outono (JTCS), etc., etc..

Representado em numerosos

muséus nacionais, da Suíça e dos EUA, é um dos autores convidados para a 1.ª Bienal Internacional de Óbidos.

Sobre a sua obra, em texto de apresentação do catálogo, escreve Francisco de Sousa Neves: «A sua cerâmica é a de alguém que procura, obstinadamente, a razão de ser das primeiras formas. Cobre-as um colorido que tem profundezas de mar ou a transparência das águas à superfície. Essas formas e cores reconduzem-nos às límpidas nascentes do acto de criar.»

Esta exposição ainda poderá ser visitada das 15 às 24 horas de todos os dias, até 21 de Junho.



EXPOSIÇÕES

Bomba, que pode ser visitada entre as 9 e as 18,30.

GALERIA ESPAÇO 2062 DO AMOREIRAS (Loja

2102-2º piso): «Salão de

Pintura de Lisboa» até 6 de

Julho das 13 às 23, com

trabalhos de Stuart, Alves

de Sá, Alberto de Sousa,

Armindo Teixeira Lopes,

Ema Brandão, Calmels

(escultor francês), Tom,

Tomás Taveira, Soares

Branco, Real Bordinho,

Rogério Amaral, Molina,

Alvaro Perdigão, Carlos

Resende, Luís Ralha, José

Ribeiro, António Trindade,

Bravo da Matta, Caldeira

Martins, Edmundo Cruz,

Manuel Vieira, Luís Lobato

e Maria Adelaide Ferreira.

GULBENKIAN (exposições

temporárias): exposição

«Obras Primas da Pintura

Russa».

GULBENKIAN (Centro de

Arte Moderna): exposição

de colagens de Alberto de

Lacerda.

ENTRE TELAS-galeria bar

(R. da Imprensa Nacional,

34): pintura de Cabral

Duarte.

SNBA (R. Barata Salgueiro,

36): retrospectiva do

pintor Arnaldo Figueiredo.

GALERIA DE S.

FRANCISCO (R. Ivens,

40): «A Bicicleta e o

Homem», uma exposição

de Guima até final do mês.

MERCADO DE ESCRAVOS

(Lagos): aquarelas de

Daniel Vidas até 30 de

Junho.

ATRIUM DA IMPRENSA

(R. da Horta Seca, 20):

colectiva «Nem Bonecos

nem Brinquedos» com

pintura, desenhos, e

objectos de Armanda

duarte, Conceição Ramos,

Hugo Ferrão, Isabel

Marques, Leonor Serpa

Branco, Maria Bela Garnel,

Rui da Rosa e Teresa

Vasconcelos. Até 24 de

Junho, de segunda a sexta

das 10 às 20.

GALERIA DA LIVRARIA

BARATA (Av. de Roma,

11-A): no 30º aniversário

da Livraria Barata, a

exposição retrospectiva

«Janelas», de Maluda e em

simultâneo o lançamento



«Cumplicidade» de Joaquim Baltazar

do livro «29 Janelas de Maluda» e de uma serigrafia. Exposição patente até 11 de Julho, de segunda a sábado das 12 às 23.

SALA MARIA LAMAS

(Associação Portugal-

URSS, R. de S. Cactano,

30): exposição de Arte

Decorativa Georgiana, com

o objectivo de dar a

conhecer a antiquíssima e

rica arte decorativa aplicada

na República da geórgia:

cinzelagem, gravura em

madeira, cerâmica e

tecilagem. Até 26 de

Junho, dias úteis das 15 às

20, sextas-feiras até às 22.

GALERIA BERTRAND DO

PORTO (R. 31 de Janeiro):

até ao próximo dia 20,

estão expostos dez

acrilicos da autoria de

Joaquim Baltazar.

FUNDAÇÃO ENG.

ANTONIO DE ALMEIDA

(R. Tenente Valadim, 231-

Porto): pintura «Jovens

Artistas da Estíria» até dia

30, dias úteis das 14,30

às 18,30.

GALERIA ESPIRAL (Centro

Comercial das Palmeiras,

Oeiras): para inauguração

desta galeria de arte, depois

da exposição com obras de

Manuela Pinheiro, Victor

Belém, Martins Correia,

José Cândido, Laranjeira

Santos, João Duarte, João

Vieira, Dorita Castel-

Branco e Isabel Laginhas,

está agora patente uma

mostra de desenho e

pintura da autoria de Isabel

monografia da nova

«Coleção Património» das

Edições Passado/Presente.

COOPERATIVA

DIFERENÇA (R. S. Filipe

Neri, 42): exposição da

gravadora japonesa Noriko

Yanagisawa, até 5 de Julho

de terça a sexta das 15 às

20, sábados e domingos

das 16 às 19.

Paralelamente, com os

mesmos horários e

periodicidade, desenhos de

Catarina Baleiras.

GULBENKIAN (exposições

temporárias): exposição

checoslovaca de fotografias

«O Castelo de Paiva»,

constituída por 165 fotos.

PALÁCIO ANJOS (Algés):

por iniciativa da Câmara

Municipal de Oeiras, uma

exposição colectiva de

pintura e escultura, até 15

de Setembro, diariamente

das 14 às 20.

GALERIA DO

RESTAURANTE ESCORIAL

(R. das Portas de Santo

Antão, 47): pintura de

Miguel Barbosa até 8 de

Julho, diariamente das 12

às 24.

TORRE DE BELEM: uma

exposição subordinada ao

tema «Farois de Portugal»,

organizada pela Direcção de

Farois (Marinha

Portuguesa) em colaboração

com o IPPC e os CTT-

Correios e

Telecomunicações, que

lançam simultaneamente

uma emissão de selos

versando a mesma

temática. A exposição pode

ser visitada das 10 às

18,30, todos os dias

excepto segundas-feiras.

ARCADAS DO ESTORIL

(galeria de arte da Junta de

Turismo da Costa do

Estoril):

pintura/desenho/gravura de

Marília Viegas.

ARTE MIXTA-galeria de

arte (R. de S. Domingos à

Lapa, 6): aquarelas de João

Alves de Sá.

FACULDADE DE LETRAS

DE LISBOA (sala de

exposições): pintura da

autoria de Nisa, com o

título «As Estações do

Ano», até 19 de Junho,

dias úteis das 18 às 19.

ARTEX-GALERIA DE ARTE

(R. Nova do Almada, 87):

aquarelas de João Martins

até 4 de Julho, nos dias

úteis das 9 às 13 e das 15

às 19, sábados das 9 às 13.

CLUBE CINQUENTA (R. de

S. Mamede ao Caldas, 9-1º):

colectiva de Pintura,

Desenho, Escultura,

Gravura e Fotografia,

comemorativa dos 5 anos

de actividade desta galeria.

Até 27 de Junho, de terça a

sexta das 17,30 às 20,30,

sábados das 15 às 20.

ESBAL (R. Barata

Salgueiro, 36): «Verde

Muco», pintura e escultura

de José Loureiro, Jorge

Camões e Vera Velez. Até

19 de Junho, das 14 às 20.

SALA DE EXPOSIÇÕES DA

BIBLIOTECA

(Entroncamento): exposição

colectiva de artes plásticas,

com organização do Clube

Badminton do

Entroncamento e o apoio

da Câmara Municipal,

patente até 21 de Junho.

Trabalhos de Felisberta

Monteiro, Armindo Silva,

Conceição Montalvão, Artr

Silva e Marilene Alão.

ARTEFACTO 3 (Tv. Água

da Flor, 37): exposição de

joias de Vítor Pomar, desde

11 de Junho, de segunda a

sexta das 15 às 20.

GALERIA CONVES (Praia

de Quaias): pintura de Zé

Penicheiro «Encontro com

a Paisagem».

PALÁCIO POMBAL (R. do

Alecrim, 70): exposição de

projectos de design

industrial.

PAVILHÃO

COMUNITÁRIO DE

OEIRAS: mostra de

artesanato promovida pela

Câmara Municipal de

Oeiras.

INTERLIVRO-LISBOA (em

colaboração com a

Associação de Amizade

Portugal-URSS, uma

exposição de livros

científicos e técnicos da

União Soviética, patente

até 30 de Junho de segunda

a sexta das 14 às 19,

sábados das 9 às 13.

ESPAÇO MARIA LAMAS

(Av. Duque de Loulé, 111-

4º): exposição de Maria

Clementina Carneiro de

Moura até 21 de Junho,

todos os dias excepto

domingos, das 10 às 13 e

das 15

às 18.

GALERIA TRIANGULO 48

(Av. D. Vasco da Gama,

48-A): pintura, desenho e

aquarelas de Felipa Lobato

até 20 de Junho, de

segunda a sábado das 14 às

20.

GALERIA RESTAURAÇÃO</

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE
— ALVALADE: Lúbia, Av. da Igreja, 4-B-C (T. 891681);
— AVENIDAS NOVAS — JOÃO CRISÓSTOMO: Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 520592);
— BAIRRO AZUL: Bairro Azul, Av. Ressoano Garcia, 7-A (T. 571451);
— BAIXA: Normal de Lisboa, R. da Prata, 220 (T. 887721);
— BENFICA — BAIRRO DE SANTA CRUZ: Lavinha, R. Eng. Paulo de Barros, 28-A (T. 708242);
— CAMPO DE OURIQUE: Lináida, R. Ferreira Borges, 30 (T. 660955);
— CHELAS — AVENIDA DR. AUGUSTO DE CASTRO — CARRIS: Sacramento, R. Actriz Palmira Bastos, lote 42 (T. 850904);
— CHILE — ALAMEDA: Nobel, R. Actor Vale, 53 (T. 842152);
— CONDE REDONDO — SANTA MARIA: Davi, R. Conde Redondo, 68-72 (T. 554342);
— LUMIAR: Douro, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131);
— PAMPULHA — JANELAS VERDES: Nazário Pinto, R. Presidente Arriaga, 39 (T. 667460);
— QUINTA DA LUZ — CARNIDE: Findor, R. Adelaide Cabete, 10-E (T. 714527);
— SANTO AMARO: Botânica, R. da Junqueira, 38-40 (T. 638132);
— BRANDEIA — AMADORA: Tavares de Matos, R. Irene Lisboa, lote 108 (T. 993220);
— CARNAXIDE: H. Amaral, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556);
— ODIVELAS: Monserrate, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 981139);
— PONTINHA: Pimentel, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — AREIRO: Garantia, R. Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B (T. 887300);
— BELEM: Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454);
— GRAÇA: Morão, L. da Graça, 63 (T. 860700);
— JARDIM DOS ANJOS: Confiança, Av. Almirante Reis, 46-A (T. 821653);
— JARDIM ZOOLOGICO: Alegria, E. de Benfca, 180-A-B (T. 780511);
— OLIVEIRA: Marta, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696);
— PRAÇA DA ALEGRIA: Brites Moita, P. da Alegria, 33-34; **PICHELEIRA:** Mariz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703);
— POÇO DOS NEGROS: Valentim, R. do Poço dos Negros, 88-90 (T. 601453);
— SALDANHA: Dalva, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225);
— XABREGAS: Salter, R. de Xabregas, 63-65 (T. 981185);
— BURACA — AMADORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660);
— OLIVAL BASTO: Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305);
— PRIOR VELHO: Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMA-DA: Reis, R. Comandante António Feio, 19 (T. 2750504).
— COVA DA PIEDADE: Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121).
— MONTE DE CAPARICA: Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436).
— Até às 19 horas;
— COSTA DE CAPARICA: Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060).
— Até às 19 horas;
— LARANJEIRO: Baptista Marques, R. da Boa-Vontade, 17-B (T. 2298572).
— Até às 22 horas;
— SESIMBRA: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471).
— Até às 19 horas;
— LAVRADIO: J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126).
— Até às 19 horas;
— BARREIRO: Moderna, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073012).

Permanente; BAIXA DA BANHEIRA: Alança, E. Nacional, 178-B (T. 2040302).
— Até às 19 horas;
— CORROIOS: Lino, Alfarrim, Sesimbra (T. 2232041).
— Até às 19 horas;
— AMORA: Nova Amorense, E. Nacional 10, loja A, bloco A, Paivas (T. 2216824).
— Até às 22 horas;
— TORRE DA MARI-NHA: Alves Velho, L. de Camões, 27 (T. 221132).
— Até às 22 horas;
— MONTIJO: União Mutualista, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035).
— Até às 22 horas;
— MOITA: Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 2390029).
— Até às 19 horas;
— ALHOS VEDROS: Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020).
— Até às 19 horas;
— ALCOCHETE: Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2430100).
— Até às 19 horas;
— SETÚBAL: Oliveira, R. da Misericórdia, 10 (T. 22488).
— Permanente;
— Portugal, R. Camilo Castelo Branco (T. 23211).
— Permanente;
— Mira, P. Jorge Afonso (T. 20427).
— Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17 (T. 2114487).
— Permanente;
— LINDA-A-VELHA: Pinto, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610).
— Até às 19 horas;
— TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616).
— Até às 22 horas;
— ALCABIDECHES: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363).
— Até às 22 horas;
— PORTO SALVO: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015).
— Até às 22 horas;
— MALVEIRA DA SERRA: Luz, E. Nacional (T. 2850635).
— Até às 22 horas;
— OEIRAS: Mourão Vaz, Av. de Moçambique, 18-C (T. 2437196).
— Permanente;
— NOVA OEIRAS: Leal, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737).
— Até às 22 horas;
— CARCAVELOS: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037).
— Permanente;
— SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361).
— Até às 22 horas;
— PAREDE: Grincho, Av. da República, 87-A (T. 2472948).
— Permanente;
— SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro, R. 9 de Abril (T. 2683052).
— Até às 22 horas;
— SASSOEIROS: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312).
— Até às 22 horas;

Linha de Sintra — AMADORA: Solla, loja D, lote 65 (T. 900724).
— Permanente;
— NUNES, E. Serra da Mira, Falagueira (T. 4937543).
— Até às 22 horas;
— SOARES CORREIA, E. das Águas Livres, Carenque (T. 965517).
— Até às 22 horas;
— DAMAIA: Damaia, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523).
— Até às 22 horas;
— QUELUZ: Pereira Dias, Monte Abraão (T. 4375566).
— Permanente;
— CAMARATE: Flores, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850).
— Até às 19 horas;
— CACÉM: Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120).
— Permanente;
— MEM MARTINS: Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820).
— Permanente;
— MERCES: Claro Russo, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275).
— Até às 22 horas;

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670).
— Permanente;
— SACA-CAVEM: Maria, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369).
— Até às 22 horas;
— LOURES: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 9831240).
— Permanente;
— AVEIRO: Higiene, R. Visconde Almeida Ecos, 13 (T. 22686).
— Permanente.

TEATROS

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

De terça a sábado, às 21.45; domingo, às 16.30

Sala Experimental

«UMA NOITE EM CHEIO», de Stephen Poliakoff. Encenação de João de Ávila. Interpretação de Ângela Pinto, Isabel Bernardo e Durval Lucena.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De 3.ª a sábado, às 18.30; domingo, às 17.00

«QUEM TEM FARELOS» e «O PRANTO DE MARIA PARDA», de Gil Vicente. Pelo Teatro Ibérico. Criação colectiva com a coordenação cénica de Blanco Xil.

Algés — Palácio dos Anjos

R. Eduardo Augusto Pedroso, 16-A

5.ª e 6.ª, às 21.30. Sáb., às 17 e 21.30. Domingos, às 17.00

«À FLOR DA PELE», de Consuelo de Castro. Enc. de Águeda Sena. Interp. Manuela Pedroso, e Augusto Portela.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

De terça a sáb., às 21.30. Domingos, às 16.00

«AS SENHORAS DAS QUINTAS-FEIRAS», de Lohé Bellon. Pelo Teatro-Estúdio de Lisboa. Tradução e dramatização Monique Rutler. Encenação de Luzia Maria Martins. Intérpretes: Carlos Vieira de Almeida, Clara Joana, Luísa Ortigoso, Manuel Medonça e Maria Dulce.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56

3.ª, 4.ª e 5.ª, às 21.30; 6.ª, sábado e domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«CÁ ESTÃO ELES». Texto de César de Oliveira e Varela Silva. Interpretado por Camilo de Oliveira, Luísa Barbosa e Maria Armada, entre outros.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

Teatro da Graça

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«O PAÍS DO DRAGÃO», de Tennessee Williams. Pelo Grupo de Teatro Hoje. Encenação de Carlos Fernando. Intérpretes: Alexandre de Sousa, Elias Lisboa, Fernanda Coimbra, Isabel de Castro, Lia Gama, Manuel Mendes, Maria José Pascoal, Maria José e Rui Pedro. Cenografia de Dalton Salem Asseff.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«AQUI HÁ FANTASMAS». Original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 06 18

Sala Café Teatro Sextas e sábados, às 23.00

«FARSA VOCÊ MESMO», de Abel Neves, Carlos Paulo e Ary dos Santos. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Isabel Medina Paulo Ferreira e Manuela Couto.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 4.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.00

«O DIABINHO DA MAO FURADA», de António José da Silva, «O Judeu». Encenação de Hélder Costa. Interpretação de João Maria Pinto e Maria do Céu Guerra.

Teatro do Triângulo

R. da Cintura do Porto de Lisboa, Santos — Tel. 67 61 91

De terça a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«O FÍSICO PRODIGIOSO», de Jorge de Sena. Adaptação e encenação: André Nuno.

Teatro da Nova — Universidade Nova

Av. de Berna

De segunda a sábado, às 21.30

«ROQUE À PRESIDÊNCIA OU A QUEDA E O COICE», de Rui Costa Lopes. Encenação: Carlos Fogaça.

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24 — Tel. 69 72 99

De terça a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«ELECTRA OU A QUEDA DAS MÁSCARAS», de Marguerite Yourcenar. Encenação: Filipe La Féria. Intérpretes: Glícinia Quartín, João de Ávila, Juvenal Garcês, Rocha Santos, Virgílio Castelo e Zita Duarte.

Cascais — Espaço TEC

Junto ao Pão de Açúcar

De terça a domingo, às 21.45; sábados, domingos e feriados, também às 17.00

«APARECEU A MARGARIDA». Texto e encenação: Roberto Athayde. Cenários: Fernando Filipe. Intérpretes: Graça Lobo e João Soromenho.

Estoril — Teatro Mirta Casimiro

Av. Fausto de Figueiredo — Tel. 267 03 20

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

«TARTUFO», de Molière. Pelo Teatro Experimental de Cascais. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Santos Manuel, Marília Costa, João Vasco, Luísa Salgueiro, Paulo B., Alexandra Lencastre e Luís RUP, entre outros.

Porto — IUP — Auditório do IUP

R. Jorge Viterbo, 120

Sextas e sábados, às 21.30; domingos, às 17.00

«LEONCIO E LENA», de George Buchner. Pelo Teatro Universitário do Porto. Encenação: António Capelo.

Teatro da Academia Almadense

R. Capitão Leitão, 64 — Tel. 275 21 75

6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«O FIM DA ENFERMEIRA JOÃO», de Frank Marcus. Pela Companhia de Teatro de Almada. Encenação de Artur Ramos.

TEATRO ABERTO

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

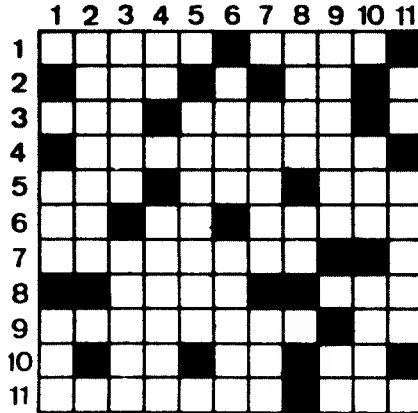
«A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS», de José Saramago. Cenário e encenação de Norberto Barroca. Figurinos de José Costa Reis. Música de Paulino Garcia. (Com o apoio do «Diário de Lisboa»).

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 15886

HORIZONTAIS:

- 1 Mirar. Preposição.
- 2 O mesmo que ion. Rio de Itália.
- 3 Ámio (s.q.). Frechas farpadas dos índios da América.
- 4 Ponderaram.
- 5 Cantão da Suíça. Ilha da Polinésia. Claridade.
- 6 Vossa alteza. Cento e cinco em romano. Cantiga.
- 7 Esmoncamos.
- 8 Cantiga. Emprego.
- 9 Flutuasses. Európio (s.q.).
- 10 Segundo. Samário (s.q.). Espera deferimento.
- 11 Ensejo. Pronome possessivo.



VERTICAIS:

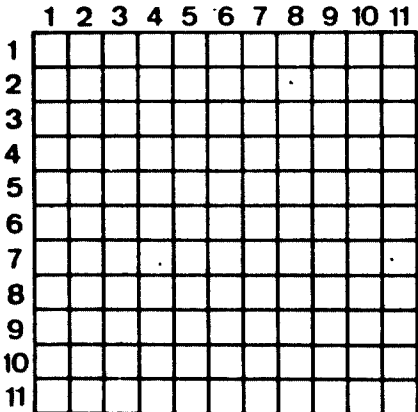
- 1 Artigo definido. Nome de fruto. Recusa.
- 2 Aperfeiçoaras.
- 3 Uma das Grandes Antilhas. Saudável.
- 4 Preposição e artigo. Enrubescis.
- 5 Inventais.
- 6 Freguesia do concelho de Castelo Branco. Cidade de Itália.
- 7 Prudente.
- 8 Mamíferos desdentados espécie de tatu. Reis.
- 9 Avermelhado. Pertences.
- 10 Artigo definido. Mil e quatro em romano. Secura.
- 11 Abreviatura de militermia. Cidade da Suíça.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 17056

HORIZONTAIS:

- 1 Vila e sede de concelho (Aveiro). Pronome reflexo.
- 2 Patrão. Deram urros.
- 3 Erguera (uma âncora). Rio da Rússia.
- 4 Cério (s.q.). Combino.
- 5 Esmoncamos. Viração.
- 6 Seguia. Apelido.
- 7 Nota musical. Celebravas em verso.
- 8 Sonda oca para extracção de urinas.
- 9 Cantiga. Falha.
- 10 Estimai. Saíra frequentemente à rua.
- 11 Tempo do verbo ser. Nome de homem.



VERTICAIS:

- 1 Povo de África, entre a costa de Zanzibar e o lago Vitória. Fúteis.
- 2 Ave pernalta. Camareira. Pronome pessoal.
- 3 Gorgulhos tropicais. Rio da Suíça.
- 4 Avaliaria.
- 5 Túmulo de pedra ou de terra que se encontra frequentemente no Peru e Bolívia. Naquele lugar.
- 6 Arregaçara as mangas a.
- 7 Doutora. Basta!
- 8 Autores. Atacar.
- 9 Lista. Despachara.
- 10 Pássaro do Brasil. Cidade da Suíça.
- 11 Preposição. Rezas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15885

HORIZONTAIS:

- 1 PELO. CÃO. SE.
- 2 Avistarias.
- 3 Namoros. Rã.
- 4 Caros.
- 5 Trocaras.
- 6 Au. Orem. Apó.
- 7 Márcia. Sam.
- 8 Tia. Resta.
- 9 Ne. Pa. Ari.
- 10 Mão. Alda. As.
- 11 Erros. Asco.

VERTICAIS:

- 1 Paneta. TEME.
- 2 Eva. Ruminar.
- 3 Limão. Aa. Or.
- 4 Oso. Cor.
- 5 Triarca. As.
- 6 Cão. Rei. Pi.
- 7 Ar. Camarada.
- 8 Oiras. As.
- 9 Aar. Assa.
- 10 SS. O. PATRÃO.
- 11 Assomais.

PROVERBIO: Pelo cão, se teme o patrão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17055

HORIZONTAIS:

- 1 Refojos. Gaz.
- 2 Ela. Ria.
- 3 Ga. Anunciar.
- 4 Moçai.
- 5 Lio. Apó.
- 6 Dosais. Cri.
- 7 Te. Om. lam.
- 8 Dar. Corara.
- 9 Sarc. Aras.
- 10 Rido. Ras. NS.
- 11 Assaram.

VERTICAIS:

- 1 Regilde. Srs.
- 2 Ela. Io. Dni.
- 3 Fã. Mostarda.
- 4 Ao. Aéreos.
- 5 Juncali.
- 6 Úa. Socara.
- 7 Senil. Morar.
- 8 Rasa.
- 9 Gritarias.
- 10 Aia. Piar.
- 11 Zargo. Massa.

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rocklândia; 18.00: Regressos; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estúdio; 20.15: Música portuguesa; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Musical; 21.30: Imaginário. Notícias de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

15.42: Concerto de câmara; 16.30: Álbum musical; 17.00: A voz dos instrumentos; 17.25: Compositores portugueses; 17.56: Orquestras de câmara; 18.40: Um compositor, três intérpretes; 19.00: Integra; 19.28: Grandes intérpretes; 20.40: Música, para oboé, de Mozart; 21.00: Ciência e tecnologia... a procura sem fim; 21.30: Música vocal polifónica, do século XVI, de Robledo, Anchieta, Torrentes, Morales, Pastana, autor anónimo, infantas e Tomás Luís de Victoria; 22.00: As palavras dos músicos; 22.30: Música de bailado; 23.00: Intercâmbio musical; 00.25: Música programática, de Smetana; 00.50: Último andamento; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; 17.00: Feira mágica; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24ª hora; 01.00: É de noite... já se vê; 03.00: Guarda-nocturno. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Ao fim e ao cabo; 20.00: Nova geração; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 23.00: Em órbita; 01.00: Morrison Hotel; 02.00: O rock pode esperar; 03.00: Guarda-nocturno. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Programa da LAR; 20.30: Cidade nova; 21.00: Luzes da ribalta; 23.00: Bola branca; 23.30: Suplemento especial; 23.55: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Grande bazar.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 22.00: Vamos aos fados; 23.00: Bola branca; 23.30: As canções da meia-noite; 23.57: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço.

RTP

18.01 - Sumário
18.06 - Brinca Brincando
«Black Arrow»

18.55 - Par ou Impar
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa do Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.15 - Palavras Cruzadas

111º Episódio: Helena e Luis não escondem um certo nervosismo momentos antes de se iniciar o jogo de futebol na televisão. Mas não são apenas eles os interessados na partida. Anabela, Joana e Fátima estão pregadas à cadeira, à espera do pontapé de saída. Mário não resiste a ir ver o encontro ao vivo. Felisberto e Alice contentam-se em ouvir o relato pela rádio, mas não menos entusiasmados; D. Diogo também não se esquece do acontecimento e prepara-se para assistir ao jogo ao pé do filho e da nora. Em casa de Oscar, uma avaria no televisor não permite fixar a imagem, o que deixa o dono da casa aborrecido. Rosa e Aníbal também não escondem o seu desagrado. As coisas não correm bem para o Belenenses, que está a perder 2-1. A certa altura, o técnico da equipa do Restelo manda Rui fazer exercícios de aquecimento. Todos ficam contentes, na esperança de que Rui alinhe na equipa, que está de facto a precisar de uma substituição. De facto Rui entra em campo. Alguns minutos depois, num lance feliz, Rui marca o golo de empate para a sua equipa.

21.00 - Primeira Página

Com os representantes dos Partidos que não tiveram assento na Assembleia da Republica

22.20 - O Detective

1º Episódio: A carreira profissional do comandante Ken Crocker dos Serviços Secretos Ingleses debate-se com algumas contrariedades.

No entanto, ele está disposto a superá-las. A investigação que está a realizar com a ajuda de Wilf Penfield e Vera Harris poderá ser incómoda para muitos. Até mesmo para aqueles que, por ocuparem importantes cargos de chefia, se consideravam a salvo de qualquer suspeita...

Realização: Don Leaver

23.20 - 24 Horas

23.55 - Remate

15.00 - Agora, Escolha!

16.30 - Notícias

16.35 - Trinta Minutos Com...

«Paulo Pina»

17.05 - Countdown

18.00 - Estádio

Motociclismo — Grande Prémio de Monza

19.05 - Simon Show

20.05 - Hitchcock Apresenta

37º Episódio



No 1º canal às 22.20, início da série «O Detective»



Hitchcock apresenta... no 2º canal às 20.05

20.30 - Uma Família às Direitas

148º Episódio: O regresso inesperado dos Bunkers a casa, coloca Edith numa situação precária quando descobre que Teresa alojara o namorado no seu quarto.

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Montra de Livros

21.40 - Cinema Dois

«Jaguar»: Manila. Poldo Miranda, conhecido por «Jaguar», vive no bairro de lata do Tondo ambicionando sair e encontrar outras condições de existência. Trabalhando para Sonny Gaston, um novo-rico pretensioso e brutal, Poldo vai passar da obediência cega à revolta brutal. Com ele, está Cristy Montes, também proveniente de Tondo e conquista recente de Sonny.

Interpretes: Philip Salvador, Amy Austria, Menggie Cobarrubias, Anita Linda, Johnny Delgado.

Realizador: Lino Brocka

AMANHÃ

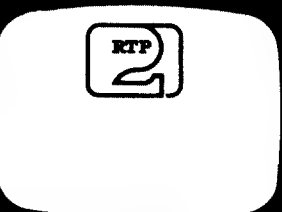
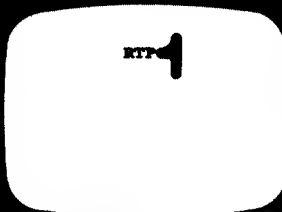
RTP-1

10.01 - Sumário
12.15 - Cambalacho
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório TV
17.30 - Mira Rádio
18.01 - Sumário
18.06 - Brinca Brincando
18.50 - Par ou Impar
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.10 - Vamos Jogar no Totobola
20.30 - Palavras Cruzadas
21.15 - Lotação Esgotada
23.20 - 24 Horas
23.50 - Remate

RTP-2

14.17 - Os Imigrantes
15.00 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Paródia
22.00 - O Som da Surpresa

GRUNDIG seleccionou para si...

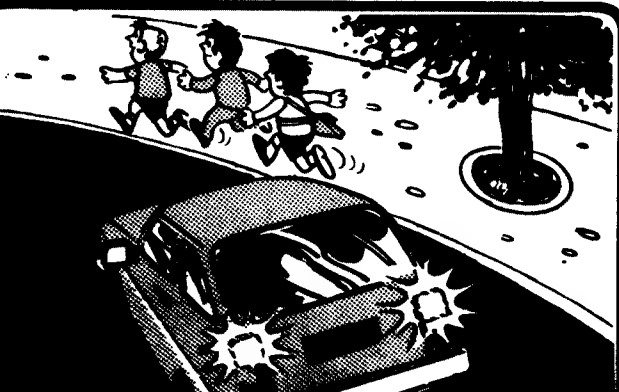


GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua do Comércio, 17
1200-001 Lisboa
Tel. 319 71 2



«Uma Família às Direitas»



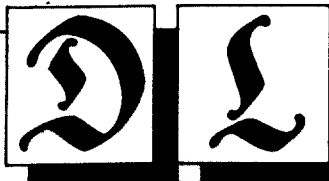
AOS CONDUTORES

«Reduza sempre a velocidade ao avistar um grupo de crianças, porque estas vão normalmente distraídas e não dão atenção ao trânsito.»

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



PORTE
PAGO



Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 — 32 02 71 / 2 — 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Portas 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84

Preço do «DL» na Madeira: 40\$00

DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Fundador **Joaquim Manso**

Director **A. Ruella Ramos**

Director adjunto **Fernando Piteira Santos**



Instituto Nacional de Sangue faz pesquisas sobre SIDA

O Instituto Nacional de Sangue vai efectuar, este mês, testes à pesquisa dos antígenos dos componentes do vírus da Sida — disse o director do Instituto, Pedro Franco.

Pedro Franco, que integra o grupo de Trabalho da Sida, nomeado pelo Ministério da Saúde, disse à Lusa que existe actualmente uma linha de investigação que pretende responder ao facto de, entre as pessoas contaminadas pelo vírus, umas desenvolvem a doença e outras mantêm-na latente. Tais pesquisas — explicou — já permitem saber que o problema está condicionado por genes diferentes.

Pedro Franco referiu não ter receio do contacto com uma pessoa afectada pelo Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, acrescentando em tom brincalhão que «era capaz de comer vírus ao almoço e ao jantar, porque sei que essa não é a via de contaminação».

«Grupos de risco são todos os descuidados», observou o especialista.

Pedro Franco, que dirige a entidade a nível nacional que coordena todas as actividades com o sangue relacionadas, disse serem necessárias em Portugal 500 mil dádivas de sangue por ano para se atingir a auto-suficiência no tratamento dos doentes.

A média anual de colheitas é da ordem das 150 mil unidades. O Instituto Nacional de Sangue, dá anualmente para os hospitais dádivas de sangue, glóbulos, plasma e plaquetas no valor total de 45 mil contos, valor que corresponde a cerca de 15 mil unidades por ano.

Manifestando-se contra o pagamento do sangue — «Terá que ser sempre uma dádiva, toda a gente liga a ideia de dar sangue à vida» — Pedro Franco salientou que «não chega a 20 por cento a aquisição de sangue que só se faz a nível de clínicas privadas».

Jornalistas debatem África Austral

A situação na África Austral é o tema da mesa redonda que esta noite (às 21.30) terá lugar na Sala Bridge do Hotel Altis, em Lisboa. Organizado pelo Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral (CIDAC) em colaboração com o Sindicato dos Jornalistas, o debate será moderado por Joaquim Letria (presidente do SJ) e Luís Moita (director do CIDAC).

As principais intervenções estão a cargo de Jil Jolliffe («The Guardian» e «Sunday Times»), Jorge Heitor (Lusa), Mário Crespo (RTP) e Xavier de Figueiredo (África Confidencial).

LOTARIA POPULAR

1 ^a —130642.....	1 000	000\$00
2 ^a —100508.....	250	000\$00
3 ^a —569506.....	150	000\$00
4 ^a —137802.....	100	000\$00
Terminação em 642.....	50	000\$00
Terminação em 508.....	10	000\$00
Terminação em 506.....	2	500\$00
Terminação em 802.....	1	000\$00
Terminações em 74,10 e 44.....	500	500\$00

Nota — Esta informação não contempla a anulação de prémios nem dispensa a consulta da lista oficial.



BERNARDO GUEDES DA SILVA introduzirá um debate sobre o tema «Nação e Liberalismo» que o Movimento da Nova Monarquia promove, hoje, dia 16 de Junho, às 21.30 horas, no auditório do Hotel Roma. Após alguns meses de silêncio Bernardo Guedes da Silva, sempre se apresentando como empresário, resolveu-se a voltar à intervenção política num plano doutrinal e de propaganda de ideias. Propõe-se, em voz alta, «pensar Portugal à luz de uma perspectiva despida de preconceitos» e os organizadores anunciam que a análise conduzirá a «preconizar as soluções mais indicadas».

VÍTOR DE SÁ MACHADO foi doutorado «Honoris Causa» em Medicina pela Universidade do Porto, sendo o primeiro cidadão não licenciado em Ciências Médicas a receber aquela distinção académica. O presidente do Conselho Científico da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Alexandre de Sousa Pinto, disse durante a cerimónia que o doutoramento do administrador da Fundação Gulbenkian significa «a consagração de um espírito profundamente solidário com a humanidade sofredora», salientando a sua «profunda obra de solidarie-

dade médica e social com os povos africanos de expressão portuguesa».

MANUELA SANTOS, mezzo-soprano, e Ana Valente, pianista, apresentam «Um Serão à Moda Antiga» no dia 18 pelas 21 e 30 horas na Casa-Museu Verdades de Faria, no Monte Estoril, prosseguindo a tournée que já levou o espectáculo a Évora, Vila Real, Sintra e ao Teatro de S. Carlos. O espectáculo, em que as artistas interpretam canções de ópera portuguesa e zarzuela, é uma tentativa de recriar um serão de sociedade no princípio do século, onde as meninas da casa entretêm os convivas com os êxitos musicais do momento. Conversando, bebendo ou fumando, assiste-se descontraidamente a este concerto-espectáculo.

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO profere uma conferência subordinada ao tema «Garrett, Eça de Queirós e a Ópera da Sociedade Romântica» esta tarde, pelas 18 e 30 horas, na Sociedade de Língua Portuguesa. Mário Vieira de Carvalho, musicólogo, é conhecido sobretudo como crítico. Doutorou em Ciências Musicais, é professor no Departamento de Ciências Musicais da Universidade Nova de Lisboa.

PEDRO CALDEIRA CABRAL é o segundo músico a participar na série de «Concertos de Verão» do Centro Comercial Amoreiras. O concerto tem lugar amanhã, pelas 18 e 30 horas. Pedro Caldeira Cabral, que lançou recentemente o álbum «Duas Faces», é fundamentalmente um autodidacta na guitarra portuguesa. Nestes últimos anos, o músico desenvolveu um estilo próprio, com a incorporação de técnicas originais onde não são estranhos elementos resultantes do estudo aprofundado de instrumentos antigos, quer das tradições populares quer das tradições cultas europeias.

MIKHAIL GORBATCHOV, líder soviético, enviou uma mensagem à primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, felicitando-a pela vitória eleitoral de quinta-feira, anunciou em Londres um porta-voz oficial. O porta-voz de Thatcher disse que a primeira-ministra recebeu a mensagem de felicitações domingo, mas não adiantou pormenores. Gorbachov visitou a Grã-Bretanha em 1984 e as relações com a Chefe de Governo britânica estreitaram-se quando Thatcher teve 13 horas de conversações com o líder soviético, durante a sua visita a Moscovo, em Março.

ÚLTIMA HORA

O cadáver de um jovem de 14 anos, apresentando um tiro no peito e outro num braço, foi hoje encontrado na Baixa da Banheira, informou a GNR local. Trata-se de Jorge Manuel Correia de Brito, estudante, natural de Moçambique e residente nesta localidade. O corpo foi transportado para o hospital do Barreiro pelos Bombeiros Voluntários da Moita. A GNR da Baixa da Banheira está a proceder a averiguações no intuito de deslindar o crime.

Otelo admite decalque do Projecto Global

Otelo Saraiva de Carvalho disse que se apercebeu, durante o julgamento do primeiro processo das FP-25 de que saiu condenado, da existência de duas direcções político-militares, uma delas decalque da componente do Projecto Global.

Otelo, ontem no seu terceiro dia como declarante no segundo processo da FP-25, respondia ao juiz presidente do tribunal que lhe perguntou: «Mas então a DPM não era só uma?». «Curiosamente soube no julgamento haver uma cópia do projecto global, e terá havido da DPM no projecto FP-25».

Confrontado com vários documentos, Otelo admitiu que haveria «alguém» que, assistindo a reuniões suas, transmitiria a «outrem» o seu conteúdo, facto que justificaria assim o aparecimento de documentos idênticos.

Otelo afirmou desconhecer alguns réus do segundo processo, nomeadamente de vários que lhe haviam pedido o seu depoimento.

«Então pessoas que pediram o seu depoimento, e não as conhece?» — perguntou o juiz confrontando-o com o nome de Silvestre Estêvão, Eduardo Seiceira, Teodósio Alcobia, Luís Augusto Gomes, Honório Marques, António Alvão, Natércia (Otelo acentuou ser amigo pessoal desta última).

O estratega do 25 de Abril, continuando a dissociar a componente clandestina do Projecto Global (ECA) das FP-25, referiu: «Da ECA não conheço ninguém a não ser dois ou três que iam às reuniões da RDM; e das FP-25, muito menos».

O declarante referiu que a ECA não possuía armas, mas que iria buscá-las aos quartéis em caso de golpe fascista. Alguns dos seus elementos, sobretudo os que nunca tinham cumprido serviço militar, recebiam treino militar na Frente Polisário.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44. 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

A «revolução» de Maggie Thatcher

Págs. 3, 4 e 5

Dossier



Maria João Serrão

Pág. 6

Retratos no Teatro



Willy Brandt

A despedida de um político

Ao participar, sábado, numa manifestação pacifista que reuniu cem mil pessoas em Bona, Willy Brandt cumpria a sua última actividade política como presidente do Partido Social-Democrata alemão-federal (SPD). Um dia depois, no congresso extraordinário do partido convocado para o efeito, Brandt abandonava o cargo que ocupou ao longo de 23 anos, mantendo a função simbólica de presidente honorário do SPD.

Apesar da chuva e do facto de não existir actualmente uma situação equivalente à vivida em 1983, quando da instalação dos euromísseis, a manifestação de sábado foi considerada um êxito. E tal fica a dever-se, em grande parte, à presença de Willy Brandt entre os manifestantes: muitos deles quiseram despedir-se simbolicamente de uma figura lendária já em vida, que aparece identificada com o desarmamento e o desanuviamento Este-Oeste.

«Sem Brandt na chefia seremos um partido comum e corrente, que deverá acostumar-se a prescindir de uma figura de identificação política», escreveu o presidente da Juventude do SPD, Michael Guggelmoss, ao comentar o fim da «era Brandt», expressando muito provavelmente a opinião da maioria dos sociais-democratas alemães, inclusive dos que combateram o político de 72 anos.

Brandt será até ao fim dos seus dias o presidente honorário do SPD, cargo que foi aliás criado expressamente para ele. No entanto, o antigo chanceler alemão-federal reitor na véspera do Congresso que escolheu o seu sucessor (Hans Jochen Vogel), que se retirará da vida política activa, recusando inclusive a possibilidade inicialmente contemplada de dirigir a comissão que irá

redigir o novo programa político da organização.

Para o SPD a ausência de Brandt constitui um desafio, uma vez que a popularidade do seu ex-presidente ultrapassa, dentro e fora da Alemanha Federal, os limites do partido, e a sua figura aparece identificada com os mais importantes processos políticos das últimas décadas a nível nacional e internacional.

Brandt, cujo verdadeiro nome é Herbert Frahm, nasceu em 1915 em Luebeck, filho de mãe solteira, numa casa modesta. Ainda jovem integrou-se no movimento operário e foi dirigente da Juventude Socialista Operária, uma facção de esquerda dos sociais-democratas.

Quando da instauração do nacional-socialismo, em 1933, Brandt fugiu primeiro para a Suécia - até à ocupação nazi - e depois para a Noruega, onde se casou e obteve a nacionalidade norueguesa. Foi durante o exílio que adoptou o nome por que passaria a ser internacionalmente conhecido.

Na segunda metade dos anos 30, Brandt visitou clandestinamente Berlim por duas vezes, para aí realizar trabalhos organizativos. O regresso definitivo deu-se já terminada a guerra.

Se bem que tenha tido na altura uma oferta para ocupar um cargo diplomático norueguês na Alemanha, Brandt optou por reintegrar-se na política, dedicando-se à reconstrução da social-democracia alemã.

Em 1957 foi eleito governador de Berlim Ocidental, o lugar onde começou a ser conhecido e que lhe daria maior satisfação pessoal na sua carreira, segundo confessou mais tarde.

Eram os anos da guerra fria, da construção do muro de Berlim, de

enfrentamento entre as duas Alemanhas, um período em que Brandt alinhava claramente com a política ocidental de aliança com os Estados Unidos. É conhecida a fotografia em que pode ser visto junto ao então



presidente norte-americano, John Kennedy, cumprimentando a multidão diante do edifício da Câmara de Berlim Ocidental.

Em 1964, Brandt assumiu a presidência do SPD, sendo candidato frustrado a chanceler, em 1962 contra Konrad Adenauer e, em 1965, contra Ludwig Erhard. Quando pensava abandonar a cena política surgiu a possibilidade da «grande coligação» de democrata-cristãos e sociais-democratas. Entre 1966 e 1969, foi Brandt o ministro dos Negócios Estrangeiros da RFA.

Depois das eleições de 1969, Brandt foi o artífice da aliança entre os sociais-democratas e liberais, que o elegeu como chefe de governo. Foram, segundo as suas próprias declarações, as lições do ameaçador confronto Este-Oeste que viveu como presidente da Câmara de Berlim que fizeram que, enquanto chanceler, se dedicasse à política do desanuviamento, conhecida por «os-tpolitik».

Os acordos assinados com a União Soviética em 1971, e com a Polónia e a República Democrática Alemã um ano mais tarde, são resultados concretos desse empenho, que foi aliás sublinhado pela atribuição, em 1972, do Prémio Nobel da Paz a Willy Brandt.

Mas a importância do seu governo não se limitou à política externa: sob o lema de «Atrever-se a uma maior democracia», Brandt tentou impor uma liberalização das estruturas e normas sociais da Alemanha Federal, através de uma política que conseguiu absorver, na maioria dos casos para o SPD, o potencial de protesto e desacordo surgido nos finais dos anos 60 nas Universidades alemãs.

O sector não integrado derivou para o terrorismo, que iniciou a sua ofensiva no período do governo de Brandt, durante o qual se aprovaram também as leis de proibição profissional, destinadas a impedir os comunistas de exercerem postos na administração pública.

Brandt - de espírito mais liberal do que social-democrata, segundo a definição de um analista político - nunca gozou da simpatia do poderoso sector sindical do seu partido que o apoiou com reticências, e cujos dirigentes não se cansavam de repetir, em privado, que Brandt vivia nas comodidades do exílio quando a Alemanha enfrentava os rigores da guerra.

Esta sensação de falta de apoio partidário explica em parte a sua queda surpreendente, apenas dois anos depois de ter conseguido para o SPD a sua primeira, e até agora única maioria. Estava-se em 1972 e Brandt decide demitir-se quando se descobriu que um dos seus principais assessores era um espião da RDA.

Brandt teve, no entanto, o mérito de se manter na presidência do SPD, procurando mantê-lo aberto às novas tendências, mas sem conseguir integrar o movimento ecologista, que viria a constituir o partido «Os Verdes».

Por outro lado, Brandt viu também crescer o seu papel no mundo, como líder da Internacional Socialista e presidente da Comissão Norte/Sul. Nem os seus adversários políticos, dentro e fora do SPD, podem, na verdade, evitar que ele seja hoje um monumento em vida.

Jorge Gillies- IPS

Parêntesis sobre os tiques

HÁ uma reacção mecânica que transforma o rosto em máscara distorcida: o *tique*. Máscara que, como provará Sandor Ferenczi, se parece com a estrutura narcísica de quem sofre do tique. A máscara *monstruosa* provocada pelo tique poderia ser aproximada do monstro de Rousseau na medida em que este revela a sua capacidade de participar na comunidade, o seu encerramento na individualidade, no círculo narcísico da sua insegurança e inestabilidade da sua sexualidade. Eis porque nos parece interessante abrir aqui um parêntese sobre o *tique*, visto que quem dele sofre, à semelhança do primeiro monstro considerado por Rousseau (o homem primitivo), recusa o exterior; o *novo* assusta-o, o mundo surge-lhe como ameaça.

Ferenczi é o primeiro psicanalista a ter examinado o fenómeno do tique, que Freud considerava puramente orgânico e, portanto, de interesse menor. Usando, na sua «Reflexão Psicanalítica sobre os Tiques», o material existente — ou seja, os estudos efectuados por psi-

quiатras decerto competentes mas não-psicanalistas — Ferenczi introduz um elemento importante na análise dos *tiques*, o elemento sexual. Este último permitir-lhe-á reencontrar a origem do tique e explicá-lo em função da sexualidade particular da pessoa afectada.

Como o tique diz respeito à estrutura narcísica do indivíduo, é possível interpretar alguns deles como desvio da actividade masturbatória em zonas não-erógenas do corpo. A figuração simbólica dos processos genitais elege, geralmente, o rosto como lugar privilegiado, indicando assim que se opera, na formação dos tiques, uma deslocação de baixo para cima. seria possível, escreve Ferenczi, estabelecer uma analogia entre a formação de um tique e o sintoma de conversão histerica. Com efeito, o tique e o sintoma reflectem, ambos, os traços mnésicos de um traumatismo esquecido, embora uma diferença notória subsista entre ambos, na medida em que o tique pertence a uma memória específica, a do eu, enquanto o sintoma histerico é a memória de um

objecto, a memória que está ligada à libido de objecto, e portanto a uma abertura para o exterior.

Aquele que sofre de um tique está, pelo contrário, virado para si mesmo, e entre as causas que Ferenczi atribui à fixação da libido em certos órgãos, destacaremos o narcicismo do sujeito, que parece ser a mais importante. O tique surge como uma defesa contra o exterior, manifesta a recusa e exterioridade e é aí que se mostra eminentemente narcísico.

De resto, um dos meios de cura do tique toma fortemente em consideração este elemento, visto que consiste em utilizar um espelho que reenvia ao paciente a imagem de um *eu* monstruoso que acelera o tratamento. Porque: «o efeito assustador que sobre o sujeito narcísico produz a vista, no espelho, das deformações do seu corpo e do seu rosto, desempenha certamente um papel importante (e essencial) na sua tendência para a cura» (1).

O tique pertence ao *substratum* arcaico do homem, assinalando um estado *onto* e *filogenético* do seu

desenvolvimento.

Recusando qualquer excitação proveniente do mundo exterior, o paciente reage à maneira dos «animais inferiores» que possuem, como nota Ferenczi, «aptidão para a autonomia». Assim, «quando certas partes do corpo se tornam sede de excitação dolorosa, eles «deixam cair», literalmente, a parte em questão, com a ajuda de contracções musculares específicas. Outros (certos vermes, por exemplo), separaram-se mesmo em diversas partes mais pequenas (como se, por assim dizer, «explodissem» de cólera)...

Também encontramos a mesma tendência para a separação das partes do corpo tornadas fonte de desprazer no reflexo normal de se coçar, onde se manifesta claramente o desejo de eliminar, raspando-a, a parte da epiderme submetida a excitação, bem como nas tendências dos catatónicos para a automutilação, e em certa tendência de alguns dos afectados por tiques para representar acções automáticas de um modo simbólico... (1).

Isto recorda-nos a análise que

Freud fez da tendência para a regressão, em que o homem, como a célula, procura eliminar a tensão provocada pelas excitações exteriores, a fim de se proteger na doce pátria da inércia, na forma circular de um *eu* móvel aquém do orgânico: «Se, portanto, os instintos orgânicos são factores da conservação, historicamente adquiridos, e se eles tendem para a regressão, para a reprodução de estados anteriores, não nos resta senão atribuir a evolução progressiva à acção de factores exteriores, perturbadores e que desviam o organismo da sua tendência para a estagnação. O ser vivo elementar ter-se-ia de bom grado mantido imutável desde o início da sua existência, não teria querido mais do que manter um género de vida uniforme, em condições variáveis.» (2)

Notas

1. S. Ferenczi, *Réflexions psychanalytiques sur les tics*

2) S. Freud, *Au-delà du principe de plaisir*

A crise em dia

É uma história que costumo contar aos meus amigos, em jeito de parábola: há anos, tive uma aluna brilhante, inteligente, dinâmica, cabelos castanhos encaracolados caídos soltos, rosto de sorriso largo e simpático, uns dezoito anos todos activos e empreendedores. Ia longe, sem dúvida — *vai*. No 12.º ano tem de se ser exigente, isto se queremos ajudar aquelas pessoas a entrar na faculdade, e aquela jovem não só correspondia ao que lhe era pedido, como ainda rendia mais, muito mais. Os seus trabalhos eram apaixonados, interessados, interessantes. Tinha uma especial predilecção por temas ideologicamente «quentes»: a condição da mulher, a sexualidade, a renovação dos valores, etc. Há muitas pessoas assim, *naquela idade*, que se empenham *pessoalmente* no que dizem. Só assim conseguem produzir para o que um professor pede na escola.

Posto isto, é natural que eu não me tenha surpreendido ao saber que ela era candidata à direcção da Associação de Estudantes por uma das listas concorrentes.

Evidentemente

Na verdade, ela correspondia certinho ao meu *retrato-robot* da «jovem militante trotskista» (ou coisa parecida). Só lhe faltavam os óculos de aros redondos, o resto estava tudo, até os cabelos aos caracóis, como já referi. E isto para já não falar das ideias que acerrimamente defendia nos seus trabalhos para a

minha disciplina. As gavetas segundo as quais eu então ordenava o mundo podiam-se dar por satisfeitas, ao albergarem um tão correcto espécimen.

A minha confusão começou quando soube que apenas havia duas listas, a do PS e a do CDS.

De facto, confesso que não a estava nada a ver no PS, mas enfim, mudam-se os tempos, mudam-se as vontades. Lá se ia por água abaixo a ficha impressionista que eu tinha feito da moça, na qual eu a colocava num pedestal dourado com o rótulo a dizer «JOVEM E PITORESCA ESQUERDISTA», mas era a vida, e eu não tinha mais que reordenar as minhas *prateleiras de arrumar os outros*. Tudo ficaria bem de novo: ligeiramente fora do sítio, mas *quase* no sítio certo, apesar de tudo.

Efectivamente

Só que: a tragédia abateu-se sobre os meus arquivos e só S. Pedro — que já terá visto coisas piores — pode compreender qual não foi o meu espanto ao tomar conhecimento que a minha brilhante militante feminista era candidata do... CDS.

Esta história é real. Aliás, seria real mesmo que não fosse. Além disso, e evidentemente, eu afirmaria que era real mesmo que não fosse. Com isto, eu não pretendo baralhar os leitores, embora até ache que talvez não fosse mau, eles ficarem baralhados, porque (penso eu, humildemente) muitos estão a ler a juventude com o baralho trocado.

Mudam-se as vontades?

Dantes, as pessoas mais velhas diziam que os jovens eram «malcriados», ou coisa parecida. Hoje, quem tem mais de trinta diz que os novos jovens são muito «reaccionários», querem casar pela igreja, repegam nos valores tradicionais, etc. É preciso compreender que qualquer um dos adjectivos — «malcriado» ou «reaccionário» — aplicado a um jovem, o mais das vezes reflecte apenas uma mesma coisa: *incompreensão* perante comportamentos diferentes daqueles que nos habituámos a considerar correctos; falta de vontade para entender formas de ser e de agir que não correspondem aos padrões pelos quais nos *viciámos* em classificar as pessoas. Só que as pessoas mudam, e as vontades (as forças de vontades) das novas gerações não são piores que as das de 60 e 70: são apenas diferentes e implicam o que uma geração sempre sugeriu de melhor ao seu tempo: *uma reformulação de valores*.

A minha ex-aluna não era parva nenhuma. Os jovens que se casam pela igreja fazem-no com motivos abissalmente diversos dos seus avós. Apenas o gesto é o mesmo. Estamos, claro, no direito de pensar que concorrer à Associação de Estudantes pela Juventude Centrista é um erro, e um erro que não cometeríamos. Cometemos outros, e deles tirámos proveito.

A moral da história, não digo: para mau entendedor...

Rui Zink



O terceiro mandato alcançado por Margaret Thatcher em Inglaterra, com uma maioria bem maior que a prevista pelas sondagens mais favoráveis, dá nova actualidade a uma interrogação que se tem reformulado de ano para ano: afinal a «desregulação à americana» funciona na Europa? Afinal, uma economia pós-industrial é viável numa formação social tão antiga como a da Grã-Bretanha?

A «revolução» de Maggie Thatcher

QUILÓMETROS e quilómetros de docas em ruína, vidros das janelas escavados, edifícios desventrados onde sobram equipamentos enferrujados... Em Liverpool, não há um só prédio ainda habitado que não tenha, ao lado, outros abandonados. *No future*. Liverpool, segundo porto da Inglaterra, uma fachada vitoriana virada para a América, já não dá trabalho senão a dois mil e trezentos estivadores. No princípio dos anos 70, ainda havia catorze mil...

No tempo dos Beatles tentou-se substituir por indústrias de consumo os empregos perdidos no porto. Mas, cansadas, atingidas por seu turno, como a do automóvel, elas têm vindo a despedir por pacotes de mil e de dois mil trabalhadores desde 1980. As doentes amontoam-se, atordoantes: um jovem em cada dois (entre os 16 e os 24 anos) não tem trabalho; a taxa de desemprego atinge 21 por cento (a média nacional é de 11); 44 por cento da população viveria em condições de pobreza. Um indicador, melhor que os outros, a situação local: um habitante em cada cinco teve de emigrar.

No momento mais forte da depressão, em 1981 e 1982, muitos se interrogavam sobre se Liverpool, durante tanto tempo metrópole florescente, nascida da primeira revolução industrial, não deveria ser pura e simplesmente evacuada e entregue às suas ruínas. A revolução dita «pós-industrial» aconselhava a partida, aconselhava à reconstrução no Sudeste, em volta de Londres.

A sra. Thatcher, na sua campanha para as eleições que ganhou triunfalmente, alinhou os vectores de tal reconstrução: *Great Britain is back*, a Grã-Bretanha está de volta. E, de facto, a economia atravessa uma época cor-de-rosa. O crescimento, que foi de 2,6 por cento em 1986, poderá atingir os 3 por cento este ano e até, segundo alguns, ultrapassá-los. A melhor taxa dos países industriais. O desemprego, praga n.º 1 do «thatcherismo», começou a descer a meio de 1986 e o número de desempregados poderá ter regressado, em Maio, abaixo da barreira simbólica dos três milhões. O seu número real está para ser conhecido agora, quando passar uma semana sobre o acto eleitoral de dia 11. A inflação, que foi de 3,4 por cento no ano passado, parece contida. As empresas reencontraram as suas taxas de lucros dos anos 60 (subida e 23 por cento em 1986). Declarando-se «optimistas em rela-

Continua na pag. 4



As primeiras páginas dos diários britânicos na sexta-feira, 12, logo após a conquista da terceira vitória eleitoral sucessiva pela primeira-ministra Margaret Thatcher



A «revolução» de Maggie Thatcher

Continuação da pág. 3

ção ao futuro», elas recomeçam a investir (subida de 4 por cento prevista para a indústria este ano, subida de 8 por cento no conjunto dos sectores). A exportação, nos últimos doze meses, subiu 11 por cento, enquanto a subida das importações se cifrava em 6 por cento. Desde 1979 — resumem os conservadores — o poder de compra real dos assalariados subiu 15 por cento.

A política da «dama de ferro» terá, então, sido um êxito?

Depois da cura de austeridade, de grande dureza, que ela impôs ao Reino Unido a seguir à sua primeira vitória eleitoral, em 1979, estará ela agora a colher os frutos do seu liberalismo, como a avalanche dos indicadores favoráveis parece sublinhar?

Terá ela conseguido ganhar a sua aposta — nem mais nem menos do que romper com o passado do «declínio inglês», mil vezes descrito desde a guerra como inevitável, mais, como ancorado numa alma nacional tornada suicidária?

O debate, naturalmente, atravessa a Mancha, e os franceses, designadamente, sentem-se tentados a comparar a era Thatcher com os anos de Mitterrand. O sucesso ou o fracasso da primeira-ministra britânica estará no centro das próximas presidenciais francesas. No entanto, não é fácil ver claro num país que se transformou num universo de extremos, onde os Rolls-Royce passam, ainda mais hoje, ao lado de uma miséria verdadeira, e onde o *glamour* da City cresce à custa do negrume de Liverpool. Os índices afixados por Margaret Thatcher são insuficientes para perceber o que se passa. Em primeiro lugar, porque alguns deles estão falseados — os do desemprego, por exemplo — por correcções recentes da maneira de os calcular (estão excluídos do total, por exemplo, os desempregados em formação). Depois, porque uma boa conjuntura — inegável — não basta para provar que houve «milagre», nem para afirmar que a Inglaterra conseguiu melhorar duradouramente a sua estrutura económica. Então?

«A mais severa das recessões»

Então, é certo que houve mudança. Ninguém o nega. O essencial diz respeito à ruptura das mentalidades patronais e operárias longamente tecidas no período do *Welfare Estate*, o Estado Providência, que estava instalado desde a guerra e era respeitado por todos os governos, trabalhistas ou conservadores.

Ao ser eleita em Maio de 1979, a

sra. Thatcher passa a segurar as rédeas, liberta os câmbios, suprime as políticas de rendimentos, de dividendos e as múltiplas taxas de que os governos se serviam como instrumentos de regulação conjuntural.

«O intervencionismo era considerável — explica Sir John Hoskyns, presidente do Institut of Directors, onde se reúnem os PDG britânicos — e, depois de a sra. Thatcher ter desmantelado todos esses controlos, nenhum deles reapareceu. Isso criou um clima de estabilidade sem o qual nada é possível.»

Sobretudo, para reduzir a inflação, a primeira-ministra adoptou uma política monetarista pura e dura, no mesmo momento em que a libra vê alterado o seu valor por causa das primeiras exportações de petróleo do mar do Norte. Em 1980, a libra chegou a valer 5 *deutsche marks*, 2,5 dólares EUA e 12 francos franceses. Como, também ao mesmo tempo, o governo duplicou a TVA (IVA) que, matematicamente, sobe os preços, os salários, indexados, ganharam, *grosso modo*, 20 por cento. Foi um erro — muitos o reconhecem hoje, mesmo entre os conservadores — porque tudo se somou para aniquilar a competitividade das empresas perante a concorrência estrangeira: libra sobrevalorizada e custos excessivamente altos. A produção industrial viria então a cair 20 por cento, em volume. Cada dia trazia uma nova série de falências. Dois milhões de em-

pregos foram suprimidos em dois anos. «Foi a mais severa recessão que alguma vez tínhamos vivido», conclui o prof. Alan Budd, da London Business School.

As pressões multiplicaram-se, vindas de toda a parte, com vista a operar uma total inversão do leme. «Qualquer governo teria cedido — conta Sir John Hoskyns — mas não o da sra. Thatcher. E, ao fim e ao cabo, nada poderia, como essa inflexibilidade, ter tido um efeito tão grande no comportamento patronal.»

Os sobreviventes saíram transformados desta experiência:

«Eles redescobriram as virtudes do comando, a agressividade, a vontade de se baterem.» A «dama de ferro» tinha «dado o exemplo».

Igual intransigência perante os mineiros em greve em 1984 e 1985. Apesar das violências, dos mortos e do bloqueamento de parte da economia, privada de carvão, a primeira-ministra não cedeu. Divididos, os sindicatos saíram dessa prova consideravelmente, e talvez duradouramente, enfraquecidos. Em 1979, 73 por cento dos britânicos consideravam que a principal força de oposição à sra. Thatcher era constituída pelos sindicatos. Em 1987, essa opinião só é expressa por um por cento dos interrogados.

Os novos heróis

As empresas obtêm lucros: os seus benefícios subiram à razão de 20 por cento entre 1983 e 1985.

Subidas de 50 por cento na química, de 47 por cento no automóvel, de 23 no comércio, de 21 na Banca. A purga de 81-82 tinha-lhes dado tempo para arrancarem os «ramos mortos»: «As empresas fizeram em dois anos o que normalmente fariam em 10», afirma Alan Budd. Muitos patrões foram substituídos por novos *managers* próximos da filosofia da primeira-ministra.

A Imperial Chemical Industries (ICI), florão da indústria britânica, que anunciara o seu primeiro défice no terceiro trimestre de 1980, reergueu-se sob a direcção de Sir John Harvey Jones e anunciou em 1986 novos lucros líquidos notáveis. Mas a lista das *success stories* (histórias de sucesso) é bem longa: a British Steel, ainda mais doente do que as suas irmãs europeias do aço, saiu, no ano passado, da «zona vermelha». A Jaguar, que se tinha tornado no próprio símbolo da não-competitividade e da má qualidade britânica, a tal ponto que nos anos 70 se tinha generalizado a anedota «se quer andar de Jaguar compre dois, porque um deles estará sempre na garagem», voltou a exportar com determinação (as exportações constituem 80 por cento das suas vendas actuais), e a sua privatização foi um sucesso.

Até no sector têxtil, Coats Vervella e Courtaulds são novos heróis. Sir Christopher Hogg, jovem patrão deste último grupo desde 1980, acaba de anunciar lucros de 200 milhões de libras em 1986 (uma subida de 40 por cento). E qual é o

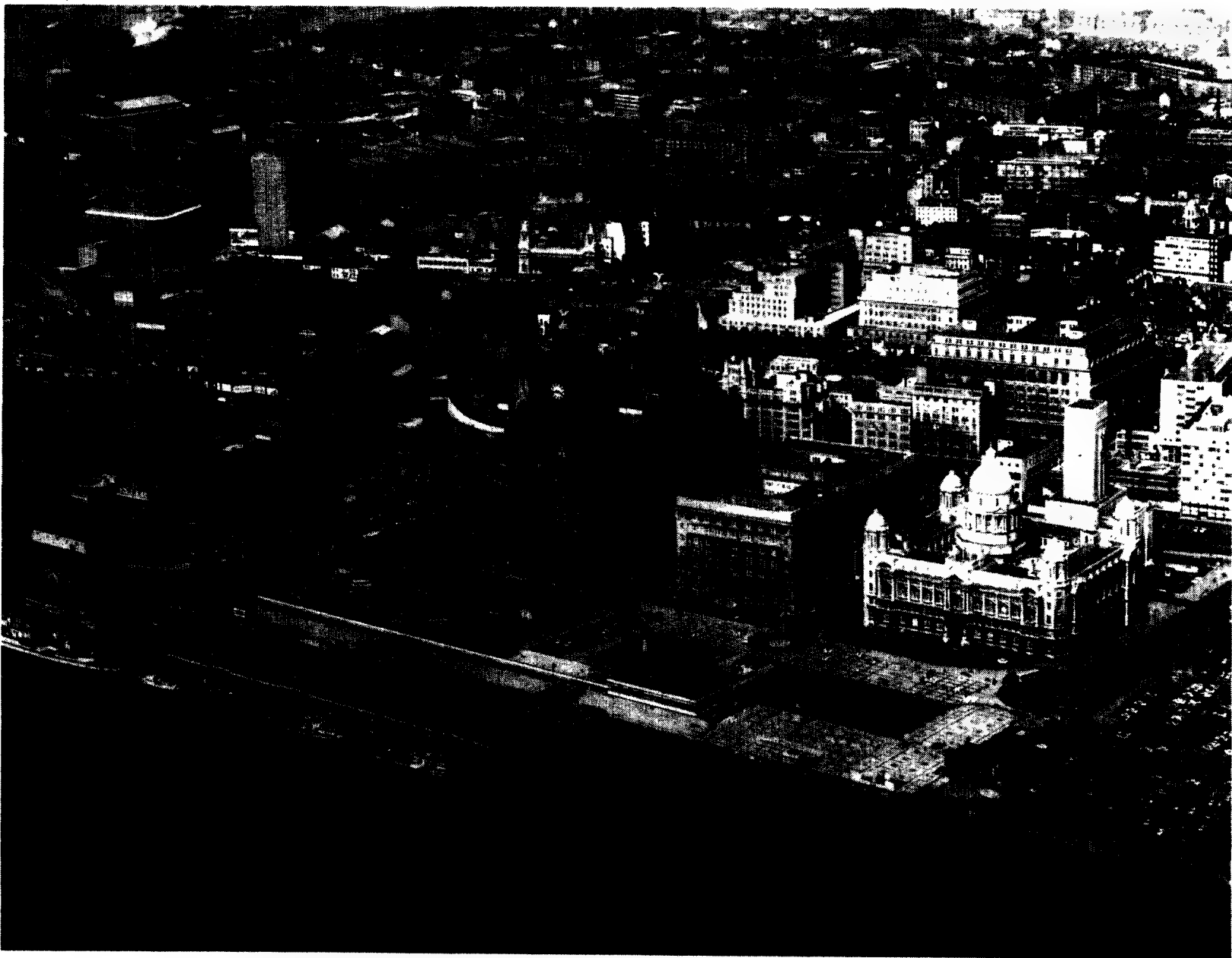
método? «Quase 40 por cento das fábricas foram fechadas, e o emprego desceu de 130 mil postos de trabalho em 1979 para 68 mil hoje», conta ele.

Incontestavelmente, a gestão inglesa das grandes firmas, desacreditada desde há anos, reencontrou o seu melhor nível. Como a indústria britânica é muito concentrada (as grandes companhias realizam mais de metade da produção e três quartos das exportações), o impacto é importante. E foi ainda reforçado por desnacionalizações de uma quinzena de grandes companhias, também elas chamadas a reestruturarem-se.

Estrangulamento

Para a sra. Thatcher, estas privatizações deviam, aliás, engendrar «um capitalismo popular», quer dizer, estender a nova lógica ao conjunto dos cidadãos de Sua Majestade. O resultado é conhecido: o número de accionistas triplicou, passando para 8,5 milhões. Um adulto em cada cinco — quer dizer, um eleitor em cinco — possui acções. Os trabalhistas renunciaram praticamente à ideia de renacionalizar, sinal, aqui também, de que uma ruptura foi, de facto, operada em relação aos trinta anos anteriores.

Last but not least, a City soube tirar partido do maná dos lucros. Apoiada em leis que libertavam os seus movimentos (desregulamentação), Londres soube defender o seu lugar de primeiro mercado financeiri-



Liverpool nos seus tempos áureos de «porto virado para a América»



O coração da «City»: a «revolução» Thatcher privilegiou o universo financeiro, enfraquecendo profundamente o tecido industrial do país



A «revolução» de Maggie Thatcher

zam este final de século em todos os países. Os recentes indicadores (retomada do crescimento, das exportações e do investimento, baixa do desemprego) reforçam a convicção dos conservadores de que todo esse debate se gerou em torno de falsas questões: produzir serviços financeiros tem tanto «valor» como produzir automóveis, dizem eles. Sempre as reestruturações doerem, e mais vale andar depressa, como quando se tem de arrancar um dente podre. Ou não será verdade que, por exemplo, a França, que durante cinco anos escolheu uma solução menos cruel, tem hoje, exactamente, a mesma percentagem de desempregados que os seus vizinhos de além-Mancha — 11 por cento da população activa?

Mais animal político do que animal económico, a sra. Thatcher sacrificou alguns dos seus dogmas dos primeiros tempos: os impostos obrigatórios não desceram ao fim de dois mandatos, os salários cresceram regularmente 2,5 por cento ao ano e, mais do que defender uma libra forte, a primeira-ministra deixou a sua moeda escorregar 20 por cento face ao marco alemão, pouco antes das eleições...

São realidades pouco conformes com o liberalismo que os críticos puristas do seu clã vêm alimentando. Há cada vez mais quem pense que ela fala alto para mudar as mentalidades mas age pouco, em profundidade, para modificar os grandes desequilíbrios estruturais.

O futuro permanece incerto. De imediato, a gestão pragmática adoptada explica, sem dúvida — especialmente a conseguida desvalorização da libra —, os bons índices actuais. Em contrapartida, a «dama de ferro» não cedeu um centímetro em matéria de filosofia política: recuo do Estado-Providência e instalação forçada de uma *meritocracia*. O modelo engendrado tem as suas virtudes... e as suas disfunções. E constitui um todo, que é preciso avaliar em bloco.

Para além do julgamento moral e político que se pode fazer sobre uma tal sociedade, a questão económica colocada consiste em saber «até onde pode aquilo funcionar».

Que acontecerá quando as receitas das privatizações e do petróleo do Mar do Norte se tiverem esgotado? Até que ponto aceitarão os britânicos um modo de vida pós-industrial modelado à americana? Reeleita Maggie Thatcher, vale a pena observar de bem perto o modo como ela vai intervir em questões momentosas tão simbólicas e decisivas como a saúde e o ensino.

Eric Le Boucher

ro europeu, senão mundial. A City emprega um milhão de pessoas, e os haveres detidos no estrangeiro produziram, no ano passado, 4,2 mil milhões de libras para a Grã-Bretanha, ou seja, mais do que o petróleo. Os jovens diplomados de Cambridge e de Oxford voltaram a só ter olhos para a finança.

No final de contas, as empresas mais bem geridas, aligeiradas, musculadas obtiveram ganhos de produtividade industrial de 3,5 por cento ao ano ao longo de oito anos de poder da sra. Thatcher, contra apenas 0,7 por cento entre 1973 e 1979. Só por si, este indicador resume o «renascimento» da economia britânica.

Real, portanto, a «revolução Thatcher» não deixa de ser uma revolução bem incompleta. A primeira-ministra, que sonha com um mercado do trabalho tão flexível como o americano, está longe de ter atingido esse objectivo. Segundo fontes patronais, a política de alojamento que favorece mais as aquisições de casa própria do que os alugueres (cujos preços permanecem controlados) trava a mobilidade da mão-de-obra. Os impostos e as taxas pagos pelos salários mais baixos são excessivamente pesados. Impostos e taxas aproximam os rendimentos dos pequenos assalariados daqueles de que vivem os desempregados assistidos e desencorajam estes últimos de procurar trabalho. Por outro lado, o enorme sistema de saúde, durante tantos

anos *ex libris* do *Welfare Estate* britânico, está «muito mal gerido» e cria despesas improdutivas.

Enfim, e sobretudo, a educação é arcaica e forma demasiado poucos técnicos e engenheiros. Assim, cria-se um «nó de estrangulamento» dramático para as empresas: 20 por cento delas, segundo uma recente sondagem patronal (da Confederation of British Industry) não conseguem aumentar o seu ritmo de crescimento devido à falta de mão-de-obra qualificada. A sra. Thatcher prevê reformas radicais em matéria de saúde e de ensino, mas não conseguirá atingir os níveis japoneses, alemão ou até francês a curto prazo.

Os bons índices de crescimento industrial desde 1983 também não conseguem fazer esquecer que a severa queda de 1980-81 ainda não está apagada: a produção mantém-se a um nível mais baixo que o de 1979. O monetarismo dos primeiros tempos matou empresas que tinham hipóteses de sobreviver.

Na Câmara dos Lordes, são muitos os que, desde 1985, admitem que as empresas se tornaram mais sólidas, mas pouco numerosas, e que, globalmente considerado, o tecido industrial do país se tornou demasiado fraco.

A balança comercial, deficitária desde 1983, alimenta esse medo da desindustrialização. O défice manufactureiro atingiu 12,4 mil milhões de libras em 1986. Se o investimento cresce em 1987, a verdade é que desceu um por cento no ano

passado, 4 por cento em 1980 e 25 por cento em 1981. Nos 4,5 mil milhões de libras, ele mantém-se inferior, em mil milhões, ao verificado em 1979.

A sra. Thatcher também não conseguiu travar o declínio da parte da indústria britânica nos mercados exteriores, que desceu de 12,2 por cento em 1980 para 10,3 por cento em 1985. A nível interno, as importações ocupam 34,5 por cento do mercado de produtos manufacturados contra 26,9 por cento em 1979 e 22,8 por cento em 1975. Um automóvel em cada dois passou a ser importado e British Leyland (agora Rover Group) já não controla senão 20 por cento do mercado, contra 31 por cento ainda em 1981.

Todos os sectores, exceptuando o da química e seus derivados, recuaram, incluindo, fenómeno inquietante, os das indústrias de ponta. O défice na informática passou de 200 milhões de libras em 1979 para mil milhões em 1986, apesar da forte presença local da IBM. A privatização da British Telecom provocou a chegada dos suecos da Ericsson e dos americanos da ATL a um mercado que dantes estava «cativo».

Nos parques científicos (aquilo a que os franceses chamam *technopôles*), que a sra. Thatcher transformou em bandeiras da renovação industrial, as críticas são muito vivas: «As medidas fiscais tomadas, o alongamento dos prazos de amortização, talvez sejam boas coisas para as grandes empresas, mas as P.M.I.

da *high tech* só têm perdido com isso», afirma M.R.J.-Smith-Saville, PDG da Signal Processors, pequena empresa de telecomunicações instalada em Cambridge. «O governo não tem visão a longo prazo, não ajuda a inovação nem os novos projectos», diz ele. Os pesados cortes nos orçamentos da I.D. e a falta de engenharia são descritos como erros graves.

O caso Westland, o fabricante de helicópteros que o governo permitiu que fosse tomado por conta pelos americanos da Sikorsky, demonstraria o desinteresse da indústria, ou, no mínimo, a falta de reflexão dos conservadores, qualificados de «partido da City». Esta crítica é partilhada pelas grandes empresas: «muitas das forças deste país estão apenas nas finanças e na Bolsa», deplora Sir Christopher Hoss, da Courtaulds — que é, no entanto, um dos administradores de Maggie.

Meritocracia

As relações ambíguas entre os lucros financeiros e a desindustrialização, o problema das tecnologias de ponta, o reforço das desigualdades de todas as espécies (salariais e regionais, enquanto os ricos estão cada vez mais ricos), a substituição de empregos estáveis por lugares em *part-time* menos remunerados e mais «flexíveis», numa palavra, a «revolução de Maggie Thatcher» exacerba os debates que caracteri-

Retratos no Teatro

Maria João Serrão

Por Manuel Cintra

Vejo a questão assim: o teatro, para ser robusto, para a criação ser mesmo consistente, não pode nunca cruzar os braços e servir-se daquilo que já existe, viver do que outros já criaram. Por outro lado, sem técnicas específicas e rigorosas, sem uma base, terá sempre o aspecto daquela coisa feita mais ou menos, mais ou menos amadora. Ou seja: parece-me essencial que haja pesquisadores, aplicadores de novas técnicas, a todos os níveis, que sejam capazes de levar os actores, em particular, a reformular-se constantemente, de peça para peça. Por isso decidi falar com a Maria João Serrão, que me constava ser um dos poucos pesquisadores da voz, no campo do teatro, a trabalhar activamente entre nós. Descobri mais do que isso: descobri a falta que mais presenças como a sua fazem ao teatro em Portugal.

Fiquei, no fim desta conversa, com a sensação de ter estado a falar com uma lutadora. Mas de um modo estranho: esta mulher, depois de tantas voltas que deu, já não luta agressivamente, já não está presa a ilusões nem a idealismos, já não espera que no nosso país aquilo que é inovador e importante possa ser perceptível a quem poderia apia-lo. A sensação é de que agora a luta vai passar a ser mais pontual, mais específica. As instituições continuam tristemente académicas, inoperantes, paralisadas ou até destruidoras; deixemo-las estar. É nos jovens que Maria João Serrão acredita. Sente que está a nascer, na camada jovem, uma vontade de aprender e uma consciência muito grande daquilo que se quer, de facto, aprender, da direcção certa pela qual optar. E, tão importante ou mais, um entusiasmo grande, vigoroso. Vale portanto a pena fazer tentativas, lutar contra a outra maré indo a favor desta, pois esta estará dentro de anos no lugar da outra. É preciso acreditar nisso. A maneira concisa que Maria João Serrão escolhe para falar. O modo certo como aponta o seu percurso, dizendo apenas o essencial para o descrever, impressiona-me. Eu que sou mais jovem, que não tenho ainda esse rigor nem esse poder de síntese para, por exemplo, nestas páginas me exprimir. Tudo isso me traz uma imagem desta mulher que se mostra, também, magoadá por um País que nunca lhe reconheceu a qualidade do trabalho que tem feito, uma imagem clara: agora não vale a pena continuar com lamentos, já sabemos que é assim. E se apesar disso acreditamos, toca a trabalhar.

Não irei descrever em pormenor um percurso riquíssimo, pois só isso ocuparia grande parte deste espaço, mas apenas alguns pontos importantes: ligada à música desde a infância (também os pais se dedicavam à música) lembra-se de em pequenina dançar e de viver num ambiente musical. Filha única, per-

tenceu a uma família em que primos, tios e avós estavam sempre muito unidos, numa época e numa camada social em que por vezes, como foi o caso da sua mãe, as senhoras estudavam em casa com professores particulares, não havendo, quanto à música, um exame que desse carácter profissional a esse tipo de formação. Depois dessa infância, que lhe deixou a imagem de toda a animação de uma grande família em constante convívio, lembra-se, em contrapartida, que ao entrar na adolescência acompanhou a morte sucessiva de grande parte desses elementos, que morreram uns após outros no espaço de seis anos. Isto deixou-lhe uma marca muito grande. Viria a ficar a dar-se sobretudo com uma prima da mesma idade, que ainda hoje considera como uma irmã. Quis, desde pequena, dedicar-se ao piano. No entanto, isso acabou por nunca acontecer a sério, pois os pais punham os seus estudos no liceu e depois na faculdade à frente dos estudos musicais. Mas a música era já uma atracção forte de mais, ao ponto de a ter levado a interromper estudos superiores, para se dedicar definitivamente a ela. Foi no Instituto de Educação Infantil, onde o facto de ter conhecido Olga Violante determinou definitivamente a sua inclinação, que tirou o curso de educadora infantil. Foi com Olga Violante que desenvolveu os seus estudos musicais, a título particular, tendo então começado a dedicar-se ao canto, pois ao contrário do que desejava, era tarde de mais para se entregar ao piano. Foi pouco depois que, tendo Olga Violante sido convidada para formar o Coro Gulbenkian, Maria João Serrão, tendo feito com sucesso o seu exame de entrada, veio a ser membro fundador daquele coro. Sentiu então necessidade de aprofundar as bases dos seus estudos musicais, pelo que ingressou no Conservatório Nacional, onde tirou o curso Superior de Canto. Foi aliás uma fase intensa e de grande esforço, pois além de ter



casado e ter sido mãe de três filhos em três anos sucessivos, trabalhava como funcionária da Fundação Gulbenkian, tirou o curso do Conservatório e ainda continuava a pertencer ao Coro Gulbenkian, ao qual viria a pertencer durante doze anos.

Tendo então tentado entrar, com sucesso, para o Conservatório de Genève, na Suíça, ali conseguiu tirar em ano e meio, em vez de três, os graus de Aperfeiçoamento e Virtuosidade. Enquanto pertenceu ao Coro Gulbenkian, onde o conhecimento de grandes directores vindos de vários países, assim como de solistas estrangeiros contribuiu grandemente para a sua formação, Maria João Serrão foi frequentando cursos sucessivamente em países estrangeiros, dos quais se destaca, por exemplo, um atelier de música contemporânea em 1978, em Irchonwelz, na Bélgica, sob a orientação de George Octors e Jean-Pierre Peuvion, tendo interpretado no concerto final do curso obras de Brecht/Kurt Weil com o tenor canadiano Jean Claude Picard e John Cage com o próprio George Octors. Entre 1978 e 1982, fez parte do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, com o qual realizou inúmeros concertos em Portugal e no estrangeiro. Com o guitarrista e compositor Lopes e Silva, constituiu um duo de canto e guitarra com quem realizou inúmeros concertos e gravações por todo o País, divulgando música de várias épocas, e particularmente obras de teatro musical para canto e guitarra. Com este duo, viria a participar na Bienal de Veneza de Artes Visuais de 1980, ilustrando sonoramente sobre «videotape» as obras plásticas de artistas portugueses representados naquela exposição.

Maria João Serrão esteve em Paris durante três anos, a partir de Outubro de 82, a convite do compositor romeno Horatiu Radulescu, para fazer um estudo aprofundado das suas obras, tendo ali feito em seguida uma especialização em teatro musical contemporâneo com o compositor grego Georges Aperghis. Durante este período participou como solista em várias realizações musicais, como «Cendrès» de Xenakis, na sala Wagram e «Duru-duru» de M. Finissy na Grande Salle do Centro Georges Pompidou. Estas são apenas algumas das inúmeras actividades desta mulher que

tanto no campo da pesquisa como na prática vocal tem já um percurso impressionante. Como resultado de tudo isto, viria a regressar a Portugal (onde chegou a pensar não voltar), a convite do Conservatório Nacional de Teatro, onde é actualmente professora.

Já antes de ir para Paris em 82, Maria João Serrão tivera experiências com várias companhias de teatro, no campo de aperfeiçoamento da voz dos actores, tanto para cantar como para emitir texto, nomeadamente no Teatro da Cornucópia e Teatro Experimental de Cascais. Sentiu então que precisava de aprofundar os seus conhecimentos nesse campo, para poder exercer aquela prática com maior segurança. Hoje, a técnica que tenta transmitir aos actores consiste em parte numa consciencialização de cada uma de todas as potencialidades do organismo, as quais, no que respeita à voz, estão muitas vezes por desenvolver. Este trabalho é orientado, através de determinados exercícios, mas essa orientação leva a que cada um encontre, por uma via interior, as suas próprias potencialidades e as desenvolva. O desejo é conseguir que a voz de cada pessoa se individualize e mostre as suas características específicas, não indo de todo ao encontro de uma outra ideia, que Maria João Serrão censura energeticamente, de tentar como em muitos coros sempre se fez, que todas as vozes se pareçam, sem que se dê particularmente por nenhuma. Pelo contrário, o seu desejo é o de uma procura de outra uniformidade através de uma individualização de cada elemento. O auto-estudo de cada pessoa para o conseguir passa obrigatoriamente por uma procura interior profunda, a que não estão alheias algumas influências das técnicas ioga, sobretudo a nível da respiração, mas também da atitude. Aliás, Maria João não recusa, dentro de determinados limites, a influência benéfica que algumas teorias orientais vieram trazer num passado recente ao mundo ocidental. A nível do próprio texto que os actores devem dizer em cada peça, tenta dar-lhes consciência da musicalidade própria das palavras e do cuidado que há que ter ao lê-las, estando grande parte da interpretação de um texto já contida no som emitido e na maneira como isso for feito. É por esta razão que a primei-

ra leitura de uma peça em voz alta se torna importantíssima e determinante. Maria João Serrão encontra-se neste momento bastante satisfeita com a receptividade dos seus alunos, vincando que tem tido a sorte de trabalhar com gente muito jovem, a qual se mostra muito receptiva a este tipo de procura. Embora não tenha encontrado até agora nenhum caso de recusa ou de bloqueio muito grande, acha que o tipo de procura profunda de cada um que esta orientação provoca, até encontrar a sua voz, traz por vezes choques graves, difíceis de encarar, pois no fundo desconhecemo-nos por dentro, estando muitas vezes a construir, com a voz e não só, imagens para as quais utilizamos o que vemos nos outros e não em nós mesmos.

Pergunto-lhe pelos seus projectos pessoais, além da sua prática como professora. Mostra-me então um álbum de fotografias, onde se podem ver através de lindíssimas imagens as suas actuações em Paris, na sala do Centro Georges Pompidou. Mostra-mas com um orgulho e um prazer muito grandes, como quem mostra que encontrou já essa capacidade que tenta transmitir aos outros: o prazer nas infinitas potencialidades de cada um de nós, por vezes trancadas no nosso interior até ao fim da vida. E isto parece-me muito importante: ao parar de falar dos outros, ao mostrar uma coisa que é essencialmente sua, a satisfação que transmite não é de pessoa que se gaba ou de vulgar peneira. São coisas que para esta mulher deixaram com certeza de existir. Vive em acordo consigo própria, ainda que em desacordo com muito do que a rodeia, num País onde ter os conhecimentos que conseguiu reunir se torna ingrato, muito ingrato. Aquelas proezas, aqueles imagens onde canta e representa ao mesmo tempo, parecem-me mais de glória e alegria que de guerra. Guerra alegre?

Refere-se a um projecto actual, que muita satisfação lhe tem trazido: o grupo QUINTO-IN-SENSUS, com que aliás actuará em Lisboa no fim deste mês. Trata-se de um grupo de pesquisa no domínio da improvisação. O grupo é constituído por quatro instrumentos (flauta, clarinete, percussão, fagote) e voz, e é constituído além dela própria, por Eduardo Sérgio, Paula Azguime, Miguel Azguime e Robert Glassburner. Este grupo, de música improvisada, irá apresentar-se ao vivo na Drogaria Ideal nos dias 25, 26, 28 e 30 de Junho próximos. Acredita no futuro deste projecto. Fala dele com entusiasmo, com uma ponta de orgulho que, fico eu a desejar, venha a ser ainda maior com o tempo e o desenvolvimento que esse trabalho tiver.

E que aqueles que se dedicam ao teatro e às procuras no domínio da voz oçam este exemplo. Não fiquem sossegados. Procurem, inventem, descubram. Isso é de certeza tão importante para encontrar ideias fortes e verdadeiras, como partes de nós próprios, como soluções para renovar o teatro. Isso é importante para descobrir a alegria. Deve estar, por aí, dentro de nós. À espera. E merece ser encontrada com toda a força.

Fotografia 18 – Figuras do espanto

Descartes e o problema do detalhe

S e é verdade que se podem encontrar, para o detalhe, linhagens tão extensas quanto profundas, a sua emergência moderna propriamente dita processa-se tentacularmente ao longo dos séculos XVII e XVIII. Processo longo, porque a *generalização da preocupação detalhante* não constituiu então uma progressão uniforme mas, antes, um movimento titubeante: para mais, se em certos domínios a conversão, podendo realizar-se inteiramente a partir de uma decisão mais ou menos simples, domínios havia em que a densidade sedimentada das condutas e das práticas opunham uma espessura impeditiva à modificação racional das regras e das disposições que deveriam dirigi-las. Processo tentacular porque, para além de todas as hesitações e de todos os entraves, um olhar que não recuse as perspectivas pode apreender a então crescente importância do detalhe através da profusão, da multiplicidade das suas manifestações: é durante esses dois séculos que se processa não só a tematização propriamente racionalista do detalhe como categoria do pensamento mas também, num número crescente de domínios, o cumprimento efectivo — pragmático, nos seus efeitos de real — desse novo estatuto categorial. Constituído como categoria, o detalhe é erigido em verdade de métodos: as operações de talhe, aferição, escrutínio e enumeração reconstituente que a categoria arrasta consigo começam então a circular intensamente, investindo tanto os campos do saber como os domínios do fazer. Deveria mesmo dizer-se que é sobretudo no fazer do próprio saber, isto é, na *prática da razão* que este investimento primeira e mais profundamente se fez sentir.

Provavelmente redigidas em 1628, as «Regras para a direcção do Espírito» de René Descartes são disso um bom exemplo. Tomemos o enunciado da Regra V: «Todo o método reside na *ordenação* e na disposição dos objectos para os quais se deve voltar o olhar do espírito (*le regard de l'esprit*), para descobrir qualquer verdade. E observá-

la-emos fielmente, se reduzirmos por graus as proposições complexas e obscuras a proposições mais simples se, em seguida, partindo da intuição das mais simples de todas, procurarmos elevar-nos pelos mesmos graus ao conhecimento de todas as outras»¹. Esta regra, «que deve ser seguida tão firmemente por quem quer aceder ao conhecimento das coisas como o fio de Teseu por quem queria penetrar no Labirinto»², assenta na pressuposição de uma ordem: mas de uma ordem demasiado complicada para poder ser imediatamente evidente; pela pressuposição, portanto, de uma ordem que ao espírito humano se apresenta como suficientemente obscura e velada para exigir dele *perspicácia e sagacidade*. Qualidades que são explicitamente apontadas por Descartes como as duas faculdades principais do espírito mas que, não obstante os seus estatutos de faculdades naturais, não se encontram naturalmente realizadas no homem: a tal ponto que elas não podem cumprir-se como poderes do espírito, e a ordem não pode ser desvelada nem a verdade inteligentemente perseguida e encontrada, senão pela mediação necessária do método, que assegura correctivamente a justeza de operações do olho do espírito. Nesse sentido, a brecha aberta pela dúvida no edifício do conhecimento possível, longe de constituir um veredicto último de impotência, resolve-se, afinal, num diagnóstico de incapacidade ou de corrupção mórbidas: e, tal como muito bem o sublinha J.-M. Beyssade, «não há nunca, com efeito, mais do que uma razão metafísica para duvidar: contestar que nossa natureza seja capaz de atingir a verdade. Jamais a ideia de verdade é, em si mesma colocada em questão (por Descartes); mas o nosso acesso à verdade, considerado como a unidade de uma faculdade natural, é como o olho do espírito e, como o olho, essa faculdade pode estar cega ou corrupta»³. Cabe-nos agora, talvez, acrescentar que *essa faculdade é, por natureza, fundamentalmente corrupta*: e que apenas o método permite substituir às sombras equí-



Braço-de-ferro em Harlem, Andreas Feininger, década de 40

vocas que obscurecem a Luz Natural os luminosos frutos da Razão.

Em que consiste a *perspicácia*, e a que diz respeito a justeza do seu cumprimento nos desempenhos da intuição? Numa palavra, *perspicácia* é para Descartes a faculdade de *ver distintamente*, e a sua importância deriva directamente do vigor da exigência cartesiana de que as nossas representações sejam não apenas claras, mas também distintas: pois «para dizer a verdade, a maneira como é necessário utilizar a intuição intelectual aparece-nos assim que a comparamos com a visão ocular. Com efeito, aquele que quer abranger com uma só olhada vários objectos ao mesmo tempo não vê nenhum deles distintamente; e, igualmente, aquele que tem como hábito prestar atenção a várias coisas ao mesmo tempo, num só acto de pensamento, é apenas um espírito confuso. Contrariamente, os artesãos que operam em trabalhos de precisão, e que têm o hábito de dirigir atentamente os seus olhares para

cada ponto, adquirem com o costume o poder de discernir perfeitamente as coisas mais pequenas e as mais finas; de igual modo, aqueles que jamais dispersam o seu pensamento por diversos objectos ao mesmo tempo, e o concentram sempre por inteiro na consideração das mais simples e mais fáceis coisas, adquirem *perspicácia*»⁴. Não é difícil de comprovar, a partir deste excerto, que a intuição distinta comporta sempre um elemento de *discriminação*, de *separação pela diferença*: colocada como modelo de uma intuição *perspicaz*, uma observação atenta das minúcias é tematizada por Descartes como devendo pôr em jogo um poder de *discernir* as coisas mais pequenas e mais finas. Redução à simplicidade que corresponde aqui a esta exigência de discernimento de um *ver* que decompõe para melhor observar, segundo um imperativo estro de exaustividade das partilhas; imperativo que Descartes não abandonará, antes reforçará ao enunciar o prin-

cípio segundo do seu Discurso do Método: «dividir cada uma das dificuldades que eu examinar em tantas parcelas quantas se o pudesse e fosse necessário para melhor as resolver»⁵. É bem sabido que, por outro lado, este movimento que decompõe apenas o faz para poder recompor, apenas divide para poder enumerar: assim, se a divisão é o processo necessário para aceder à consideração das coisas mais simples na sua natureza, o imperativo de «conduzir ordenadamente os meus pensamentos, começando pelos objectos mais simples e mais fáceis de conhecer por subir pouco a pouco, como que por graus, até ao conhecimento dos mais compostos»⁶, faz dessa divisão analítica o primeiro momento de um movimento que oscila entre as partes e o todo, e em que ambos incessantemente se determinam reciprocamente. E, se à divisão analítica corresponde, justificando-a na sua exaustividade, o pressuposto de uma *continuidade das partes no todo*, à recomposição conjecturada que lhe sucede assiste a pressuposição de uma *continuidade das operações do movimento pensante*: daí, a conveniência estreita que associa, em Descartes, a exaustividade das partilhas à amplitude das enumerações reconstituíntes. Divisão, recorte portanto, das dificuldades ou questões mais complexas nos seus termos mais elementares, nas suas parcelas mais simples; o que nos legitima na posição da questão que nos ocupa nos termos que se seguem: será a evidência, essa verdade que «aparece ao espírito de modo imediato»⁷, e da qual a intuição supostamente se apropria o correspondente intelectual do detalhe? A resposta a esta questão obriga-nos, por um lado, a rejeitar as concepções mais estáticas da intuição, como pausas da inspecção do espírito, imobilizadas na contemplação passiva de uma pose da verdade; por outro, e decorrente da rejeição que acabámos de enunciar, a tentar explicitar a relação difícil — ambígua, senão paradoxal — que o momento da intuição mantém com o momento intelectual em que esse acto pensante se determina em relação ao seu objecto.

NOTAS

(1) Para as obras de Descartes, a edição utilizada foi «Oeuvres Philosophiques», Garnier Frères, Paris, 1963 (edição e apresentação ao cuidado de Ferdinand Alquié). Para a citação referida, cf. p. 100.

(2) Idem, p. 100.

(3) Cf. o excelente livro de J.-M. Beyssade «La Philosophie Première de Descartes», Col. N.B.S., Ed. Flammarion, Paris, 1979, p. 76.

(4) Cf. a explicação da Regra IX, loc. cit., pp. 123-124.

(5) Descartes, loc. cit. «Discours de la Méthode», p. 586.

(6) Idem, p.p. 586-587.

(7) Idem, nota n.º 2 do F. Alquié na pág. 586.

Pedro Miguel Frade

Na quinta-feira 18,
feriado de Imprensa,
não se publica o
TER-ESCREVER

A «glasnost» contada pela Imprensa soviética

A «inundação de serviços» ainda a conta-gotas

Desde 1 de Maio deste ano que os cidadãos soviéticos podem montar a sua «empresa», se para tal receberem uma autorização especial como prevê a Lei sobre Trabalho Individual aprovada em Novembro de 1986. Não se trata do retorno à iniciativa privada, como frisam as publicações soviéticas, nem «seria justo» compará-la a uma segunda versão da NEP - Nova Política Económica - dos tempos distantes de 1920. Contudo, se a política de então retomava temporariamente algumas regras de mercado para interessar a camada camponesa a produzir, a recente legislação vem dar um empurrão aos mais audazes e, quem sabe?, aos futuros desempregados das empresas sem capacidade de se autofinanciar, preenchendo as lacunas dos serviços estatais.

O apelo é para «inundar» o mercado de bens e serviços que os organismos estatais não conseguiram prestar e, apesar de se negar a iniciativa privada, o estímulo material é muito forte, ao ponto de gerarem controvérsia os elevados rendimentos criados, como é exemplo o caso do único café cooperativo contado no «Izvestia».

A fazer fé numa edição deste diário soviético, o caso foi bastante comentado. O director da cooperativa foi inclusivamente convidado a participar num programa de televisão e explicar perante todos como seriam as contas do empreendimento.

As elevadas remunerações arrecadadas provocaram o comentário e o «diz que disse» de quem está de fora. Alguns desconfiavam que alguém estivesse a ganhar mais do que devia, outros aplaudiam e louvavam que se ganhasse mais se se trabalhasse mais.

Defendendo ou criticando, todos se mostraram igualmente curiosos e, logo que o estabelecimento anunciou pela televisão a sua abertura há dois meses, os pequenos almoços previstos não chegaram a ser servidos, tal era a bicha de frente do café Kropotninskaiia. Agora só abre ao meio-dia e metade das mesas destinam-se a reservas com mais de um mês de antecedência, regra sem a qual a cozinha não consegue dar vazão ao serviço.

Aplicando as poupanças

«As empresas públicas e as cooperativas não satisfazem hoje completamente as necessidades da população em mercadorias e serviços», escreve-se na revista de divulgação «União Soviética». «Isso repercute-se tanto no estado de espírito das pessoas como na economia. Sabemos por exemplo que importantes somas de dinheiro se encontram pura e simplesmente «congeladas» na mão da população que não lhe pode dar o uso que merecem». E isso faz com que haja «mercadorias que, devido a sua qualidade, ganham pó nas lojas e depois são destruídas».

Segundo o professor Leonid Kunelski, autor destas palavras, a solução encontra-se em pequenas unidades produtivas ou de prestação de serviços, flexíveis, capazes de reagir mais prontamente «à procura, à moda e ao desejo do cliente», contribuindo para estimular as empresas estatais.

Kunelski não defende uma causa polémica. O secretário geral do PCUS já formulara o ano passado semelhantes teses ao apresentar o relatório do Comité Central ao auditório dos delegados ao último congresso do seu partido.

Da tribuna do XVII Congresso, Gorbachov prometeu que o Estado apoiaria «o desenvolvimento de diversas formas de satisfação da procura da população e de prestação de serviços». Empolgou os delegados para a urgência de «inundar o mercado de diversos produtos e serviços»,

como forma de elevar o bem-estar popular e chamou a atenção para a análise de «propostas de regulamentação de actividade individual», daqueles que «ganham honestamente com o trabalho extra», por oposição aos «mandriões(...) e corruptos» «que prejudicam a propriedade socialista e enveredam por uma via alheia à natureza do regime».

As propostas que receberiam esta-tuto legal nove meses depois da sua intervenção, poderão visar, além da actividade de 55 milhões de reformados, cinco milhões de estudantes universitários e dos muitos milhões de donas de casa, ainda muitos de -sempregados surgidos de empresas incapazes de resistir ao regime de «transparência» produtiva quando for instituído o regime de «autofinanciamento» e de «autogestão».

Serviços com despedidos?

«Não deixarão de haver falências das empresas que trabalham mal», adverte a académica T.Zaslavskaiia. «Uma parte dos trabalhadores de outras empresas indirectamente afectadas», continua, «serão também demitidos».

Para resolver a situação, é proposto o aumento dos turnos nas empresas bem estruturadas e ainda a criação de outras empresas. Ou tal como é opinião do Professor N.Aitov e de Zaslavskaiia, «desenvolver a construção e a esfera de serviços públicos» ou de serviços em geral.

A nova lei abrange actividades que vão desde a agricultura em lotes individuais, a indústria de calçado, têxteis, cerâmica, artesanato, passando pela prestação de transporte e reparação automóvel, alargando-se à construção e equipamento habitacional, consertos vários, assistência, cabeleireiros, venda de produtos agrícolas, exploração familiar de cafetarias, bares e, inclusivamente, a prática de medicina privada.

Aliás, dos cinco mil inscrições até agora entregues, um terço deles são pedidos de médicos que desejam exercer a sua profissão individualmente.

Ainda não se conhecem, contudo, todos os aspectos com que os novos serviços irão surgir. Tudo parece estar a ser criado de novo, em regime experimental, levando às mais variadas opiniões. «As grandes vantagens da esfera do trabalho individual e cooperativo no plano social não são devidamente apreciadas», confessa V.Ivanov, director do Instituto de Pesquisa Sociológica da Academia de Ciências da URSS.

Na base da polémica estão os preços praticados e, em consequência, os rendimentos extraídos dessas actividades. Para alguns, essa é a sua maior virtude num sistema em que o regime de preços foi severamente criticado como «voluntarista e arbitrário», esperando-se que seja brevemente corrigido. «Os preços nos cafés cooperativos é um fenómeno objectivo, não é possível administrá-los», defende U. Lujnikov, vice-



-presidente do comité executivo de Moscovo que anunciou já estar prevista a autorização de mais 40 cafés além do único neste momento existente, o café Kropotninskaiia que tanta celeuma levantou.

Director do café explica-se

O jornal «Izvestia» esteve no meio da discussão e o repórter Parhomovski foi mesmo ao encontro do director do café cooperativo. Os boatos falavam de lucros fabulosos, de pratos de leitão a 60 rublos quando a média ronda os dois e especulações tais que teriam levado nomeadamente «os mandões do café cooperativo para a prisão».

Fedorov desmente. Fala como o repórter, avança números médios, diz que tudo está nos conformes, mas evita falar de rendimentos globais.

- O preço do leitão no mercado é de 40 rublos - diz ele - e depois de preparado fica com três quilos. Nós acrescentamos uma percentagem de 50 por cento e tiramos o preço, sessenta rublos. Por isso, por cem gramas paga-se dois rublos quando a mesma porção no restaurante de primeira custa 1,5 rublos. A diferença é de 50 copeques, ou seja, um terço mais caro. Mas a matéria prima custa-nos mais caro 2,5 vezes e, além disso, no sistema estatal o lucro é de 125 por cento contra o nosso de 50 por cento.

- E quanto custa um almoço? - insiste o repórter - Lembre-se que no programa de televisão você prometeu que não seria mais de 2,5 rublos.

- E é assim - responde Fedorov - Ao almoço, nós cobramos dez por cento de margem de lucro e tiramos 25 copeques por cada almoço se servirmos cem que corresponde à nossa capacidade. Isto representa somente 25 rublos de lucro. Perdemos nos almoços, não conseguimos cobrir os custos. A nossa política social é compensarmos com preços mais altos à noite. A falta de rentabilidade para nós seria a bancarrota.

A situação não parece brilhante. E tudo ainda se complica quando o café cooperativo não consegue obter a matéria prima.

- Esse é o nosso principal problema: o abastecimento. Temos dificuldade em comprar carne no mercado e muitas vezes chegamos e dizemos: «chegaram tarde, mesmo agora a cooperativa da lavandaria levou tudo». Eu não sei o que vai acontecer quando abrirem mais cafés e nós tivermos de entrar em concorrência.

A concorrência que Fedorov não repudia e até concorda que trará benefícios ao permitir servir melhor o cliente e até baixar os preços.

- Até agora temos estado à vontade. Para quê trabalhar mais depressa se a bicha se mantém à porta?

Contudo, a situação não se irá manter assim. Vão ser precisas outras medidas. Mas quais?

- Devíamos criar a nossa própria base de autoabastecimento, separados ou em conjunto, de modo a permitir baixar o preço da matéria prima e dos preços ao cliente. Mas estamos a pensar também em abrir um self-service e no período de férias preparar serviços para os locais de descanso. Para isso, organizamos cozinhas ambulantes, para vender canja e hamburger's no pão. Fizemos as contas e somos capazes de vender até 1 500 refeições por dia com um preço de 75 copeques.

E a pergunta fatal chega. A questão é os lucros obtidos no primeiro mês de trabalho.

- Não temos queixas quanto aos lucros. Eles hoje cobrem completamente os impostos ao Estado, o cumprimento da dívida sobre o imobiliário e utensílios, de construção, salários dos membros da cooperativa e dos trabalhadores com contrato.

- E qual foi o seu salário? - volta o repórter à carga.

Fedorov rodeia a pergunta e tenta defender-se nos números que poderão parecer escandalosos.

- Recebi o devido pelo trabalho que fiz. O nosso trabalho duplica em relação ao habitual. Todos nós nos substituímos e não temos medo de qualquer trabalho pesado e por isso o salário de cada membro da cooperativa ronda os 400 e 500 rublos, enquanto o «trabalhador-convidado» com um dia de trabalho diário mais pequeno leva entre 200 e 300 rublos.

E é quando os números se apresentam que os problemas se levantam, gerando polémica. Os seus defensores admitem os valores elevados, mas acrescentam que «não se deve ter medo dos salários altos, mas sim das baixas produtividades».

No mesmo sentido - de aceitação das novas realidades -, se pronunciou este mês o Comité Central num apelo de exaltação à população pela aproximação do septuagésimo aniversário da Revolução de Outubro, quando ainda se está em Junho. Nesse comunicado, o órgão superior do PCUS «apela para a coragem do povo soviético», reconhecendo não ser «fácil ultrapassar as formas, os métodos e os hábitos obsoletos». E acrescenta, sintomaticamente: «não existem soluções prontas para todos os casos, o processo de reestruturação deverá funcionar como um laboratório experimental nacional».

Contudo, a preparação psicológica que se pretende com este apelo não se dirige a aplanar possíveis divergências à Lei da Actividade Individual ou exclusivamente aos casos semelhantes do café cooperativo. As maiores dificuldades esperam os responsáveis políticos da URSS quando terminar o plenário do Comité Central do próximo dia 18 onde tudo indica se tomarão medidas económicas revolucionárias, integradas no actual processo de renovação.

João Almeida

Mensagens Pessoais

Caravana

Caravana pequena s/uso, ano de 87 com avançado. Trata telef. 63 28 64.

Alvéolo — Meco

ALUGO ALVÉOLO — pelo tempo que desejar, até Março.88, com 100m², Aldeia Meco/Sesimbra a 200 metros da praia. Tem água, luz, esgoto. Tel. 276 18 07 depois 18h.

Espanhol audio-visual

«Compro curso audio-visual de espanhol, usado. Telef. 988 19 50».

Máquina de escrever

Compro, usada, em bom estado, de preferência teclado nacional. Propostas: Daniel, telef. 70 26 81 (de Lisboa), depois 19 horas; ou por escrito: Rua Actor Alves da Cunha, 5 — 1500 Lisboa.

Açoriano Oriental de 5/5/1835

Vendo pela melhor oferta um exemplar do n.º 5 do **Açoriano Oriental**, de 5 de Maio de 1835. Relíquia impossível de encontrar — o próprio jornal, o mais antigo do País, não a possui. Ofertas a M.ª da Conceição de Almeida Colaço, R. Rangel de Lima, lt. 5, r/c., esq., 2795 Linda-a-Velha.

Opel Corsa

Cedo posição ACP — Auto Grupos com 15 prestações vencidas. Próximo sorteio em 23/6/87. Contacte a partir das 21 horas através do telefone 4106875 Lisboa.

Mobiliá de quarto

Vendo mobília de quarto, pinho encerado, modelo Dimensão Móveis, estado novo. Telefone 670714

Nazaré

Andar mobilado no centro da Nazaré, períodos de 15 dias/1 mês-Verão. Contactar a partir das 20 horas Tel. 41442 — **Alcobaga**
Às quintas-feiras às 17 horas Telef. 52354 — Nazaré.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o Diário de Lisboa de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais» Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.